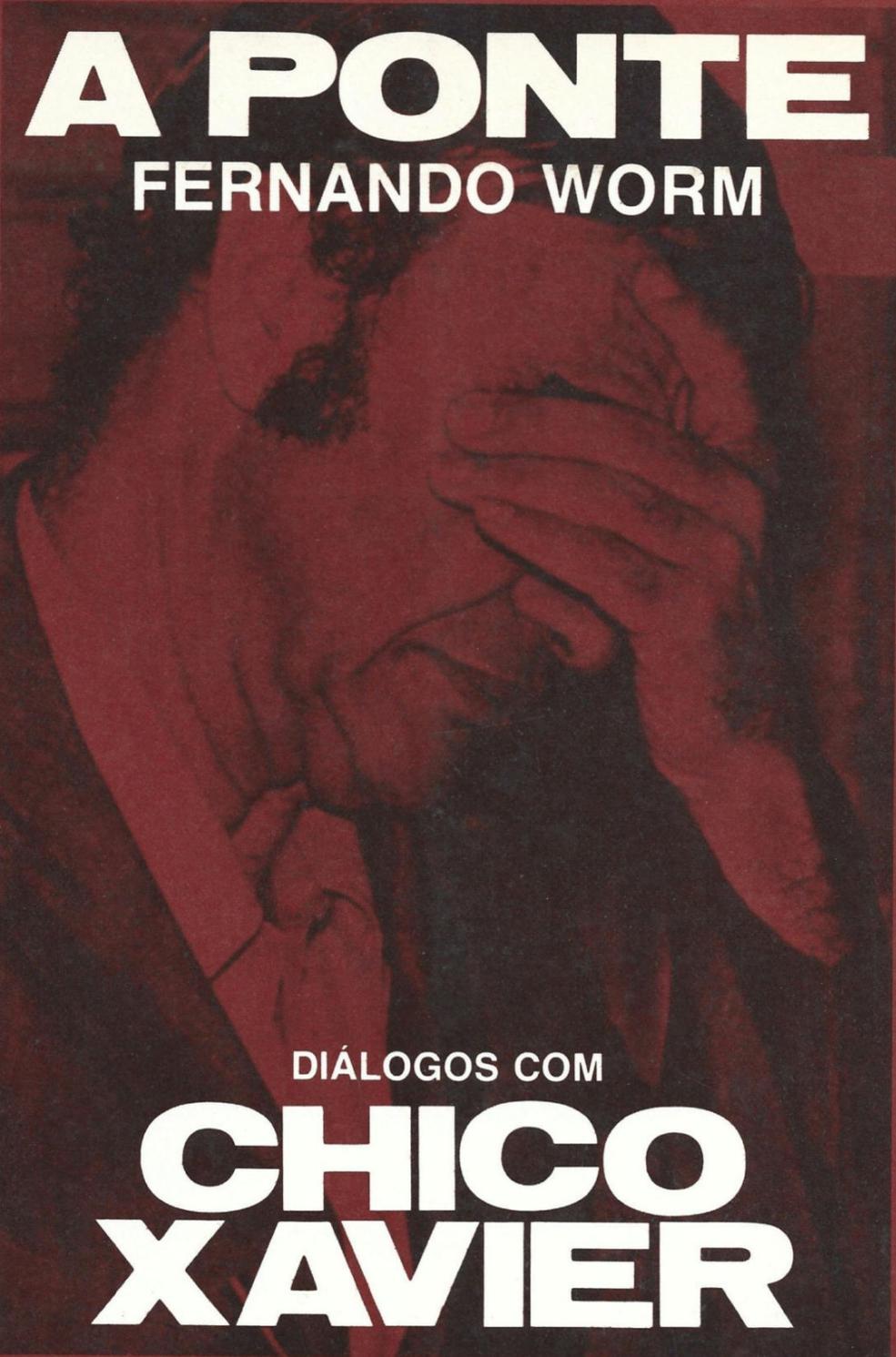


A PONTE



FERNANDO WORM

DIÁLOGOS COM

**CHICO
XAVIER**

Não se irrite.
SORRIA

Não critique.
AUXILIE

Não grite.
CONVERSE

Não acuse.
AMPARE

ANDRÉ LUIZ

FERNANDO WORM

A PONTE
DIÁLOGOS COM
CHICO XAVIER

FERNANDO WORM

A PONTE
DIÁLOGOS COM
CHICO XAVIER

PORTO ALEGRE
LIVRARIA DO GLOBO
1977

1.^a edição
julho de 1977

Copyright © 1977 by Fernando Worm

Utilizamos nesta obra a ortografia oficial
regulamentada pela lei n.º 5.765 de 18.12.1971

Impresso no Brasil
Presita en Bazilio

Capa de Ruben Herrmann

Planejamento gráfico de
Wilson Ferreira Bittencourt

“Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma. Dai mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não julgueis vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua.”

ALLAN KARDEC (A Gênese)

“Antes, ao termo da vida, dizíeis ‘eterno adeus’, aos que vos são caros ; agora, dir-lhe-eis: ‘Até breve!’ ”

ALLAN KARDEC (A Gênese)

“Escutai, comparai, aprofundai. Incessantemente vos dizemos que o conhecimento da verdade só a esse preço se obtém.”

ALLAN KARDEC (O Livro dos Médiuns)

“Ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica.”

“Os espíritos que verdadeiramente se amam desconhecem o que seja abandono ou esquecimento.”

“O bem constante gera o bem constante e, mantida a nossa movimentação infatigável no bem, todo o mal por nós amontoado se atenua, gradativamente, desaparecendo ao impacto das vibrações de auxílio.”

ANDRÉ LUIZ (Evolução em Dois Mundos)

“Lembra-te de que as civilizações se sucedem no mundo, há milhares de anos, e que os homens, por mais felizes e mais poderosos, foram constringidos à perda do veículo de carne para o acerto de contas morais com a Eternidade.”

EMMANUEL (O Reformador — 3/53)

“O tempo de trabalho mediúnico para mim tem servido para medir a extensão de minhas deficiências. Quanto mais escrevem por mim os nossos Benfeitores Espirituais, mais se clareia a minha própria situação, para mim mesmo, e vou observando quanto tenho a fazer, a fim de melhorar-me.

“Tenho a idéia de que sou uma pedra gretada pelo tempo, com vasta coleção de animais a me habitarem por dentro; nossos Amigos me tomam o braço para escrever e, como se uma luz aparescesse ao meu lado, consigo então me ver tal qual sou.

“E aí começa o meu relatório íntimo de tarefas que me cabem realizar, em auxílio a mim próprio.”

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (carta ao autor em 26/11/75)

*Num dia de maio de 1855, às 20 horas,
Allan Kardec
dá início às primeiras observações
em torno da comunicação
com o Mundo dos Espíritos.*

*A 8 de julho de 1927, às 20 horas,
Francisco Cândido Xavier
inicia seu intercâmbio mediúnico
com o Mundo Espiritual.*

*Os milênios de caminho evolutivo que todos somos levados a
percorrer, com vistas à nossa elevação, não nos parecerão tão lon-
gos ou excessivos se considerarmos que uma simples e bela or-
quídea, do gênero Vanda Onoméia, requer 25 anos de cuidados
para produzir a primeira floração...*

F.W.

Dedicado a todos os que ainda não se encontraram em Deus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I — DA CIÊNCIA DE VIVER	9
II — A PORTA ESTREITA DA MEDIUNIDADE	17
III — VIDA, SEXO, AMOR E PAZ	29
IV — NINGUÉM MORRE	51
V — DUAS CERTEZAS NO FUTURO DE TODOS NÓS: MORRER E RENASCER	61
VI — COMPLEMENTO DA TERCEIRA REVELAÇÃO	69
VII — MEIO SÉCULO EM TEMPO DE ETERNIDADE	101

INTRODUÇÃO

Minha mãe morrera um ano antes e, no íntimo, ainda me ressentia de repercussões nostálgicas da peregrinação que fizéramos à Terra Santa, em alternada busca de cura para a enfermidade física que permitia prever para breve seu desaparecimento.

Circunstâncias particulares da minha vida me haviam levado então, à cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais. Poderia ter escolhido Goiânia, Caratinga, Ouro Preto ou qualquer cidade menor que me oferecesse clima e isolamento necessários à conclusão de um trabalho de pesquisa histórica sobre José Gomes de Vasconcelos Jardim e a Revolução Farroupilha, encomendado pela prefeitura de Guaíba, minha terra natal. Por razões que na época não compreendi e que só tempo futuro haveria de clarear adequadamente, a escolha recaiu naquela formosa cidade do Triângulo Mineiro.

Cinco anos antes eu perdera meu pai, subitamente. Mas foi essa segunda e sacrificial antevisão dos enigmáticos caminhos da morte que me induziram a uma insegura mas inafastável reavaliação dos valores tradicionais e terrestres da vida, considerada sua fugacidade e ilusória realidade.

De temperamento afeito às futilidades mundanas, para mim, até então nada mais contava além dos cinco sentidos normais da criatura humana, na agenda de cogitações do dia-a-dia. Os impulsos e instintos hedonistas da existência — respeitadas apenas as regras da convivência social — integrantes da natureza do homem tal como foram concebidos pelas espécies, representavam uma compensação natural a contrabalançar os percalços e adversidades com que todos normalmente nos defrontamos na luta pela sobrevivência.

De resto a vida sempre me parecera, senão claramente injusta pela incompreensível desigualdade de sorte das criaturas, pelo menos francamente ilógica no que tangesse ao ser humano.

Meu primeiro encontro com Francisco Cândido Xavier — Chico Xavier, como ele mesmo prefere — foi simples e intencional.

Pensei cá comigo: embora minha mãe já não esteja viva, nada impede que eu de alguma forma satisfaça antigo desejo seu.

Por informações obtidas na portaria do hotel, soube que Chico Xavier atendia ao público às sextas e sábados à noite, na sala mediúnica da Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba.

Logo ao início dos trabalhos, a pretexto de aproximação lhe ofereci um livro de poesias que eu mandara imprimir alguns meses antes. Enquanto ele agradecia aproveitei para perguntar se poderia entrevistá-lo para um jornal de Porto Alegre, tendo como assunto Freud e as novas tendências da Psicanálise à luz da mediunidade espírita. Respondeu-me que sim, que eu aguardasse por perto o final dos atendimentos ao público para então conversarmos. Alguém me informaria logo a seguir que aquela longa fila de pessoas em ansiosa busca de solução, cura ou amenização para males do corpo e da alma, findaria só ao raiar da manhã seguinte.

Decidi então voltar ao hotel para, no outro dia, prosseguir nas pesquisas que me tinham levado a Uberaba, desinteressado já da entrevista e das respostas que viesse a me fornecer sobre o campo da Psicanálise.

Inobstante, e talvez para me distrair do exaustivo trabalho a que me entregara com afinco, voltei à sala mediúnica na noite seguinte. Ao ver-me, o médium pediu que o aguardasse na sala ao lado, ele iria interromper os atendimentos para responder textualmente ao que eu propusera.

Enquanto esperava, rapidamente refiz os quesitos da entrevista em pauta.

Durante os 90 minutos seguintes, enquanto seu ágil lápis mediúnico deslizava sem nenhum tropeço ou hesitação sobre o papel, ante a presença inspirativa de Emmanuel, seu Guia e Benfeitor Espiritual, tive pela primeira vez a curiosa sensação de que já nos conhecêramos antes, de que aquele era um reencontro de duas pessoas, ou de dois espíritos ligados por algum laço impreciso e separados involuntariamente, por um longo tempo. Embora o médium Xavier viesse a me confirmar essa impressão muito tempo depois desse encontro, preferiu não aprofundar o assunto na única ocasião em que o mesmo foi ventilado.

Distraidamente eu reparava em seu tipo de estatura corpórea baixa, a voz macia quase sussurrante, embora bem empostada, o

jeito afetuoso, característico do interiorano mineiro, as mãos gordas e expressivas, o linho branco da roupa informal...

Intrigava-me o não atinar com a origem daquele persistente pressentimento de que juntos convivêramos em alguma parte, num tempo recuado, apesar da paradoxal certeza de que nunca o vira antes a não ser em fotos de jornais e revistas.

* * *

Concluí meu trabalho sobre Gomes Jardim e o episódio farroupilha, publiquei a entrevista em jornal e tratei de não mais pensar no assunto.

Apesar disso, alguns meses mais tarde voltei a Uberaba sob pretexto de nova entrevista com o médium, no que fui prontamente atendido.

No íntimo levava comigo um indefinível desejo de conhecê-lo melhor, de tentar quem sabe um aprofundamento psicológico de seu fenomênico mundo interior.

No culto do Evangelho no Lar que realiza aos sábados em lares humildes, eu vira a água de torneira, após fluidificada pelo Espírito Scheila, transcender um perfume sem similar terrestre entre os que conheço.

Minha mãe, que era espírita, em sua lenta, paciente e corajosa agonia, me falara desses fenômenos, sempre ouvidos por mim com silencioso descrédito.

* * *

Neste quase meio século da minha vida atual, as experiências, prazeres e ardis do mundo desenvolveram em mim o instintivo hábito de pelo menos tentar ser lúcido, racional e objetivo em meus critérios de avaliação.

Alguns fatores iniciais, portanto, levaram-me a um estudo analítico e descompromissado das obras de Allan Kardec: a inabalável confiança que minha mãe tinha nas excelências da vida de alémtúmulo e o conseqüente destemor com que testemunhou isso ante a presença da morte, à qual veio juntar-se a paciente receptividade de Chico Xavier em ouvir minhas perplexidades materialistas.

Até então eu jamais sonhara que haveria enfim de encontrar nas obras kardecistas a tão buscada resposta para transcendentais problemas da existência do homem no orbe terrestre.

Mas, este não é um depoimento de como o quase ateísmo do pobre autor destas linhas se diluiu qual neve ante o sol dardejante de luz e amor que configura o indescritível mundo espiritual de Chico Xavier.

Este livro, quase todo de perguntas e respostas — estas dadas por Emmanuel — contendo a maior parte das entrevistas publicadas, não pretende ser um trabalho biográfico no sentido de enumeração cronológica de datas, lugares e fatos importantes de sua vida apostolar.

Aqui, tento descrever um pouco do incomensurável Mundo Maior em que se movimenta o interexistente Francisco Cândido Xavier.

Ciente das minhas próprias limitações, e das limitações inerentes à linguagem humana, percebo que o esforço não passa de tímida tentativa de levantar uma ponta do véu capaz de entremostrear esse Mundo Extraordinário, povoado de Seres Maravilhosos constantemente a nos exortarem no rumo da elevação, da delicadeza de sentimentos, da reforma moral. Tudo para que um dia, galgados os degraus da evolução, suplantemos o determinismo das reencarnações em direção a mundos mais evoluídos, a mundos de luz, em direção a Deus.

Em meio século de mandato mediúnico exercido com devo-tamento e dignidade incessantes, Chico Xavier psicografou mais de 150 livros através de dezenas de Espíritos Luminosos.

No prefácio de uma dessas obras (*Libertação*), Emmanuel re-corda a antiga lenda egípcia do peixinho vermelho que vivia no lago central de um formoso jardim, adornado de ladrilhos azul-turquesa. Esse peixinho vivia menosprezado na sua comunidade de peixes nédios e satisfeitos que, arrebatando para si todas as formas larvárias, ocupavam todos os lugares disponíveis para o descanso. Alimentado por diminuta fonte d'água, o lago possuía, no outro lado, uma grade muito estreita por onde escoava suas águas.

Certo dia o magérrimo peixinho, à custa de grande esforço, cruzou a apertada grade do escoadouro e avançou pelo rego d'água. Embriagado pelas belezas do novo meio ambiente, viu peixes de famílias diferentes, flores encantadoras, pontes, um rio maravil-hoso e, afinal, o grande mar. Depois de certo tempo de vida no ambiente inigualável que desfrutava, morando num Palácio de Co-ral, condeu-se daqueles com quem convivera na infância e deci-

diu empreender a difícil viagem de volta a fim de não privar os seus das valiosas informações que obtivera.

Para seu maior espanto, entretanto, os peixes pesados e ocio-sos da sua antiga comunidade não só fizeram ouvidos de merca-dor aos relatos de sua prodigiosa aventura, como nem sequer ha-viam dado pela ausência do peixinho. Gargalhadas estridentes im-possibilitaram afinal o relato que desejava apresentar. Todos con-cordaram em que ele delirava, que outra vida além da daquele lago era totalmente impossível, e que tudo não passava de inven-tivas de um cérebro demente. Expulso a golpes de sarcasmo, o peixinho regressou silente ao mar, ao seu acolhedor Palácio de Coral onde se instalou em definitivo. Após alguns anos devasta-dora seca abateu-se sobre a região do formoso lago, as águas bai-xaram muito de nível e a comunidade de peixes, atolada na lama, pereceu por inteiro.

* * *

Até certo ponto a vida e a obra de Francisco Cândido Xavier reescrivem a história dessa significativa lenda egípcia, toda ela plena de símbolos perenes.

A diferença fundamental reside no fato de, com o escoar do tempo e dos fatos que formam a inesgotável correnteza da vida, hoje muitos crêem convictamente na integral veracidade dos rela-tos dos Espíritos acerca da vida além da Campa que a todos nos aguarda.

Cientes de que só as formas físicas desaparecem e que a vida do Espírito é imortal, muitos são os que sinceramente se esforçam em cruzar a estreita grade que nos separa do luminoso mar da Eternidade.

No que me tocou e toca, não foram as benesses da fé que me apontaram os caminhos do Espiritismo.

Só o conhecimento haurido na dor e na desventura traz em si o condão extraordinário de descerrar gradualmente a visão inte-rior, abrindo de par em par as comportas do Espírito encerrado no estreito claustro das ilusões.

Sem o Espírito, a ciência materialista nada explica. Com a ciência, o Espiritismo tem a chave que tudo explica.

Tudo aquilo que não encontrei em sistemas filosóficos puros e em conceituações materialistas ou teológicas, dogmáticas ou não, fui encontrar, e encontrar abundantemente, na Doutrina Es-pírita.

Sei que o caminho, não isento de quedas e soerguimentos, é naturalmente longo e pontilhado de aflições, mas a experiência me ensinou que, à medida que vou assimilando e me esforçando para pôr em prática os preciosos ensinamentos morais do cristianismo redivivo, vai gradualmente desaparecendo aquele indescritível vazio espiritual que faz da jornada humana na face terrestre algo afinal amargo, absurdo e largamente sem sentido.

A teoria espírita, por outro lado, me parece sem complicações, podendo ser assimilada naturalmente por qualquer pessoa, sem constrangimentos nem reservas.

O sentido positivo e perquiridor que lhe estrutura as bases, tornando-a receptiva a todas as verdades científicas que forem surgindo, sustenta-lhe o caráter harmonioso, renovado e renovador, consentâneo com os planos evolutivos que norteiam a vida e a inteligência em nosso orbe.

Por muitas e plausíveis razões, o Espiritismo Kardecista é o providencial socorro e bênção do Criador à Humanidade inteira.

É dentro deste quadro de luz cambiante que avulta o valor perene da obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.

À feição do peixinho vermelho da citação de Emmanuel, todos um dia iremos descobrir que, além dos limites precisos do poço estreito em que vivemos, há mundos abençoadamente superiores ao nosso.

Conscientizamo-nos de que este nosso Planeta, um dos menores na escala de colossais medidas do Universo, se assim podemos representá-lo, não passa de educandário provisório para o nosso desenvolvimento.

Dia virá em que a ciência da humanidade descobrirá na obra dos Espíritos psicografada pelo médium Xavier um manancial fiel, transcendente e revelador, complementar da Codificação, que é a Consolação prometida pelo Cristo, a jorrar incessantemente do Mais Alto em benefício de todos.

* * *

Tendo pedido a Chico Xavier que corrigisse e emendasse eventuais erros e lacunas nos textos que lhe enviava pelo correio, foi com indizível surpresa que recebi sua carta de 28 de março de 1977, acompanhando as três primeiras partes do livro, na qual lê-se o seguinte: "Pedi ao nosso caro Emmanuel nos auxilie e ele te pede consentimento para substituir algumas palavras como o fez, no texto.

"O sinal / mostra o lugar onde nosso Amigo Espiritual julga interessante faças parágrafo. E o sinal '— * —' entre as perguntas e respostas — diz o nosso Emmanuel — indica o lugar em que, se concordares, podes dar um espaço em branco maior, dando separação às questões. Diz ele que isso fará o livro mais elegante e mais leve, porque ficará não compacto.

"Penso que podemos contar com a tua aprovação".

Desta forma, através a mediunidade de Francisco Cândido Xavier, o Benfeitor Emmanuel, certamente compadecido da minha rude condição e nível de escritor terrestre, com palavras de inefável estímulo estendia-me mão samaritana e amiga, objetivando um desempenho mais cristão na tarefa que me impus.

Outras cartas com preciosas anotações do Benfeitor Emmanuel, sempre com o objetivo de me auxiliar, foram recebidas durante os trabalhos do livro.

É certo que os pontos de vista e apreciações de minha autoria, facilmente identificáveis pelo leitor atento — vide conceitos que emiti na compilação do sexto capítulo deste livro, por exemplo — são de minha concepção e interpretação pessoal. Inobstante, desde a escolha do título, leveza de estilo e inúmeros outros auxílios na propositura das questões, mais a presença inequívoca do Mundo Espiritual durante todo o tempo de preparação desta obra, que em certo sentido é um depoimento para o presente e para o futuro, são fatores de grande amparo em prol deste modesto trabalho de divulgação, que não devo esquecer.

É com lágrimas espirituais vertidas em meu ser mais profundo, relembrando o passado, que faço este registro de gratidão.

Guaíba, 23 de julho de 1977

Fernando Worm

I — DA CIÊNCIA DE VIVER

Havíamos enviado uma carta a Chico Xavier dizendo-lhe que, ao regressarmos da Itália, trouxéramos conosco um azulejo, adquirido numa loja de *souvenirs* instalada dentro das ruínas de Pompéia, submergida num mar de lavas do Vesúvio no ano 79 D.C. Dizíamos na correspondência que desejávamos enviar-lhe pelo correio postal a remanescente peça, cuja pintura reproduz uma jovem romana colhendo flores no campo, a título de pequena lembrança nossa.

Respondendo-nos, Chico Xavier ponderou que talvez a “reliquia pompeiana” (sic) viesse a quebrar-se no trajeto postal e sugeriu-nos aguardar uma eventual viagem a Uberaba para levá-la pessoalmente.

Algum tempo depois entregávamos efetivamente ao Chico a modesta lembrança prometida. Contemplando longamente a pintura da nobre e esbelta figura da jovem romana, carcomida pelo tempo e com visíveis rachaduras na reprodução do original, e após escrever uma dedicatória na face posterior da peça, devolve-a para nós dizendo: “Agora peço-te que a leves de volta. Guarda-a contigo”.

Surpreso pelo inesperado do gesto, embora sabedor de que um médium kardecista não recebe presentes nem aceita recompensas materiais, redargüi: “Mas, Chico, a lembrancinha é tão simples, veio de tão longe... por que não a aceitas? Toma, ela é tua...”

A resposta não deixou de ser igualmente surpreendente para mim: “Sim, a partir deste instante ela passou a ser minha pela retina espiritual. A ti e aos teus familiares peço que fiquem de guardiães desta preciosa relíquia. Deus nos abençoe sempre”.

* * *

Nossa caravana pára frente a uma casa construída com barro socado, em bairro bem humilde de Uberaba. Uma mulher grisalha e aflita acerca-se do médium logo à chegada do carro: “Chico,

meu neto está pra morrer. Que é que eu faço?" — "Minha irmã, a prece fervorosa de uma avó por um neto necessitado arromba as portas do céu!"

Um grupo de pessoas postadas na calçada logo se acerca dele.

Uma mulher ainda jovem, em estado de visível perturbação nervosa, vem ao seu encontro: "Chico, estou com espírito ruim encostado em mim. Tira ele de mim".

A singular resposta do médium veio com seu jeito mineiro de falar: "Uai gente, pra que tirar o Espírito? Vamos evangelizar-nos todos, com ele junto".

Logo uma recém-casada toma a dianteira, queixando-se de que o marido andava violento, enfurecendo-se por nada: "A caridade quebra a violência. Minha filha, a harmonia nas nossas relações muitas vezes é fruto da caridade".

Enquanto alguns membros da nossa caravana colaboravam na distribuição de roupas, cobertores e víveres aos necessitados, Chico entra num casebre de portas e teto muito baixos, cumprimentando uma mãe de quatro filhos retardados, todos eles vítimas também de poliomelite. "Chico, está tudo ruim, a vida anda pela hora da morte!" Enquanto a dona da casa conta as mazelas do cotidiano em que vive, o médium estanca frente a um quinto menino, filho adotivo da mulher: "Olha que menino inteligente a irmã tem. Tem olhos lindos e é seu amigo! Vamos pensar em coisa boa, gente. Em maré baixa ou em maré alta, vamos com Deus, aqui neste mundo todos estamos hospitalizados em processos de cura". A mulher recebe dois travesseiros, um pequeno rancho e roupas, alegre-se um pouco mas logo volta a lastimar-se das lutas do dia-a-dia.

"A irmã conhece a história daquele pedaço de barro a exalar doce perfume? Certa vez perguntaram-lhe de onde provinha a fragrância que tinha e ele respondeu: 'É que durante certo tempo fui chão num depósito de rosas'".

A casa seguinte, no outro lado da rua, é de uma senhora muito idosa, muda e entrevada num leito de tábuas há muitos anos.

O olhar sofrido da anciã acende-se de súbita alegria quando Chico toma da sua mão e todos acompanhamos a prece que é feita por um dos caravaneiros em favor daquele lar e de seus moradores. Chico conforta a enferma com muito empenho e carinho, sempre proferindo palavras reanimadoras e positivas, de paz e de esperança.

Ela então persigna-se erguendo os olhos para o céu e, enquanto orava, parecia-nos ouvir palavras de agradecimento, inobstante estarem seus lábios emudecidos há muitos anos.

A cena causou funda e indefinível impressão em todos os que a presenciaram, tendo um senhor de São Paulo, componente daquele grupo de socorro, feito esta exclamação: "Em toda minha vida nunca vi ninguém proclamar tão convicta e significativamente sua crença e sua resignada esperança em Deus".

A última casa que adentramos naquela radiosa manhã de domingo, programa de visitação aos irmãos deserdados que Chico Xavier mantém, como sempre, foi a de uma senhora mãe de uma moça entrevada há quase trinta anos, paralítica e surda-muda, vivendo em grandes dificuldades materiais.

A enferma, sempre agitada no colo da mãe, de onde não quer sair as 24 horas do dia, parece acalmar-se enquanto o Prof. Cícero Marques Fernandes faz profunda prece de agradecimento pedindo as bênçãos de Deus, o amparo e o conforto espiritual, em favor de todo o nosso grupo.

À saída, enquanto íamos para o carro que nos conduzia, Chico acrescenta: "Esta mãe, com a filha sempre nos braços, me faz lembrar um quadro da Madona. Estes dois Espíritos, naturalmente em resgate de existências anteriores, são para mim um nobre exemplo de fé e de aceitação que muito me edificam. Muitas vezes, em horas difíceis ou em momentos de provação dos quais preciso e mereço, meu pensamento se volta para esta casa e aqui encontro novas forças".

* * *

P — Chico, por que nosso irmão caído é uma carga tão preciosa?

R — Diz-nos Emmanuel que os irmãos considerados "caídos" são parte de nossa família espiritual que a Divina Providência nos confia, com o objetivo de ensinar-nos a conquistar felicidade pela prática da Lei do Amor. E, ao mesmo tempo, afirma o nosso Beneficor, os nossos companheiros nessa condição representam o resultado de suas próprias ações em vidas passadas, provavelmente criaturas prejudicadas, em muitas ocasiões, por nós mesmos, e que as leis da vida nos restituem para que venhamos a resgatar nossos débitos, auxiliando-as na precisa restauração.

P — Haverá maior frio na alma do que a indiferença dos nossos semelhantes?

R — Pode haver indiferença dos nossos semelhantes para conosco; entretanto, de nós para com os outros isso não deveria acontecer. Cremos que se Jesus houvesse levado em conta nossa incapacidade para assimilar-lhe, de pronto, o desvelado e intenso amor, o Cristianismo não estaria brilhando, e brilhando cada vez mais na Terra. Quem ama tem sempre bastante calor humano para distribuir.

P — E sobre a solidão, que nos afirmam os Espíritos Benfeitores?

R — Diz nosso Emmanuel que, se observarmos o serviço dos hospitais e dos abrigos em que se refugiam nossos irmãos necessitados, creches e escolas nas quais milhares de crianças esperam proteção e bondade, a solidão na Terra seria uma PROVAÇÃO VOLUNTÁRIA (sic).

P — Chico, somos amigos e eu desejaria perguntar se esta amizade, não havendo da minha parte um esforço para evoluir, por si só me promoveria espiritualmente?

R — Quando o nosso caro Emmanuel me apareceu pela primeira vez, em 1931, ele me disse que se eu não desejasse trabalhar, compartilhando-lhe, de algum modo, as tarefas, não conseguiria permanecer em conexão comigo, de vez que a nossa amizade seria um ornamento sem qualquer significação no campo evolutivo, em que o aperfeiçoamento e a felicidade, do ponto de vista espiritual, profundamente nos interessam.

P — Que lhe ocorre dizer às pessoas que, embora se esforçando por espiritualizar-se, não conseguem se desprender de remanescentes paixões que agem quais fortes algemas emocionais?

R — Ainda quando nos sintamos encarcerados em idéias negativas que, às vezes, nos colocam em sintonia com inteligências encarnadas ou desencarnadas ainda presas a certos complexos de culpa, conseguiremos a própria liberação desses estados, claramente infelizes, se nos dispusermos com sinceridade a varar a concha do nosso próprio egoísmo, esquecendo-nos, quanto ao aspecto inarmônico de nossa vida mental, para servir aos outros, especialmente àqueles que atravessam provações e problemas muito maiores do que os nossos.

P — E quanto às pessoas que, por mais que queiram e lutem consigo próprias, não conseguem suplantar nem sublimar certos vícios e tendências sexuais, a ponto de considerar tal compulsão genésica verdadeira cruz?

R — Às vezes, essas dificuldades são verdadeiros obstáculos, criados por nós mesmos, no cultivo de aversões e desentendimentos, em passadas existências, nas quais erguemos adversários de renovação difícil a nos devolverem na atualidade as mesmas lutas que suscitamos para eles em outras épocas.

Entretanto, com paciência até mesmo para com os nossos próprios defeitos, procurando melhorar-nos com o apoio no trabalho do bem e com o exercício da humildade, atingiremos a renovação espiritual que se nos faz necessária.

P — Jovem ainda, em tempo de observação nas zonas da licenciabilidade, deparamo-nos certa feita com uma vendedora de amor que era muito devota de Nossa Senhora, a quem sempre pedia forças para se libertar da existência sofrida que levava. Que lhe ocorre dizer sobre uma situação de tal forma conflituosa? Em termos coletivos, não somos excessivamente rigorosos e exclusivos em relação a essas criaturas?

R — Quem nos dirá que essa irmã não se achava numa faixa de provação, na qual vivia ela sem nenhum prazer, atendendo aos que buscam prazer?

E quem de nós estará privado da bênção da oração, especialmente quando sofremos, se todos nós, os homens e as mulheres da Terra, somos filhos de Deus, cada qual de nós em determinado degrau nas escadas da vida?

Encarando-nos após com ar sério, o médium acrescenta: “E as fornecedoras de amor e emoções, de empregos e de interesses que não são diretamente por dinheiro?”

P — Conseguirá a ciência humana algum dia fabricar uma pílula capaz de anestesiar os sentimentos de culpa que se aninham ferreamente nas profundezas do Espírito?

R — Essa seria, sem dúvida, a “pílula da irresponsabilidade”, na hipótese de aparecer, sob o patrocínio da ciência.

Dizemos isso porque o complexo de culpa é um fator de frenagem que funciona em benefício de nós próprios, quando estejamos evidenciando um grau muito alto de periculosidade.

Nesse sentido, não nos será lícito esquecer que certos agen-

tes tóxicos já se encontram em nosso mundo, descontrolando milhares de criaturas irmãs que perdem temporariamente a consciência de si próprias, pelo menos de maneira parcial, quando abusam de semelhantes agentes químicos, a se tresmalharem na delinqüência.

P — Que diria então às pessoas que pedem a Deus para morrer por não terem encontrado um significado para a vida, ou perdido as ilusões e/ou as esperanças de auto-realização?

R — Cremos sinceramente que devemos pedir a Deus, conforme o ensinamento de nossos Instrutores, não o afastamento de nossas provas, mas sim a força necessária para suportá-las proveitosamente. Não nos adianta solicitar a morte prematura a pretexto de sermos fracos para carregar os benefícios do sofrimento, porque deixar o trabalho antes de completá-lo nada mais seria que agravar os nossos problemas próprios, porquanto chegaremos sempre e inevitavelmente à convicção de que a morte não existe como sendo o fim de nossas preocupações e responsabilidades.

P — Por que é tão difícil ao ser humano conscientizar-se, em pensamento e obras, de que as ilusões são transitórias e enganadoras, enquanto que só Deus é imperecível?

R — Cremos que o problema é de maturidade espiritual. Milhões de pessoas — e nessas me incluo também em considerando os meus erros e a minha própria ignorância — alcançam crescimento de adultos, conforme as leis que regem a existência física, mas por dentro são ainda crianças de Deus, precisando de muito amparo e tolerância das criaturas mais evoluídas, a fim de errarem menos no aprendizado da vida.

P — Você concorda com este preceito: "Para pequenos males, orações comuns. Para grandes males, orações fervorosas"?

R — Consideramos que, seja qual for o nosso caso, na necessidade de socorro ou no louvor pelas bênçãos recebidas, a nossa oração deve ser sempre um ato íntimo de nossa comunhão com a Providência Divina, segundo a nossa fé.

P — Que lhe parece de maior valor: as atitudes perante os fatos ou os fatos em si?

R — Lição e aplicação ou teoria e prática precisam uma da outra; entretanto, acreditamos que, se estamos em grande neces-

sidade ou grande sofrimento, mais valem o socorro possível ou o remédio providencial que uma longa série de ensinamentos sobre a caridade, ou sobre a ciência de curar, sem a possível ação imediata que os realize.

P — Quando realmente não temos solução para algum grave problema pessoal, o melhor não será entregar o caso a Deus para que Ele, cedo ou mais adiante, nos encaminhe no rumo da solução?

R — Nos problemas complexos, em que a nossa atuação é passível de complicar ou agravar ainda mais as tribulações alheias, cremos que a oração intercessória, rogando o auxílio dos Mensageiros de Deus, será a providência ideal. Assim dizemos porque onde não dispomos de meios para ajudar, principalmente nas questões de ordem espiritual, mais vale silenciar e orar que tumultuar e confundir.

P — Qual o melhor antídoto contra a falta de confiança em nós próprios?

R — Os Amigos da Vida Maior nos ensinam que, na prática da humildade, na prestação de serviços aos nossos irmãos da Humanidade, adquiriremos esse antídoto contra a falta de confiança em nós próprios, de vez que aprenderemos, na humildade, que o bem verdadeiro, de que possamos ser intérpretes, em favor dos nossos semelhantes, procede de Deus e não de nós.

P — Que é que tem mais importância para a nossa felicidade: a fé em si mesma ou a observância dos Dez Mandamentos sem fé?

R — Cremos que sem fé nas verdades que eles encerram, não conseguiríamos ou não conseguiremos a observância dos Dez Mandamentos.

II — A PORTA ESTREITA DA MEDIUNIDADE

Era previsível que fatos inconcebíveis pudessem acontecer naquele rarascente anoitecer de sábado. Motivava a incomum expectativa a visita que o médium pictórico-grafo Luiz Antônio Gasparetto fazia a Chico Xavier no Grupo Espírita da Prece.

Em transe mediúnico o jovem médium pinta quadros com assinaturas desde Toulouse-Lautrec (seu Guia e Inspirador), até Picasso e Tarsila do Amaral, sempre com inaudita rapidez.

Era a sexta viagem que fazíamos a Uberaba desde Porto Alegre e, nesse ano de 1976, encontráramos a cidade em radiante e luminosa primavera.

Naquela noite uma leve brisa trazia até nós suave perfume dos eucaliptais e jardins uberabenses.

As 21 horas, finda a sessão mediúnica, um gravador esparge pelo ar inspiradas melodias de Gounod, Haendel, Vivaldi, preparando uma psicofera de perceptível emoção e espiritualidade.

Espalhadas sobre a mesa dezenas de bisnagas, lápis, potes de tinta, grandes lâminas de papel branco tipo cartolina, de tessitura especial.

Gasparetto ocupa uma das cabeceiras, convidando Chico a sentar-se a seu lado.

A incorporação é obtida com relativa rapidez, algumas lâmpadas são apagadas enquanto os assistentes, em tenso mas cooperador silêncio, fecham o círculo em torno dos médiuns.

Fatos singulares se sucedem então com estonteante rapidez. Embebendo os dedos e as palmas das mãos nos potes, Luiz Antônio faz primeiramente como que um borrão na tela, fixando ali o fundo básico do quadro que estará pronto dentro de instantes. O que surge dali em diante são retoques, "pinceladas tácteis" que definem os contornos da pintura até sua conclusão.

Foi assim com o primeiro quadro dessa noite: dedos ágeis, à guisa de pincéis, definem gradativamente o colo, pescoço, testa, olhos e cabelos da personagem retratada, a pastel gris.

Era quase visível para os atentos assistentes a evidente força ou sensibilidade inteligente que manobrava o estranho ballet de

dedos e mãos. E menos de dois minutos foi o tempo gasto por Toulouse-Lautrec na pintura do quadro retratando a figura de Maria Dolores, Espírito a quem Chico Xavier dedica muito carinho.

Chico se mantém em interiorizado silêncio, enquanto muitos assistentes se aproximam mais de Gasparetto para verificar se não há nenhum tipo de fraude.

Alguns oram, entre encantados e agradecidos.

Após uma composição a pastel intitulada "Dois Esboços", sem assinatura do autor Espiritual, o transe de Luiz Antônio se aprofundara. Utilizando as duas mãos a um só tempo, pinta duas silhuetas simultaneamente enquanto conversa com Chico. Este, após uns breves minutos de interessada e discreta observação, faz seu primeiro comentário:

"Nosso Gasparetto tem afinidades com Toulouse-Lautrec, e Toulouse com os demais Espíritos componentes da falange de pintores que trabalham com o médium. A mediunidade deste jovem é autêntica; enquanto Toulouse fala pelas cordas vocais de Gasparetto, dois Espíritos, um em cada braço, pintam semblantes diferentes, em movimentos livres, não sincronizados".

A seguir Gasparetto, ou melhor, Toulouse, pede que se apaguem as duas restantes lâmpadas da sala: os Espíritos desejavam trabalhar no escuro.

Um delgado feixe de luz, provindo da saleta de orientações mediúnicas, deixa a sala em semi-obscuridade.

A débil claridade era suficiente para que se distinguísse apenas o vulto das pessoas, em nada impedindo porém o prosseguimento da pintura.

Tissot, o Espírito seguinte a ocupar as mãos do médium, em menos de um minuto retrata uma jovem senhora e dá ao quadro o título de "D. Célia Ramos". Logo ao final desse trabalho, feito no escuro, as lâmpadas são acendidas para que todos possamos admirar os traços nobres da pintura.

Flashes de três fotografos presentes documentam a seqüência, do começo ao fim.

As luzes tornam a ser apagadas.

Observamos então que o ritmo do trabalho mediúnico se torna quase frenético. Gestos largos em ritmo cadenciado são o único movimento perceptível dentro do recinto.

A música prossegue sustentando também o bom nível do ambiente.

Tudo auxiliava o livre desempenho do invulgar trabalho.

Postados entre Luiz Antônio e Chico atentamos a vista buscando adivinhar, em meio à escuridão relativa, o que sairia daquele frenesi de traços e rabiscos.

Reacesa a luz deparamos com uma expressiva fisionomia de Cristo da qual emanavam raios de concentrada luz traduzindo a aura divina. A assinatura é de Leonardo da Vinci.

Luz e sombra se alternando na sala, a mecânica se reproduzia a espaços regulares.

Chegada a vez de Picasso o quadro, sem título, retrata a figura de alguém postado atrás de algo indefinível. O olhar da personagem pintada (seria um auto-retrato do artista no mundo espiritual?) revelava uma expressividade impressionante sugerindo ajuizamento e/ou súplica.

Não sabemos o que diriam em tais circunstâncias as pessoas que afirmam simplesmente não acreditar num tal intercâmbio com o mundo espiritual.

Os mais céticos e cultos provavelmente recorreriam às conhecidas racionalizações acerca dos poderes ocultos no inconsciente humano, a concepções parapsicológicas, etc.

Aquilo que pensamos acerca dos fatos, entretanto, pode ser bem diverso dos fatos em si.

Findo aquele quadro, diz Chico Xavier:

"Talvez o título seja 'Espírito Prisioneiro' porque o Espírito está postado atrás de grades".

A sugestão é aceita.

Renoir, o pintor seguinte, retrata um significativo busto a que dá o título de "Gustavo".

Goya, ao intitular seu quadro "Valtinho", provoca em Chico um comentário:

"Este é Valter Perrone", enquanto os circunstantes admiramos o novo trabalho pintado em pouco mais de um minuto.

Manet, dando mostras de conservar traços do impressionismo no qual foi mestre máximo em seu tempo, pinta o retrato de Maria João de Deus, mãe de Chico, dedicando-o ao médium amigo.

O quadro que exigiu maior tempo de confecção foi o intitulado "Flores", assinado por Van Gogh. As cores fantásticas de seu estilo pós-impressionista parecem dar relevo às imagens. À formosura e delicadeza da tela Chico acrescenta:

"Sempre que vejo certas flores espirituais, o miosótis por exemplo, sinto as vibrações que emitem e não posso conter as lágrimas".

Antes que seja aposta a assinatura do quadro seguinte, Chico adverte:

"Esta é pintura de Tarsila do Amaral. Tive o privilégio de acompanhar algumas criações artísticas de Tarsila quando, presa a um leito pela paralisia, retratava suas personagens, algumas delas com a cabeça invariavelmente pequena. Aqui o estilo, a forma, a filosofia de vida, tudo é Tarsila. Sinto um impacto emotivo ao ver o espírito dessa grande amiga de pé, manipulando o braço do médium".

Realmente, após estas palavras, o Espírito Tarsila assina ao pé da tela que mostra uma mulher deitada, tal qual Chico a vira nos últimos 8 anos de sua romagem terrestre.

Logo depois de concluído o quadro "Ricardinho", de Matisse, Toulouse volta a pintar.

Emerge então a figura de "Caibar", também no estilo pós-impressionista que caracterizou a fase mais fecunda de sua existência. A seguir, retorna Manet com o quadro "Uma Parisiense" em que retrata uma formosa jovem de meados do século XIX.

O feito mais surpreendente da mediunidade de Luiz Antônio naquela noite estava reservado para o final: o estranho ballet de gênios se deslocaria das mãos para os pés do médium.

Bisnagando a ponta dos dedos dos pés, Luiz Antônio faz o fundo da primeira tela. Um toque aqui, um retoque ali, os traços fisionômicos vão adquirindo crescente nitidez.

A facilidade e rapidez de execução é menor que a obtida com as mãos mas, ainda assim, o quadro intitulado "Senhora" vem com a assinatura de Picasso.

Retomando a palavra, Toulouse comunica achar-se ali presente uma falange de espíritos alegres, fanfarrões ou palhaços. Tissot, enquanto isso, maneja os pés do médium retratando um sorridente palhaço com ares de pierrot.

Ao encerramento da noite de arte espiritual trava-se curioso diálogo entre Toulouse e Chico Xavier, aqui reproduzido parcialmente já que as anotações, tomadas a lápis na semi-obscuridade ambiente, ficaram prejudicadas pela rapidez das conversações.

TOULOUSE — *Je vous en prie*, apaguemos as luzes. *Oui, merci, c'est mieux*. Aprendi português só pro gasto, mas vamos indo. Você está me ouvindo, Chico?

CHICO — Sim, perfeitamente.

TOULOUSE — Você sabe que Emmanuel está estudando conosco Teoria da pintura terapêutica de elevação? Enquanto trans-

ferimos a ele os conhecimentos que adquirimos nesse campo, ele nos ensina a codificação básica de Kardec.

CHICO — Assim como temos o que chamaríamos de pintura ou arte patológica, com características sombrias ou de excitação, como a dos doentes mentais que vi em Itapira, temos a que embeleza a vida e harmoniza as emoções, favorecendo a cura. Quando, em Itapira, reparei numa tela mostrando muitas mãos em súplica pensei comigo: "esse artista tem fome do amor que reconstrói".

TOULOUSE — Por que o homem usa os pés só para andar? Dos pés podemos fazer mãos e, as mãos, iniciamos no bulbo. Estamos à disposição dos médiuns que tenham condições de recepção pictórica. Não preterimos ninguém e, efetivamente; preferimos sempre médiuns que tenham e mantenham as condições para esse tipo de trabalho. Porque se o médium tem, mas termina perdendo essas condições, mudamos para outro. Veja, é fácil, misturamos as tintas, pintamos, retocamos e o quadro sai. Os incrédulos deveriam ver como trabalhamos para saberem que não morreremos. Continuamos o que somos do lado de cá. Mas os espíritos rebeldes, mesmo vendo não crêem (sic).

CHICO — Os Espíritos têm fluidos teledinâmicos que enviam ao artista sob forma de inspiração. Para isso eles não precisam estar presentes.

TOULOUSE — Embora existam no mundo muitas pinturas, nossa missão atual é alegrar mais a vida, comprovando que a morte não existe, a vida prossegue sem os componentes físicos. Fazemos o nosso trabalho em nome da Fraternidade Universal, ressaltando a importância dos ensinamentos dos Espíritos feitos através de Kardec para os tempos que já chegaram e para os tempos que estão por vir. Muito obrigado.

Reacesas as luzes, em questão de instantes Luiz Antônio Gasparetto volta a ser o jovem comunicativo de 26 anos, recém-formado em Psicologia, semblante afável, às vezes demonstrando maturidade, às vezes parecendo inexperiente ante o fenômeno da própria paranormalidade.

Registramos também, do mesmo modo, o diálogo que se seguiu entre Chico Xavier e o jovem Gasparetto:

LUIZ ANTÔNIO GASPARETTO — Pois é, aqui o ambiente ajudou. Quando não encontro um ambiente assim, prefiro trabalhar encerrado em meu quarto. Sempre que estou em transe e alguém me toca, levo um choque.

CHICO XAVIER — Quando psicografo livros tenho que estar

a sós com o Espírito comunicante. Se me tocam recebo a comoção como um toque violento de corrente elétrica.

ZÍBIA GASPARETTO (escritora, mãe do médium) — A concentração obtida aqui ajudou muito. Pretendemos apresentar Luiz Antônio em várias cidades e mesmo no Exterior e temos alguns receios. O artista precisa de matéria plástica adequada, de vibrações em harmonia com seu trabalho e em certos auditórios, ansiosos por fenômenos, há o perigo de que o trabalho saia prejudicado.

CHICO — Mas vocês poderão encontrar sempre nesses auditórios quatro, cinco ou mais pessoas, qualquer que seja a religião delas, dispostas a colaborar para o êxito desse trabalho. Lembrome que no programa "Pinga-Fogo" da Televisão Tupi de São Paulo, de repente me senti dentro de uma corrente de força. Ante minha admiração Emmanuel explicou que tais energias provinham das preces e vibrações simpáticas de muitos dos telespectadores. Mais tarde, fazendo um programa igual numa outra estação de TV, não senti esse envolvimento de focos de luz e energia. Soube então que em se tratando de uma gravação em tape, feita com antecedência, faltaram preces e vibrações. Para compensar a falta, transporte-me em pensamento à casa humilde de certa mãe aqui em Uberaba. Essa senhora, que tem uma filha excepcional e parálitica, já adulta, sempre carrega nos braços a filha querida, imagem de abnegada aceitação que sempre invoco em momentos como esse. Em público o médium deve estar preparado para as piores dificuldades, como a presença da sede, a fome, o cansaço e, sobretudo, a falta de apoio da assistência. No serviço mediúnico destinado ao público, devemos concentrar-nos como quem vai dar um concerto. Em nosso meio o ideal é fazer um trabalho de isolamento, de preferência lendo e comentando algum trecho dos Evangelhos. Isso auxilia muito.

LUIZ ANTÔNIO — Trabalho em telas a óleo cinco, seis e até mais horas por dia. Já pintei milhares dessas telas e, se deixo, os Espíritos querem pintar até nas paredes. Eles me recomendam, entretanto, que não devo pintar profissionalmente, só mediunicamente. Mas com o tempo que eles me tomam, como é que vou me realizar na vida prática?

CHICO — Você pode disciplinar o trabalho, dando a eles um tempo adequado.

LUIZ ANTÔNIO — Digo a eles: vocês vivem uma realidade diferente da realidade da Terra, por isso não me compreendem. Van Gogh, por exemplo, quer tintas importadas da Bélgica, da Ho-

landa e, em vista disso, importamos uma bateria delas por soma relativamente alta.

CHICO — Convém ressarcir-se disso que você gasta. Seria bom se contássemos com alguma instituição previdenciária que mantivesse os médiuns... Temos, portanto, que encontrar um horário compatível com os demais interesses da vida. — Observamos que Chico, sentindo a delicadeza do assunto, desejava evidenciar a regra máxima da mediunidade ensinada por Kardec na Obra da Codificação: "Dai de graça o que de graça recebestes". A verdadeira mediunidade com Jesus não pode cobrar serviços devidos dos Espíritos.

LUIZ ANTÔNIO — Contudo, se deixo de trabalhar nesse campo por 2 ou 3 dias, me desafino...

CHICO — Também comigo ocorre isso porque, se não trabalho por três ou quatro dias, sinto como se minha mediunidade perdesse algo em sensibilidade. Se o intervalo é, por exemplo, de 15 dias, então tenho que recomeçar. Ocorre inclusive que, ao ler o que os Espíritos me ditam, tenho as mesmas reações dos leitores, isto é, acho um trecho mais interessante que outro, entendo menos esse parágrafo e mais aquele, etc. Agora, com relação à continuidade de trabalho, o que fiz foi conquistar horas ao sono. Se estou bem de saúde, 3 1/2 a 4 horas de sono me bastam. E após o almoço, para contrabalançar, descanso uns 40 minutos no leito, mesmo que não durma. É certo que nossos amigos espirituais querem muita comunicação conosco, por isso sempre é bom trabalhar com Espíritos que aceitam ou já estejam na faixa da disciplina. De modo geral, os Espíritos elucidados no bem aceitam e preferem horários previamente estipulados. Só os da faixa umbra-lina, que é muito vasta em torno da Terra, evitam práticas disciplinares. A mediunidade, meu caro, é couro, e para que a palavra se enriqueça com a perda da primeira letra, temos que pagar um preço elevado e justo.

O fascinante tema "Mediunidade", tão evidenciado naquela inesquecível noite de espiritualidade, muito longe de estar esgotado, apesar de tudo o que já se escreveu sobre a matéria, sugeriu-me outras perguntas ao médium Xavier:

P — Como supõe que desempenharia seu mandato mediúnico se você tivesse casado?

R — Posso informar a você que tenho sido o instrumento para a produção de livros dos nossos amigos espirituais e, se-

gundo eles mesmos, só tenho conseguido isto renunciando à felicidade do casamento. Para que os livros nascessem das minhas pobres faculdades de modo mais intenso no aproveitamento do tempo disponível na reencarnação, diz-nos o nosso Emmanuel, foi preciso que eu aceitasse a existência em que me encontro, na qual o matrimônio, nos preceitos da vida física, não seria possível. Isto, inobstante, não quer dizer que a mediunidade crie antagonismos entre médium e casamento terrestre, mas sim que determinadas tarefas mediúnicas requisitam condições especiais para que se façam cumpridas. (Encarando-nos com um sorriso, acrescenta o médium Xavier: "De outra forma, como seria possível uma maternidade-paternidade de todos estes livros, ou filhos?")

P — Após sua ida para o Mundo Maior, você preferiria continuar ditando mensagens mediúnicas?

R — Meu caro Fernando, há tempos perguntei ao nosso amigo e Benfeitor Emmanuel a que atividade me ajustarei após a minha desencarnação. "Que farei após a morte?" indaguei ao Benfeitor. E ele me respondeu: "Meu filho, se você na presente encarnação não cometer erros maiores do que aqueles em que você tantas vezes tem incorrido, depois da sua morte no plano físico você será médium".

P — Quando está psicografando, você sempre enxerga os Espíritos? Por que a psicografia e não outras faculdades?

R — No meu caso a que mais se desenvolveu foi a psicografia e, quando psicógrafo, vejo e ouço os espíritos como pessoas normais.

P — Poderia definir-nos quando um sonho é mera criação do nosso inconsciente, segundo a concepção freudiana, e quando se trata de influência ou intercâmbio com o mundo dos espíritos?

R — Os Benfeitores Espirituais nos explicam que não é fácil estabelecer o ponto de interação na vida de sonho, pelo qual ficamos conscientizados quanto ao que seja projeção de nosso inconsciente ou mensagem clara do Plano Espiritual. Por enquanto, já que coletivamente não possuímos o necessário adestramento para o trato do assunto, o sonho, na maioria dos casos, é um campo nebuloso de impressões propriamente nossas, registrando por vezes, quase sempre de maneira simbólica, os avisos e comunicados que os espíritos Amigos nos queiram ou nos possam

transmitir. Cremos que quando pudermos limpar a nossa mente de idéias e preconceitos, condicionamentos e pontos de vista pessoais, então teremos o pensamento semelhante a um espelho cristalino, habilitado a refletir com a segurança precisa, a palavra ou a imagem que nos são enviadas pelos Amigos da Vida Maior.

P — Chico, você confirma que seu Mentor Espiritual Emmanuel é o mesmo que, sob tal nome e no anonimato da Equipe Espiritual, elaborou com Allan Kardec não só o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, como as demais obras da Codificação grafadas a partir de 1856?

R — Creio que sim. Conservo para mim a certeza de que ele terá participado da Equipe que colaborou na Codificação da Doutrina Espírita. A mensagem intitulada "O Egoísmo", no capítulo XI, n.º 11, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em que se faz referência a Pilatos, é de autoria do nosso Benfeitor Espiritual. Não tenho dúvidas a esse respeito.

P — Por que existem no mundo tão poucos médiuns, digamos superdotados?

R — Em meio século de mediunidade ativa tenho aprendido que não é tão fácil aceitar o serviço mediúnico de maneira a conduzi-lo para frente de modo incessante. Muitas circunstâncias adversas, e todas elas naturais, criam as maiores dificuldades para que o trabalho com os Amigos Espirituais seja mantido sem pausas maiores. É muito difícil continuar e perseverar nos votos que a gente abraça no princípio das tarefas, mas é sempre compensadora a alegria do trabalhador que persiste e jamais desanima, porque dos próprios Mensageiros do Eterno Bem emanam providências que amparam e sustentam os tarefeiros em serviço.

P — A idade física crepuscular pode afetar ou enfraquecer o serviço mediúnico?

R — Não creio que isso aconteça como regra. Pelo menos em nosso caso pessoal, embora compreendendo a singeleza das tarefas mediúnicas que me couberam, quanto mais tempo disponho de vida física maior é o interesse e maior é o entusiasmo que sinto nos contatos com a Espiritualidade. Ainda em nossa estreita área de trabalho, observo que não é propriamente o trabalho mediúnico que diminui com a idade física e sim que o tempo é que vai ficando reduzido para que se possa atender às variadas obrigações que a mediunidade nos oferece em favor de nós mesmos.

P — Você acredita em vidência do passado e do futuro, através da chamada Bola de Cristal e, se houver, qual a diferença entre vidência mediúcnica e a da bola de cristal?

R — Cremos que em bola de cristal ou instrumentos outros, o clarividente pode talvez centralizar os próprios pensamentos com mais segurança para a evolução da clarividência mediúcnica propriamente dita. Mas, como em qualquer outro fenômeno mediúcnico, a Doutrina Espírita é o melhor educandário para que o médium, seja de que procedência for, se conscientize de suas responsabilidades perante os outros, nos domínios da vida. Isso porque, segundo os amigos espirituais, ver em si é comum a todos, mas saber ver em favor do próximo e auxílio a todos, ainda é conquista de poucos.

P — Você tem alguma intuição sobre se viverá alguns anos ainda na Terra?

R — Caro amigo, estou na ignorância disso como acontece a qualquer pessoa. Diz-me sempre o nosso caro Emmanuel que devo ter tanta alegria de trabalhar hoje como se estivesse vivendo o meu primeiro dia de tarefa no mundo e que devo ter tanto empenho e noção de responsabilidade nisso como se estivesse em meu derradeiro dia na Terra.

P — Arriscaria dizer-nos se no futuro virão outros Chico Xavier, isto é, médiuns outros com faculdades mediúnicas desenvolvidas?

R — A pergunta é muito honrosa mas, se Chico Xavier é uma designação para este seu servidor, esteja certo de que, na condição de Chico Xavier, me sinto à feição do molho de grama no campo terrestre, vindo para alimentar e ser pisoteado, e parece que a grama existirá enquanto o nosso mundo for este mesmo que pisamos atualmente.

* * *

Parece-me oportuno abrir aqui breve parêntesis para um registro talvez apropriado tendo em vista uma melhor compreensão das possibilidades de correspondência espiritual que todos possuímos.

A partir do nosso primeiro encontro em Uberaba, certamente que por acréscimo da misericórdia Divina, houve sempre entre

nós periódicos intercâmbios comunicativos, de que os dois episódios a seguir narrados podem dar uma idéia aproximada.

Certa tarde de novembro de 1976, um sábado, recostei-me um pouco para descansar e adormeci.

Sonhei e, no sonho, eu conversava com meu irmão Darcy Worm num lugar desconhecido para mim quando inesperadamente vejo Chico à minha frente, sorrindo. Como sempre foi de hábito em cada reencontro nosso, cumprimentei-o afetuosamente e, ao abraçá-lo, minha mão direita tocou em suas costelas.

Reparei logo que estava muito emagrecido, a roupa parecia folgada demais no corpo, a impressão que me assaltava era a de que ele estava adoentado.

Em meio à minha grande alegria, disse-lhe: “Que bom teres vindo! . . . Que bom! . . . Chico, estás bem mas pareces magro . . .” Sem pronunciar palavra, ele novamente sorriu.

O sonho terminou aí, permanecendo em meu espírito aquela notável impressão de nitidez e de realidade.

Dia 30 desse mês, embora procurando ocultar-me a real gravidade da enfermidade que o acometeu a 12 de novembro, para que eu não me preocupasse, Chico Xavier escreveu-me uma carta muito tranqüilizadora, comentando o seguinte sobre o que eu lhe narrara: “Querido amigo, estou na certeza de que realmente nos encontramos espiritualmente na tarde de 21 de novembro; pois, nesse horário, estava igualmente num pequeno descanso de que necessitava e, num sonho rápido, vi-me conversando contigo, pedindo para que não te preocupasses, caso recebesse a notícia de que eu estivera em tratamento de saúde. Devia comparecer nas cidades de Araçatuba e São Bernardo do Campo, em São Paulo, para tarefas de há muito tempo programadas; entretanto, desta vez, não pude cumpri-las.

“Uma espécie de abatimento físico (um pouco apenas), creio que resultante de muitas gripes sucessivas, me impediu de confirmar a minha ida às mencionadas cidades e, sabendo que isso apareceria na imprensa doutrinária, desejei escrever-te sobre o assunto. Temi porém criar-te preocupações e deixei de fazê-lo mas espiritualmente registaste o assunto, pois estou certo de que o sonho foi um momento de intercâmbio, não é?”

Não saberia dizer quantas vezes esse reencontro apenas em espírito aconteceu conosco. Por vezes, repetia-se em plena vigília, principalmente de manhãzinha, quando me dirigia de carro de Porto Alegre para Guaíba, onde trabalho.

Eu costumava aproveitar esse tempo de viagem para agradecer a Deus os benefícios recebidos e, a partir de certa época, passei a enxergar, em minha tela mental, a veneranda figura de Chico conversando comigo, ou, ainda, eu com ele.

Um dia, crendo tratar-se de pura alucinação minha, escrevi ao médium Xavier contando-lhe o que vinha sucedendo. Eis sua resposta, em carta de 8-3-76: "Do que me contas sobre as tuas impressões, quando guias o carro, no trajeto Porto Alegre-Guaíba, fico também a pensar se estaremos num caso de pensamento teleguiado. Sabes: as idéias criam imagens e as imagens se projetam. De meu lado, igualmente, a tua presença espiritual, quando tenho a nítida impressão de registrar-te a influência ou a imagem, junto de nós, é motivo de profunda alegria. É como se uma força protetora nos envolvesse, trazendo-nos paz e segurança. Agradeço-te os pensamentos de tranquilidade e proteção que nos envias. Deus te recompense".

* * *

III — VIDA, SEXO, AMOR E PAZ

Logo que as luzes da avenida se acendem, dobro à esquerda por uma rua sem declive.

Reparo no aspecto de calma da paisagem urbana ao crepúsculo, no silêncio das árvores gerando provisões, no ar fulgente que me dulcifica os pulmões.

O outono também me agrada por ser a estação de maior semelhança com a primavera.

Agora o verde da campina é como que um ato de caridade para meus olhos habituados ao cinzento das metrópoles. Algumas andorinhas voejando em direção ao norte, o casario branco agrupado ao longe, entre três colinas, revigora em mim gratificante sensação de recolhimento e paz.

Antes que a noite descesse afinal sua cortina delimitadora, meus olhos se embeberam dos últimos fulgores da tarde em debandada para além do horizonte.

Cruza por mim um homem maltrapilho e cabisbaixo, encurvado sob o acicate de um peso invisível. Transmite a sensação de que toda a solidão do mundo está concentrada naquela cabeça grisalha, pendida ao peso do abandono. Caminho em sua direção, no outro lado da rua, dirijo-lhe a palavra. À minha aproximação, apenas meneia a cabeça sem nada dizer. Reparando naqueles olhos enigmáticos atrás do rosto encardido, sentia vontade de abraçá-lo como quem abraçasse todas as criaturas do mundo. As criaturas que, sem darem por isso, se alienaram das inesgotáveis provisões de Deus.

Daqui para frente meus passos me levam ao Grupo Espírita da Prece nesse anoitecer uberabense.

Chego um pouco atrasado, as tarefas haviam começado, novamente me defronto com uma fila de centenas de pessoas trazendo cada uma sua fatia maior ou menor do bolo entretido das dores do mundo. Sim, somos espíritos em clara expiação, lutando impelidos sempre por irresistível vocação de buscar a felicidade onde quer que ela se encontre.

Homens e mulheres, jovens e velhos cochicham seus males e frustrações ao ouvido receptivo e atento de Chico Xavier. É a caridade do Mundo Maior balsamizando as aflições do Mundo Terrestre. Sei que seus meneios de cabeça, suas palavras de amparo e de esperança para aqueles corações sofridos, vêm tanto dele quanto do Espírito que o guia e inspira no momento.

Há cinquenta anos que incessantemente faz isso. Cinquenta anos, ou 18.250 dias ou 1.095.000 minutos ou 65.700.000 de segundos de bônus-hora na seara do bem eterno. Trabalhando, orando, psicografando, dialogando e, sobretudo, exemplificando.

* * *

Findo o paciente atendimento a cada uma das centenas de pessoas vindas para expor ao médium Xavier seus problemas e frustrações, são iniciados os trabalhos da Casa com a leitura do capítulo XXV do *Evangelho Segundo o Espiritismo* (Buscai e Acheis).

A noite foi pródiga em mensagens de profunda beleza e significado. Com espantosa velocidade Chico Xavier, de olhos fechados, a cabeça apoiada na mão esquerda, preencheu em 16 minutos 28 laudas de papel, partindo 7 pontas de lápis e recebendo ao todo 7 mensagens e poemas, das quais destacamos as seguintes:

FALANDO AGES

Se grandes problemas te assinalam a vida, não consideres por infantilidade o sofrimento dos outros.

Falando, ages.

Onde não possas auxiliar, oferece o apoio da oração.

No trato da terra em que não se te faça possível o cultivo do bem, não plantes o mal.

Não destruas, onde não consigues reconstruir.

Guardas talvez com simpatia as alegações dos acusadores, mas não te esqueças de que Deus ouve o choro dos acusados que são também teus irmãos.

Se foste mutilado e já te movimentas com apoio de pernas mecânicas ou sem elas, não menosprezes a mágoa de alguém que se queixa de uma unha encravada.

Toda dificuldade é importante.

Qualquer dor se reveste de significação que precisamos compreender.

Ouve os cansados e os tristes, os desorientados e os doentes, erguendo-lhes a fé com a força da bondade e da esperança.

Ainda mesmo para aquele companheiro que te pareça tresmalhado ou perdido, endereça as tuas melhores palavras de paz e amor porque talvez seja esse, que pelas experiências sofridas, no dia de tua provação ou de tua dor, com mais segurança, te abençoará e te auxiliará.

MEIMEI

VACINA

*Não esperes por fortuna
Para ajudar a quem chora,
Estende o apoio da hora,
Que possas movimentar;
Para o irmão que necessita
Migalha do que te reste
É bênção que se reveste
De regozijo invulgar.*

*Talvez não saibas ainda
Que a criança desvalida
Sem proteção para a vida
Não conhece estrada sã;
Da cabeça pequenina
Cuja dor ninguém pressente
Pode nascer facilmente
O malfeitor de amanhã.*

*Muitos amigos alegam,
Seguindo estranha cartilha
Que amparo aos outros humilha
Sem justo apoio a ninguém;
Mas ignoram que olvido
Às dores da vida alheia
É mal que surge e se alteia
Ferindo a força do bem.*

*Apóia, ajuda, perdoa...
Na Providência Divina,
A caridade é vacina
Contra revolta e rancor;
Uma prece, uma esperança,
Um pão pobre e pequenino
São sempre tijolo e ensino,
Erguendo o Reino do Amor.*

MARIA DOLORES

ORAÇÃO NO TRABALHO

Senhor!

Ensina-nos a trabalhar mais, produzindo mais, e a produzir mais, a fim de conquistarmos recursos maiores, para distribuir o auxílio sempre mais amplo de Tua Misericórdia.

E ensina-nos, Senhor, a descansar menos, pedindo menos, e a pedir menos, a fim de pesarmos menos em nossos semelhantes, para exigir menos, de modo a nos sentirmos menos fracos para servir em Tua Bondade.

Senhor!

Tanto quanto nos seja possível receber, concede-nos mais trabalho para sermos mais úteis e que sejamos sempre menos nós, diante de Ti, a fim de que estejas mais em nós, hoje e sempre.

Assim seja.

BEZERRA

Por fim, após a mensagem de Emmanuel, dizendo que "Não temos aquilo que possuímos e sim aquilo que damos; que acima do que sabemos, valemos aquilo que somos; que sobre a própria palavra devemos olhar as ações que criamos; que mais além do que cremos, vale mais o que fazemos. E que, finalmente, em tudo quanto sofrermos, guardemos a fé viva em Deus", as atividades da reunião são encerradas.

Além da simplicidade e instantânea comunicação dos Autores Espirituais, cada mensagem contém perene código de conduta para toda a vida.

Sei que não é fácil seguir em obediência a esses preceitos de luz, mas sei também que um dia, no Mundo Maior, a única moeda capaz de nos proporcionar paz e trânsito livre em todos os sítios, moradas e barreiras no mundo dos desencarnados, é a moeda da luz.

Finda a sessão, um grupo de pessoas acerca-se do médium para um aguardado colóquio.

Uma senhora já grisalha, o rosto vincado por sombras de sofrimento, pergunta-lhe:

— Chico, que deve fazer uma esposa que após trinta anos de dedicação ao marido, de repente este lhe confessa ter encontrado outra companheira mais nova e com mais saúde, pega as malas e nunca mais envia notícias sequer?...

Olhando-a sutilmente, mas visivelmente condoído, Chico responde em voz quase inaudível:

— Minha irmã, na vida amei entranhadamente pessoas que se afastaram de mim sem ao menos dizerem o porquê. Se eu tivesse perdido essas pessoas por morte, talvez eu não resistisse a tão preciosas perdas. Mas como os motivos foram outros, na própria naturalidade com que se despediram serenamente, fui encontrar razões para minha própria restauração. Na vida há encontros que são reencontros e há encontros que são amargos desencontros.

Em meio ao silêncio que se fez na sala, uma jovem senhora, educadora em São Paulo, propõe um sério problema do jovem na sociedade contemporânea, ou seja, o do vício do tóxico. Diz que uma parte da imprensa veicula notícias tentando fazer crer que o uso da maconha, por exemplo, não afeta os tecidos nervosos. Opina que afeta, e muito.

Chico: — Entendemos que, com esses jovens, está faltando um diálogo de amor. Na base do problema, porém, há falta de apoio familiar com raízes na religiosidade. Também sou a favor de que se diga a verdade aos jovens mas, para exemplificar, estamos numa reunião, o moço envolvido em tóxicos vem aqui, ouve a verdade sobre as conseqüências previsíveis do que está fazendo, percebe que tal prática realmente é um malefício mas, depois, sai daqui, chega em casa e encontra o mesmo ambiente de incompreensão e falta de apoio. Teria valido somente o saber a verdade? Não nos esqueçamos de que temos responsabilidades nos pro-

blemas afetivos que tenhamos suscitado neles. Todos somos filhos e, ao mesmo tempo, sócios de Deus. Quando disse a Escritura: "Crescei e multiplicai-vos" não foi só em sentido reprodutivo, do ponto de vista físico, mas também com vistas ao desenvolvimento das qualidades e realizações espirituais. A paternidade e a maternidade são oportunidades evolutivas que Deus concede às criaturas.

Uma jovem estudante propõe outra questão:

— Você concorda em que o sexo é um dos principais problemas da vida? Como devo encarar o ato da sedução?

Chico: — Sendo o sexo uma força criativa eu diria que talvez quem não tiver problemas de sexo estará doente.

Somos seres sexuados, esta é uma das realidades humanas.

Aquele que nada sente neste sentido, no mínimo está com os centros genésicos oclusos. Não somos anjos e, se o fôssemos, nosso lugar não seria aqui... Saibamos porém que os anjos não podem ser ingênuos. Eles passaram com certeza por nossas experiências. Frequentemente, os Espíritos Orientadores nos esclarecem que devemos evitar a promiscuidade. Isso é importante. Não se deve usar um corpo usado por outrem, assim como não se mora em duas casas concomitantemente. Conscientizemo-nos também de que o problema da sedução irresponsável, egoística, é muito grave, de vez que contraímos séria dívida com a pessoa seduzida. Tem ocorrido casos de sedutores assassinados por suas vítimas que chegam no Além na condição de assassinos de si próprios pois que, por reações indébitas, provocaram o próprio fim. Nunca nos cabe o direito de saquear ou dilapidar a vida do próximo. Cada um pode e deve administrar o próprio corpo como melhor lhe parece. Devemos contudo discernir o que nos convém daquilo que significa sementeira amarga.

— E a permissividade sexual hoje existente, irá perdurar por quanto tempo?

Chico: — Talvez uns 200 anos, ou mais. Sabemos o que aconteceu: durante séculos as manifestações sexuais estiveram reprimidas dentro de um círculo muito restrito por alguns que tinham interesse na repressão de suas expressões e anseios. Isso foi possível até determinado tempo. — Neste ponto Chico toma do lápis e desenha dois círculos: um com dois centímetros de diâmetro e, outro, por fora do primeiro, com aproximadamente 7 centímetros. — Que aconteceu depois? Séculos de repressão psicológica muito rígida redundaram num rompimento dessas barreiras,

ras, numa libertação que ultrapassou os limites mesmo deste círculo mais amplo. — Traça a seguir linhas paralelas que trespasam os dois círculos. — Atingiu-se assim o terreno dos extremismos sempre perigosos e potencialmente causadores de grandes males.

— Mas e o sexo no casamento, por que apresenta tantos problemas?

Chico Xavier retoma o lápis, desenha um quase-retângulo, risca sobre ele diversos traços e prossegue:

— É atendendo aos vínculos do afeto que duas pessoas, atraídas pela complementação magnética, normalmente se unem na comunhão sexual. Não devemos considerar aqui apenas o "lado físico" ou a pura satisfação da libido em tal comunhão, como querem alguns, mas sim que a união de duas pessoas pressupõe compromissos de ordem superior. Não esqueçamos que o lar é a laboriosa oficina da reencarnação. Mas o que acontece em muitos casamentos? Sabemos existirem duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma. Kardec nos ensinou que o que ama é o Espírito e não o corpo. Enquanto a afeição da alma é duradoura, a do corpo é efêmera pois que, dissipada a ilusão material, vem o tédio e a realidade. Sem tocarmos diretamente no cipoal das relações poligâmicas, que sempre traz o enfraquecimento dos laços de união, devemos considerar outros fatores não menos preponderantes. No caso da esposa que trabalha fora, por exemplo, podem ocorrer sérias dificuldades à estabilidade da sociedade familiar. Derivando para a disputa de muitas profissões que estão em desacordo com sua principal função, que é a maternidade, a mulher já não entrevê no lar o ponto mais alto de sua missão. Incluída no mercado de trabalho, ela passou a disputar com o homem o lugar deste em quase todas as atividades profissionais. Conseguiu impor-se em igualdade de condições porque a mulher em nada é inferior ao seu companheiro masculino. Muitas vezes tem mesmo sobrepujado a este, no que tange ao sentimento e à inteligência.

Mas qual foi o resultado disso? Regressando à noite para casa, o homem que trabalha encontra não a esposa que o acolhe e reconforta das cansaças, obstáculos e asperezas do dia mas sim um "companheiro cansado" em nada disposto a integrar-se no papel de esposa e rainha do lar. Por seu turno o esposo, dependendo de suas inclinações e recursos de maior ou menor maturidade, pode buscar fora do lar substitutivos para o afeto e o acolhimento que não encontra junto à companheira que Deus lhe deu. Mas vamos

supor que, lá pelas tantas, em obediência a princípios morais rígidos, ele se recuse a buscar lenitivo na bebida ou em outras mulheres, no jogo ou em emoções fortes, também por estar consciente das conseqüências que tais desvios inequivocamente atraem sobre os que cegamente se aprisionam nas malhas da ilusão.

Num certo dia, encontra-se com um amigo portador de idêntico problema dentro do lar e, por essa identificação de situações, tornam a amizade mais estreita. Passam a encontrar-se amiúde, fazem passeios freqüentes, caminham longas distâncias, redescobrem-se em afinidades a ponto de consolidar-se entre os dois um afeto que resulte, digamos, em homossexualismo...

Chico Xavier ergue a cabeça, entrecruza as mãos, encara-nos a todos e diz:

— A responsabilidade da situação criada, no caso, cabe à mulher que trocou a segurança e o reconforto do lar pelo sucesso profissional. Tangida pelo exemplo de tantas outras que fazem o mesmo, o lar transformou-se para ela num impreciso lugar de descanso da luta que mantém lá fora para auto-realizar-se, trocando o principal pelo secundário.

Aproveito a ocasião para fazer algumas perguntas generalizadas sobre problemas do dia-a-dia das criaturas.

P — Haverá comparação válida entre Sodoma e Gomorra e os tempos atuais?

R — Os pessimistas, digo com licença deles, dirão talvez que sim, mas entendemos que a Terra caminha para mais altos horizontes em matéria de compreensão. E na certeza de que nunca seremos abandonados pela Providência Divina, acreditamos que Deus nos concederá recursos para burilar-nos, no tocante ao amor, a fim de que a sociedade terrestre, depois de longas experiências, possa atingir o máximo de paz e felicidade no relacionamento entre as criaturas que a constituem.

P — Que dizer da interferência do homem na intimidade do gene, experimentando desenvolver a vida humana em cubos de ensaio e provetas, ou em úteros alugados, com vistas a obter, no futuro, a escolha do sexo nas crianças?

R — Compreendemos que a ciência na Terra dispõe de meios para qualquer experimentação nos setores da Genética. Os Instrutores Espirituais afirmam entretanto que esse tipo de experimentação deve merecer o máximo cuidado de todos quantos se

encarregam da orientação do mundo. Para evitar incursões na teratologia com evidente menosprezo da personalidade humana, e a fim de coibir abusos que funcionariam em prejuízo do equilíbrio espiritual nos grupos sociais da Terra, devemos pedir o amparo da Providência Divina, para que a inteligência do homem espere mais alguns séculos a fim de melhor adentrar o assunto.

P — Há mães solteiras que abortam por temor a uma moral ou convenção social muito rigorosa ante tal condição materna. Não seria útil que cada um de nós reexaminasse os preconceitos que ferem a liberdade de ser do nosso semelhante?

R — Pensamos, com os Amigos Espirituais, que a existência de mães solteiras, sempre dignas do nosso maior respeito, envolve a existência de pais que não deveriam estar ausentes. Compreendemos a legitimidade das convenções sociais, veneráveis em seus fundamentos, mas entendemos que não nos será lícito menosprezar, em tempo algum, aqueles que não conseguiram se lhes ajustar aos preceitos. Sabendo que o aborto, mesmo legalizado no mundo, é uma falha nossa na Terra, estamos certos de que ninguém deveria praticá-lo, seja no regime das convenções humanas, seja fora delas. Cremos, desse modo, que uma legislação surgirá no futuro, em favor da mulher que, tendo confiado um dia em alguém, teve coragem de não abandonar a criatura indefesa que esse alguém lhe trouxe à vida. Aguardemos assim providências humanitárias em que os homens mais humanitários criem por si disposições legais magnânimas, baseadas na justiça da vida, com que venham a sanar a falta deixada por outros homens, nossos irmãos, que se fizeram pais sem consciência mais ampla dos papéis que assumiram.

P — A propósito, há casais que têm afinidades espirituais mas não se acertam em termos de conjugação amorosa. Esta circunstância, por si só, seria motivo suficiente para separação legal do casal?

R — O assunto implica problemas de consciência pertinentes a cada um. De nossa parte, consideramos que compromisso traduz débito, livremente assumido, e qualquer débito pode ser adiado no resgate, segundo as condições dos devedores, mas sempre será trazido pela contabilidade do tempo à consideração dos responsáveis para a justa liquidação.

P — Algumas considerações a respeito do perdão.

Os psiquiatras afirmam que as pessoas que não aprenderam a perdoar são mais sujeitas a neuroses. Isso não significaria, em termos espirituais, que os estágios evolutivos menos avançados nos deixam mais expostos a males, na intimidade do psicossoma?

R — O ressentimento, na opinião dos nossos Benfeitores Espirituais, é um estado enfermizo, de vez que, não sabendo desculpar aqueles que porventura nos ofendam, criamos sobre nós mesmos uma carga emocional de caráter negativo que inutilmente dilapida nossas próprias forças. Daí a razão do ensinamento de Jesus: "Perdoa não sete, mas setenta vezes sete".

Com essa atitude, sustentamos não só a paz em nós como também nos imunizamos contra qualquer influência destruidora que acolheríamos em prejuízo próprio e sem nenhuma razão de ser.

As mágoas nos fazem adoecer, e daí resulta que devemos interpretar quem ofende como doente. Se recolhemos a ofensa, para respondê-la, o que estaremos fazendo é guardar conosco a lata de lixo que nos foi atirada. O ensinamento de Cristo é uma verdadeira terapia mental. Diz o nosso Emmanuel que não se deve passar recibo ao mal, nem fazer a cobrança do bem.

P — E a Psicanálise, ela cura?

R — Benfeitores Espirituais comumente nos asseveram que a Psicanálise é uma ciência das mais respeitáveis na orientação do comportamento humano, esperando-se no entanto que venha a se enriquecer de valores espirituais sempre mais altos para o estabelecimento de motivações nobilitantes para a vida, a favor de quantos recorrem à sua intervenção e aos seus ensinamentos. Afirmam ainda que aguardam isso, porque não será justo despir a nossa alma de todos os recursos do mundo externo, dos quais nos valem para angariar os patrimônios da vida imortal do espírito. Creemos que o espírito, analisado para deixar todas as crenças ou ideais que haja esposado, mesmo em caráter transitório na existência terrestre, precisa substituir esses mesmos ingredientes de que se vê despojado por outros que lhe garantam a alegria e o interesse de viver; portanto, acreditamos que um tratamento de saúde, qualquer que seja, deve visar a nossa própria melhoria, no capítulo do bom ânimo e da autoconfiança, a fim de que a nossa vida alcance o máximo no rendimento do bem de todos.

Chico reflete um instante e acrescenta:

A vida também precisa de ilusão, decorrente da esperança. Se

eliminarmos a esperança de alguém, cabe-nos o dever de doar-lhe um substituto.

P — Há entendidos afirmando que a Psiquiatria, por suas próprias limitações, é apenas mero paliativo no campo da terapêutica profunda, de vez que a doença mental é reflexo do meio sócio-familiar do paciente...

R — Os Espíritos Amigos sempre nos afirmam que a Psiquiatria está destinada ao mais amplo progresso. Não encontramos razões para julgar o contrário. Certamente o grupo sócio-familiar determina influências irrecusáveis sobre nossos irmãos portadores de doenças mentais; entretanto, a equipe familiar é sempre conjunto de espíritos afins, gravitando uns em torno de outros, na solução das necessidades de burilamento que trazem de existências anteriores e, por isso mesmo, a chamada atuação do ambiente sócio-familiar sobre esse ou aquele dos seus componentes é decorrência fatal.

P — Suponhamos que Freud reencarnasse já como cristão: no caso, ele seria anti-Freud?

R — Admitimos que Sigmund Freud, o gênio da Psicanálise e das ciências psicológicas de hoje, pode retornar à Terra, em novo renascimento; estamos convencidos porém de que ele não faria um apostolado anti-Freud e sim viria desenvolver os estudos e pesquisas valiosas que nos deixou, no sentido de enriquecer a sua própria obra e complementá-la com as realidades objetivas da reencarnação.

P — O Freudismo tem negado que haja correlação entre sofrimento mental e deslizes morais de caracterização religiosa. Algum dia poderá ocorrer fusão entre Freudismo e Cristianismo, de forma a sanar as áreas de conflito?

R — Estamos convencidos, com os ensinamentos dos Instrutores Espirituais, de que o sofrimento mental, decorrendo habitualmente do complexo culposos, remanesce de causas morais mantidas por nós mesmos na intimidade do próprio ser.

O Universo é regido por forças morais inderrogáveis; não posso decepar o meu próprio braço num momento de insânia sem sofrer as conseqüências de minha própria irreflexão. Causas morais e sofrimentos mentais, criando provações no campo físico, se interligam naturalmente em todos os fenômenos da vida, sem que

possamos eleger este assunto à conta de irresponsabilidade ou indiferença, o que seria subverter a ordem que preside a Vidá Universal. Cremos sinceramente que o Cristianismo, especialmente interpretado nas explicações simples e claras da Doutrina Espírita, iluminará todo o território do Freudismo, abrindo novos caminhos para a harmonia e felicidade na vida comunitária.

P — Que falta então à Psicanálise para transformar-se numa ciência plena?

R — Não temos competência para articular uma resposta à altura da indagação. Cremos apenas que nenhum ser consegue atingir ápices de evolução de um momento para outro. Em cada etapa da nossa jornada para os cimos da vida, precisamos de elementos e meios que nos concedam acesso à vida externa, junto da qual recolhemos as lições que se nos fazem necessárias à aquisição de experiências.

Não seria razoável impor, de imediato, as nossas idéias a um índio recém-chegado da selva para elevar-lhe a conduta com os recursos de que ele próprio disponha.

Crems que a Psicanálise, unida à reencarnação, mas adotando os processos reeducativos da reencarnação, no espaço e no tempo seria para o mundo de hoje uma realização ideal.

P — Ainda sobre o problema da saúde humana, entende como algo possível que a ciência médica consiga afinal a cura do câncer sem antes aprofundar-se na mecânica espiritual que gera as doenças?

R — Acreditamos que a cura definitiva do câncer e de outras moléstias que se fazem flagelos da comunidade exigirá essa penetração da ciência nos processos espirituais da vida. Acrescentamos ainda que sem essa penetração, se a luta contra o câncer ganhar vitórias relativamente fáceis, outras enfermidades virão substituí-lo por agentes de reeducação e aperfeiçoamento de nós outros, os seres humanos.

P — Essa importante aquisição no campo da ciência médica viria através de médiuns ou de médicos?

R — Acreditamos que a cura do câncer, para ser válida, deverá chegar até nós através de médicos humanitários, porquanto uma realização dessas, na expressão positiva com que deve se apresentar, pertence ao domínio da ciência médica, que há tanto

tempo se empenha em trazer ao mundo essa conquista. Aqui cabe pensar: “Médicos sejam por médicos entendidos...”, porque estamos certos de que os cientistas desencarnados estão auxiliando cientistas da Terra que se consagram ao bem.

P — Acha possível enfim que a Medicina invente algum dia uma pílula capaz de facilitar o ato de perdoar?

R — Semelhante pílula não solucionaria o problema porque o perdão deve ser um ato consciente, agindo por bênção de paz nas engrenagens da alma.

P — Há muitas pessoas, pertencentes a esta ou aquela religião, que, em hora de grandes problemas ou provações, esquecidas da sua fé, partem em busca de curandeiros, adivinhos ou de quem quer que lhes diga: “Vou dar um jeito no seu problema”. Como a Doutrina Espírita situa essa questão?

R — Ante os problemas do imediatismo na Terra, ser-nos-á realmente difícil pensar em nossos irmãos da coletividade humana, por pessoas capazes de aguardar uma solução mais segura às questões que as preocupam, quando algum ingrediente de facilidade possa surgir de pronto, quase que exigindo a adesão da criatura necessitada, para que a tranqüilidade transitória venha a favorecê-la. Isso é claramente humano. Aliás, não será de desprezar o concurso que alguém nos oferte em benefício de nossa paz, quando a aflição muitas vezes dramatizada ou exagerada nos colha de assalto. Entretanto, as leis da vida não se alteram para ninguém. Uma ferida em nós pode talvez encontrar um paliativo que a obscureça, dando-nos a impressão da cura, mas chega sempre o momento em que verificamos, às vezes tardiamente, que essa ferida, supostamente um mal, era justamente o bem de que necessitávamos para evitar sofrimento maior.

P — Você acredita que se nós, os terrestres, fôssemos mais evoluídos e pacíficos, as humanidades de outros planetas já teriam entrado em contato amplo conosco?

R — Provavelmente sim. Uma evolução espiritual iluminada pelo amor fraterno, conforme os ensinamentos de Jesus devidamente praticados, nos colocaria em posição de receber os seres superiores de outros campos cósmicos do Universo para compreendê-los e assimilar-lhes as lições que nos pudessem ministrar.

P — O próprio Cristo revelou-nos que João Batista era a reencarnação do profeta Elias. Registra a Bíblia que Elias mandara degolar diversos filisteus. Sabemos também que João Batista foi degolado a pedido da mulher de Herodes, Herodiade, e sua filha Salomé. Jesus amava João Batista mas, ainda assim, a lei cármica regida pela lei de causa e efeito funcionou da mesma forma para o Anunciador dos Novos Tempos. É assim que deve ser interpretada a decapitação de João Batista?

R — (Antes de responder por escrito, o médium Xavier faz um breve comentário: "Observe que, após a morte de Batista, que entristeceu ao Mestre, o Anunciador já não é citado. Por quê? Tivesse João Batista se encomendado à Misericórdia Divina, e não só à Sua justiça, é bem possível que outro teria sido o seu fim. Todos nós, inferiores ou evoluídos, devemos invocar sempre a Misericórdia, que é o amor divino". A seguir toma do lápis e registra o seguinte:) — Conforme ensinamentos da Espiritualidade Superior, sempre que estejamos em função da justiça devemos exercê-la com misericórdia. Cremos que João Batista, o Precursor, era Elias reencarnado. O respeito devido ao Evangelho não nos permite anatomizar o problema da morte de João Batista. Mas perguntamos a nós mesmos, na intimidade das nossas orações, se ele não se teria exonerado do rigor do carma, caso agisse com misericórdia no exercício do que era considerado de justiça para a família de Herodes. É um ponto em minhas reflexões na veneração com que cultivo o amor pelos vultos inesquecíveis do Cristianismo.

P — Sobre a natureza e evolução do Espírito de Cristo: Ele ascendeu espiritualmente segundo a escala evolutiva normal em outras esferas, ou foi criado Espírito já puro?

R — Sempre que indagamos sobre isso aos Amigos Espirituais, não sei se por reverência ou porque eles consideram oportuno adiar para nós o total conhecimento da Verdade, informaram nossos Benfeitores que o Espírito de Jesus Cristo lhes surgiu tão imensamente alto nos valores da Evolução e sublimação que há necessidade de mais tempo para isso. Até que o consigam, sentem-se os Amigos da Vida Maior, perante o Cristo, como quem se vê iluminado por uma luz forte demais para ser analisada sem os instrumentos precisos.

P — Espiritualmente, como devemos encarar os dirigentes e políticos encarregados do governo da Terra?

R — O nosso Emmanuel costuma dizer que devemos reverenciar nos líderes políticos grandes espíritos missionários a serviço do progresso humano e que, por isso mesmo, antes de criticá-los em qualquer emergência, será justo imaginar sobre nossos ombros o fardo das responsabilidades que pesa nos ombros de todos eles. Compreendendo-se as dificuldades com que são defrontados, é sempre aconselhável que eles próprios assumam as iniciativas que lhes cabe na vida comunitária; entretanto, se de nossa parte, com o respeito que lhes tributamos, algo pudéssemos pedir ou sugerir, lembraríamos como seria oportuna a assistência sempre mais ampla e mais intensa nos setores de educação, de modo a valorizarmos a vida em bases de relacionamento fraterno entre as criaturas, com raízes no respeito mútuo e na distribuição do trabalho em favor de todos, sem distinções, com o que, segundo os Amigos Espirituais, fortaleceríamos a segurança e a paz construtiva no mundo.

P — Que prece faria você em benefício da humanidade nesta difícil fase de transição que antecede a próxima era, a Era do Espírito?

R — Caro amigo, continuo a pensar que Nosso Senhor Jesus Cristo nos deu com a oração dominical o modelo mais alto de pensamento e palavra para louvarmos a Divina Providência e a ela recorrermos em qualquer circunstância, para recebermos de Deus o melhor e o necessário que nos bastem ao trabalho de cada dia e à felicidade de cada um.

P — Periodicamente você visita os reeducandos nas penitenciárias públicas onde cumprem suas penas. Pergunto se uma atividade mais conscientizada e intensa de parte das agremiações religiosas, tendo em vista a situação dos apenados, não facilitaria uma mais rápida recuperação daqueles irmãos em estágio reeducativo?

R — Julgamos que o diálogo em bases de respeito às leis e de conhecimento da solidariedade cristã seria providência das mais louváveis em nossos institutos de reeducação. Semelhantes contatos atingiriam o melhor rendimento de compreensão humana e de conseqüente renovação para visitados e visitantes, então marchando juntos para um relacionamento melhor em nossos grupos sociais.

P — Como explicar a situação espiritual da milenar China, com seus quase um bilhão de habitantes, até hoje praticamente impermeável aos acenos do Cristianismo?

R — Os Espíritos Amigos nos afirmam que, mesmo em nossos climas culturais de povos cristãos, todos ainda estamos caminhando gradativamente para o encontro integral com Cristo pela vivência de seus ensinamentos. A nossa transformação, à luz do Evangelho, é vagarosa e todos — em quase dois milênios com as lições de Jesus — somos por Ele esperados e tolerados em matéria de aplicação. Diz nosso Emmanuel que muitos outros povos estão igualmente sendo por Ele esperados e tolerados em matéria de crença e conhecimento.

P — Não se lhe afigura paradoxal que o neo-hinduísmo, após tantos milênios e profetas iluminados, conserve a crença da transmigração regressiva, ou seja, a de que um Espírito considerado mau pode renascer no corpo de um animal?

R — A violência não consta dos Estatutos Divinos. As Leis do Amor que dirigem o Universo respeitam a caminhada espiritual de comunidades e indivíduos, nas concepções que façam da vida ou do progresso da vida, desde que não se façam motivo de perturbação ou perseguição, de uns para com os outros.

P — Há em certos países desenvolvidos legisladores receptivos ao uso de entorpecentes e favoráveis à permissividade sexual. Como você caracterizaria essa tendência liberalizadora?

R — Estamos diante de resoluções assumidas pelo arbítrio livre de pessoas respeitáveis, tanto da parte dos que dirigem, quanto da parte dos dirigidos. Acatando o critério havido em semelhantes escolhas, estamos certos de que as Leis de Deus nos ensinarão sempre o melhor, seja advertindo-nos contra certas práticas nocivas a nós mesmos, seja entregando-nos à permissividade, até que as conseqüências desse ou daquele hábito nos encaminhem a mais amplo conhecimento, acerca do que seja realmente proveitoso à nossa conquista de paz e felicidade.

P — Por que, nos livros de André Luiz e outros da Espiritualidade, não é mencionada a cor epidérmica negra? Seria que no astral inferior os possuidores de tal coloração epidérmica a perdessem ou a transformassem após o fenômeno da morte?

R — O corpo espiritual, pela plasticidade que o caracteriza, pode tomar a forma dos pensamentos que o dirigem.

P — Haveria uma eventual influência dos números no destino da criatura humana? Vejamos, por exemplo, as citações do número sete nas páginas da Bíblia: a Criação do Mundo em sete dias, o sonho do faraó egípcio interpretado por José com as sete vacas gordas (fartura) e as sete vacas magras (fome), o perdão que deve ser dado não sete vezes mas setenta vezes sete e as diversas citações do número sete no Apocalipse, etc.

R — A numerologia deve trazer em si um número vasto em significações que demandam estudos adequados com a supervisão de especialistas no assunto. Não disponho de elementos para confirmar ou negar as asserções das autoridades que se manifestam nessa área de investigações espirituais. Guardo, porém, a convicção de que, em nosso renascimento, já trazemos, por inspiração dos Benfeitores Espirituais que nos assistem, a influência dos números de que estejamos necessitados para que a vida nos conceda o melhor que sejamos dignos de receber. E isso acontecerá até que possamos senhorear a numerologia como ciência conquistada por nós, para o domínio de nossos conhecimentos.

P — Uma das principais fórmulas (de Einstein) para a confecção da bomba atômica é:

$E = M \times VL^2$ (ou seja: a energia libertada é igual à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz).

Em termos espirituais há alguma forma de traduzir o significado intrínseco dessa fórmula de liberação da energia atômica?

R — Do ponto de vista dos matemáticos, conforme as minhas próprias experiências, eu precisaria estudar para ser um Enrico Fermi ou outro qualquer dos Espíritos notáveis que colaboraram na fórmula da bomba atômica, a fim de entrar com proveito na faixa dos Espíritos Sábios que tratam do assunto. Penso, porém, que poderemos imaginar como será belo o nosso mundo, que já é maravilhoso por si, quando soubermos liberar a energia mental para o bem de todos.

P — As bombas "A" lançadas sobre Hiroxima e Nagasaki representariam uma compulsão, ou destinação histórica, de parte de alguns dirigentes terrestres do nosso Orbe, objetivando apressar o fim da Segunda Guerra Mundial, ou foi uma simples opção gover-

namental e estratégica? Em outras palavras: livre-arbítrio de alguns ou determinismo cósmico inarredável?

R — O assunto envolve tantas implicações de caráter político que os lançamentos das bombas atômicas até agora são ocorrências que somente serão compreendidas por nós quando examinadas a longa distância de tempo. O futuro nos dirá com maior segurança o que deve ser conhecido com proveito para a civilização em que nos achamos.

P — Com relação ao planeta Marte, as pesquisas até aqui procedidas pelos cientistas terrestres parecem abonar a tese de que lá não existe vida tal como nós, os seres humanos, a concebemos. Se tal hipótese for confirmada por pesquisas ulteriores, isso não reforçaria a afirmativa dos que vêm nas obras psicografadas, principalmente as que tratam de relatar a vida inteligente em outros mundos e galáxias, mera ficção científica de quem os escreveu?

R — Sim, é possível que as teses apresentadas pela ciência venham a prevalecer, até mesmo por muito tempo quanto ao assunto, considerando as mensagens psicografadas como obras de ficção. Isso porém não invalida a realidade de que possuímos vida espiritual em regiões que o homem físico designa como despovoadas. E isso acontece porque, por enquanto, as observações humanas, mesmo se ampliadas por instrumentos de alta potência, apenas atingem a faixa de matéria em que nos achamos situados no plano terrestre. (Após reler o que acima está escrito, Chico Xavier acrescenta um interessante esclarecimento sobre essa questão: “Nosso Lar situa-se sobre o norte do Rio de Janeiro. As regiões descritas no livro *E a Vida Continua...*, sobre o lado norte da cidade de Santos. Quais os aparelhos científicos que as registram? A lente humana é o olho humano, ampliado”).

P — Não seria melhor para todos se parapsicólogos e pesquisadores, em vez de simplesmente negarem a sobrevivência e a atuação dos Espíritos, ou tentarem explicar os fenômenos ditos paranormais como meros reflexos do subconsciente, individual ou coletivo, freqüentassem as sessões espíritas realmente imbuídas de Evangelho?

R — Por volta de 1954 um ilustre sacerdote pedia-nos licença para assistir a uma de nossas sessões públicas, em nosso humilde Centro, em Pedro Leopoldo. Esclareceu que obtivera, antes, li-

cença especial de seu superior para o trabalho que pretendia fazer. Já havia escrito um livro condenando o Espiritismo e sabíamos estar preparando um outro com o mesmo objetivo. Disse-nos Emmanuel: “Ele veio ver-nos com muito respeito e não deve ser deixado de lado”.

Convidei-o pois a sentar-se ao meu lado e assim foi feito. Começamos a dar consultas e, súbito, comecei a sentir um frio que vinha da direção dele. Para nos tranquilizar Emmanuel explicou-nos que o padre rezava um terço meio às ocultas, mas eu continuava a sentir como que umas pontas de agulha, umas lâminas frias. A surpresa, porém, estava reservada para o final, quando nos chegou uma mensagem com mais ou menos 40 páginas psicografadas, da autoria espiritual de alguém que lhe fora muito chegado ao coração. Como de hábito lemos a mensagem em voz alta e o texto era uma conclamação ao nosso amigo visitante a que se preparasse para trabalhar em certa zona espiritual carente de esclarecimento, e dando outros dados de seu conhecimento.

Finda a sessão, indagamos do nosso respeitável visitante:

— O senhor aceita a mensagem?

— Perfeitamente. Achei-a autêntica.

Soube depois que não escreveu o tal segundo livro.

P — Como devemos entender a expressão “almas gêmeas” dentro da conceituação de que os Espíritos não têm sexo?

R — Diz o *Livro dos Espíritos* que os Espíritos não possuem sexo como entendemos na Terra mas percebamos o “como entendemos” de vez que, do ponto de vista da comunhão das criaturas, cada qual, no corpo ou fora do corpo, tem o magnetismo que se lhe faz peculiar. A saudade de alguém é a fome do magnetismo desse alguém, razão pela qual o amor é uma lei para nós todos, mas as ligações afetivas são conexões particulares, em vista da comunhão das pessoas umas com outras no curso do tempo e na construção dos ideais que lhes são comuns.

P — Na Quarta Surata do Alcorão, a que trata das mulheres, Maomé afirma textualmente: “Se temerdes ser injustos para com as órfãs, podereis desposar duas, três ou quatro mulheres das que vos aprouver, entre outras”. O conflito da filosofia maometana com os preceitos cristãos monogâmicos e com os Dez Mandamentos é evidente. Qual teria sido a fonte de inspiração de Maomé e quais as prováveis ilações morais de tais preceitos?

R — Estamos certos de que Maomé, não obstante a veneração que lhe tributamos, terá sido intérprete humano de revelações que, em determinada percentagem, deveriam contar com as idéias e concepções adotadas por ele mesmo, na posição de homem. Realmente a palavra do Profeta estava sendo dirigida a milhões de concidadãos dele próprio, que jazeriam vinculados a costumes e tradições que os seguidores do Cristo não esposam. Esse ponto de vista é natural, tendo em conta que os preceitos religiosos surgiam sem os órgãos de comunicação do mundo moderno.

Surgidos os princípios, estes permaneciam e permanecem estanques por muito tempo.

Por isso mesmo, nos estágios atuais do comportamento humano, a monogamia ganha terreno cada vez mais, mesmo entre os povos de vanguarda em que o Islamismo se fez o sistema de religião ideal. E conquanto a chamada liberação dos sexos esteja hoje lançando raízes perigosas de conotação com a delinqüência, cremos firmemente que o sistema monogâmico nas vivências humanas, em matéria de ligação sexual, é o regime autêntico de amor e paz em que se consolidará a felicidade das criaturas.

P — Um grupo de cineastas europeus prepara-se para rodar um filme com especulações escandalosas acerca de uma pretensa vida transexual de Jesus Cristo. Se lhe fosse possível dirigir algumas palavras e considerações a esse grupo, que diria você a essas criaturas?

R — Cremos que esse filme, apregoado com tanto alarde na imprensa internacional, corre à conta de certas extravagâncias que assinalam a nossa época de transição. Mesmo que os autores da realização nos queiram falar de seriedade no cometimento, encontramos nessa empresa lamentável desrespeito para com Aquele que formou, em princípio, a civilização do Ocidente. Ainda mesmo quando não pudéssemos aceitar Jesus Cristo investido de um Apostolado Divino, o apoio e a inspiração dEle em nossa formação, como povos de educação superior, precisariam merecer a veneração que lhe é devida. Aliás, o apreço que não se nega a qualquer pessoa em matéria de vida íntima, na figura de Cristo deveria atingir o máximo de reverência que todos nós, os cristãos, merecidamente lhe tributamos.

P — Apesar de tudo, não lhe parece que o mundo hoje está bem melhor para se viver que o de alguns séculos atrás?

R — Se pudermos colocar os nossos sentimentos ao nível de nossas aquisições culturais, o mundo de hoje, confrontado com a Terra de séculos passados, seria já um lar de paz e amor, preparando conquistas celestes.

O nosso problema crucial é a diferença enorme que temos coletivamente a vencer, entre o avanço da inteligência humana e a persistência de muitos dos nossos sentimentos ainda algemados a concepções estreitas da vida tribal.

P — Enfim, no seu entender, qual a fórmula de ouro que nos permitiria ou nos permitirá viver relativamente felizes e em paz neste mundo?

R — Caro amigo, estamos certos de que não existe outra fórmula mais exata para sermos felizes, além da "regra de ouro" iluminada pela mensagem de Cristo: "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS, TAL QUAL VOS AMEI".

* * *

Era madrugada quando, insone, voltei ao hotel.

Os palacetes estavam fechados, o vento soprava só de raro em raro, no ar molhado de lentas sonoridades. Vou andando qual um evadido sobre os paralelepípedos, na paz exultante da rua deserta.

Na Praça Central, detenho-me qual uma gota d'água suspensa no ar. Era isso, eu tinha que me render às evidências ainda que, desta vez, elas não fossem palpáveis, visíveis. Por razões ou definições difíceis de traduzir na linguagem dos homens, no mais íntimo de meu ser aquele novo contato com Chico Xavier me dera a nítida impressão de que eu dialogara com uma criatura que falava a língua de seres diferentes, parecia não pertencer, pelo menos por inteiro, à família terrestre. Ele era singular entre todos e diferente de tudo o que eu conhecera ao longo da minha existência de lutas e de variadas experiências.

Francisco de Paula Cândido, ou Francisco Cândido Xavier, ou simplesmente Chico Xavier, nascido a 5 de abril de 1910, penúltimo rebento de uma família com 8 filhos, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, filho do operário João Cândido Xavier, e da humilde lavadeira de nome Maria João de Deus Xavier, órfão aos 5 anos, instrução primária, cego do olho esquerdo e com visão limitada na

vista direita, funcionário público aposentado do Ministério da Agricultura daquele Estado desde 1961, solteiro por opção e destinação, médium psicógrafo de mais de 152 livros recebidos dos Espíritos (mais de 600) e traduzidos já em cinco idiomas da Terra, inclusive o Esperantó, com mais de 3 milhões de exemplares vendidos, pessoa simples e afável, vivendo em relativa pobreza material por ter renunciado aos direitos autorais, vindo a este mundo para servir e amar, é espírito cativo da Luz que jorra do Mais Alto, em benefício da Humanidade. Anos atrás eu fizera publicar o livro ao qual me referi na introdução deste, com poesias minhas e, nesse livro, há um poema feito para Chico Xavier, embora nessa época paradoxalmente eu nem sequer o conhecesse. Sei que é difícil explicar essa aparente contradição e eu não tentarei explicar-me.

Limite-me aqui a simplesmente transcrever esse poema tal como foi concebido.

CANTO DE MIL ANOS

Sabes

*desde cedo eu admirava teu canto vespéral
porque sabias sorrir na face
enquanto teu coração sangrava no peito
jamais soube o mundo teu segredo.*

Sim, é certo, tu foste

*meu irmão em outros tempos
quando corríamos por ruas agrestes
qual um rio de profundidades submersas.*

Agora venho dizer-te:

*amo teu ser desperto para o clarão das alvoradas
sempre que te vejo enxugando
a lágrima de homens que nunca conhecestes
e que só lembrarão de ti
daqui a mil anos.*

IV — NINGUÉM MORRE

Dois dias antes do desencarne de minha mãe, estive junto de seu leito de enferma a maior parte daquele frio e ensolarado dia de julho.

Visitá-la no hospital, mormente nas horas em que o movimento nos corredores era menor, tornara-se para mim uma rotina indesejável naqueles derradeiros três meses.

Embora ela estivesse convicta de que a partida não demoraria largo tempo, preferia evitar sempre que nossas palestras sugerissem sequer um patético colóquio de despedida.

Ao contrário, gostava de infundir-nos ânimo novo, dizendo que haveria de estar curada com a chegada da primavera...

Naquela radiosa e úmida manhã invernal, porém, por primeira e única vez nossa conversação iria adquirir um tom inusitado e marcante.

Eu chegara ao hospital por volta das nove horas e os corredores estavam desertos. Os médicos nos haviam advertido de seu fim iminente e, para mim, a perspectiva de perdê-la era dolorosíssima. Desde cedo, na condição de filho primogênito, minha vida fora muito partilhada pela dela e eu conscientemente reconhecia não estar preparado para a temida experiência da sua perda.

Enxergar aqueles negros e afetuosos olhos vidrados pela fixidez da morte, saber mudos para sempre lábios que só se abriam para proferir palavras de reconforto e carinho, ver imobilizadas as mãos que tanto me haviam afagado na infância e, incansáveis, abençoado horas sofridas e difíceis da vida adulta, afigurava-se-me o entrar em temido e angustiante labirinto sem indicação de rumos que me reconduzisse à plena luz do dia.

Vendo-me entrar cabisbaixo e meditativo, um sorriso iluminou-lhe o rosto emagrecido e a cabeça já sem cabelos em consequência das aplicações de terapia irradiante.

— Como estás te sentindo?

— Bem. Tenho dormido grande parte do tempo, talvez por efeito da medicação que devo tomar. Tive um sonho esta noite e,

durante esse sonho, enxerguei à minha volta três médicos ou enfermeiros, com aventais e gorros muito algídos, trabalhando e me auscultando. Não saberia repetir o que diziam mas me pareceram tão nítidos e densos que cheguei a duvidar que estivesse sonhando.

Exatamente quando me debatia nessa dúvida, acordei. Senti imediatamente uma suave sensação de bem-estar com total ausência de dores. Ainda estou sentindo esse bem-estar.

Um pouco mais esperançado, indaguei:

— Estás respirando melhor?

— Sim, Deus me tem em grande amparo. Não sinto desânimo algum dentro de mim. É certo que, na condição de mãe, eu gostaria de permanecer um pouco mais de tempo junto de todos os meus filhos. Mas, para servir e dar testemunho de Deus, estou pronta.

Senti como se poderosa mão tocasse abruptamente todas as fibras de meu ser. Com a boca seca e voz entrecortada pela emoção, arrisquei:

— Mas ontem... não disseste que... ficarias boa na primavera?

— Disse. Mas se viver é para mim tão importante, morrer é como tomar um copo de leite...

— Não entendo. Como é que...

— Talvez encontres alguma dificuldade no que vou te dizer agora mas a presença tão próxima da morte não me atemoriza. Sabes por que não sinto nenhum temor ante a morte? Porque nós a vemos com olhos de ilusão terrena. A morte, ao invés de tempestade, é calma, ao invés de viela escura e tenebrosa é antecâmara de paz, de refazimento, de harmonia. Na realidade, a vida no além-túmulo é prêmio de consolação, de pausa e renovação. Acima de tudo, é a essência da nossa verdade.

— Mãe, não entendo de religiões e, menos ainda, desse Espiritismo em que te sustentas. Sei que, por temor ao desconhecido que é a morte, ou por inconformadas vaidades de aspiração à imortalidade, ao longo do tempo os homens inventaram muitas crenças e superstições. Mas, na hora da grande verdade, que é o vazio da morte, de que me servirá crer nisso ou naquilo, ser deísta ou ateu se nenhuma força ou poder no Universo pode evitar o inevitável fim de tudo!

Pousou então em mim profundo e compadecido olhar:

— Tudo na vida obedece às leis divinas. Lembras de quando estudavas princípios de Física? Nada se cria, nada se perde, tudo

se transforma... E assim a nossa existência! O próprio sofrimento faz parte dessas leis que existem unicamente para nosso aperfeiçoamento. No Espiritismo nós confirmamos não existir efeito sem causa nem causa sem efeito. É tudo muito claro, não pode existir injustiça da parte de Deus.

— Mãe, convivo contigo há tantos anos, assisti à tua luta de esposa na preservação de um lar de difícil sustentação. Por seis vezes foste e és mãe extremosa... não, não consigo entender...

— Que é que não entendes? Aprecio que me fales francamente.

— Com todo o respeito por tuas opiniões e crenças, não entendo o Deus de justiça que proclamas. Há tanto sofrimento nas comunidades humanas... No teu caso, que é que fizeste para merecer um sofrimento assim? Seria essa a retribuição em troca do bem que fizeste a todos nós, e aos pobres que alimentaste, e às crianças que vestiste, e às palavras de esperança que distribuístes às mancheias? E essas dezenas de pessoas que têm vindo até cá com nobres propósitos de consolar-te e, ao invés, saem daqui consoladas por que conversas todo o tempo sobre os problemas delas? Não consigo atinar com nenhuma fonte dessa justiça. Que Deus é esse?

Desta vez seus grandes olhos me fitaram convictos e serenos:

— Cala-te! Nada sabes do que estás falando. Deus me deu a saúde e m'a tirou. Deus me deu a juventude, a beleza, o vigor e todos os demais bens efêmeros que facilitam o nosso trânsito neste mundo, e tudo foi a Ele devolvido. E digo isto profundamente agradecida.

— Mas então, onde está a lógica dessa lei de retorno? Mil vezes preferiria que, em vez de resignação, recebesses em saúde o bem que semeaste. Enfim... que Deus te curasse agora. Entre a fé e a vida, minha preferência é a de evitar confrontos com a morte, já que ela é insofismavelmente o fim de tudo.

— Meu filho, a morte não existe. Eu me beneficiaria de uma grande felicidade se pudesse transmitir-te esta certeza que tenho na sobrevivência da alma. Vê, meu espírito, que por algum tempo ainda podes enxergar e tocar num corpo em fase final de autodestruição — mas que me serviu admiravelmente ao longo de 67 anos intensamente vividos no aprendizado de Deus, volta às suas origens, à maneira de um viandante que retorna ao aconchego de um lar insubstituível, após afadigante jornada por escarpados caminhos. Pouco antes de aqui chegares, eu lia a obra *Palavras de*

Emmanuel de muita sabedoria e consolação. Sobre esse ponto que é que *Emmanuel* afirma nesse livro? Ele nos diz que o nosso organismo, apesar de maravilhosamente perfeito, não passa de efêmero domicílio de carne para o Espírito sintonizado por indefiníveis anseios de regresso à vida na Espiritualidade Superior. Uma vida bem mais sutil que esta nossa porque desprovida dos desejos e necessidades da carne, em províncias onde a dor não mais existe... Hoje cedo, sem apetite para o café matinal, pus-me a ler os pensamentos desse extraordinário e lúcido Espírito Benfeitor. Peço-te que me permitas reler em voz alta alguns poucos trechos... Este aqui, por exemplo: "A maioria dos nossos irmãos na Terra caminha para Deus sob o ultimato das dores, mas não aguardes pelo açoitado de sombras, quando podes seguir calmamente pelas estradas claras do amor. Abençoa as dores que te ferem o Espírito e oprimem o coração. Essas amarguras atrozmente obrigam-te a calar, para que a verdade te fale à consciência".

— Realmente, há pessoas que gostam de sofrer. Quem é esse *Emmanuel*?

— É o Espírito Guia de Francisco Cândido Xavier, o médium de Jesus.

— Ahn, Chico Xavier? Já li o nome dele na imprensa. Quanto a mim, tenho dúvidas de que a fé seja uma poderosa força psíquica. Vou um pouco mais além, dizendo que acredito em nossa sobrevivência pelas lembranças que deixarmos, na imortalidade das idéias, nos livros, nos monumentos da civilização do homem, em suma, em tudo que signifique valor perene para os outros...

Ela muda de posição no leito mas a expressão permanece suave:

— Há de chegar teu dia de compreensão plena, e o dia de todos os meus filhos, porque as leis evolutivas não excetam ninguém.

— Eu bem que gostaria de ter a fé que tens. Há tanta dor nas ruas, nos lares conflituados, há tanta solidão nos asilos, tanta miséria no mundo, tantos pais abandonados pelos filhos! À razão repugna aceitar a existência de uma Justiça Superior, mesmo que invisível aos olhos mortais, ou até mesmo por causa disso... Nunca aceitei sacrificar os prazeres restritos e naturais da vida em troca de uma utópica existência para além do silêncio impenetrável dos túmulos. Sabe, mãe, o mais rude me parece ser a quebra abrupta dos laços afetivos que nos ligam às pessoas por tantos e tantos anos... Toda uma existência!

— Não há despedidas, meu filho. Irei morrer sim mas só nas vestes físicas e para as aparências terrestres. O que há é pura transformação, nós nem suspeitamos existir em nossa volta formas de vida bem mais sutis e evoluídas... Parto para o Mundo Maior levando não apenas minha bagagem de ações boas e más como única credencial, mas também os vínculos afetivos que me são caros ao coração e à consciência. Do outro lado, esses vínculos e afinidades continuam... Ah, Fernando, a vida muda mas não cessa... Com a permissão de Jesus, um dia irei voltar...

A enfermeira bate à porta e entra com a medicação prescrita. Lá fora o rio Guaíba, calmo e majestoso, descia silente rumo à imensidão oceânica.

* * *

Exatamente um ano após a partida de minha mãe eu fazia parte de um grupo de pessoas que, com Chico Xavier à frente, participavam de uma peregrinação a um bairro humilde de Uberaba.

Fazia-se o "Culto do Evangelho no Lar" frente a um casebre previamente escolhido e ao ar livre.

A circunstância de me achar ali na condição de um forasteiro em visita a uma cidade bela e acolhedora não me impediu de observar e registrar mentalmente algo que, desde logo, me pareceu significativo. Ante aquelas seis ou sete centenas de criaturas humildes, com dezenas de crianças maltrapilhas ou seminuas, a figura simples e veneranda do médium de Uberaba, ele próprio a encarnação da humildade pregando a céu aberto e em amplo contato com a natureza, me parecia a genuína revivescência dos primeiros cristãos na Terra, lembrava a figura de S. Francisco de Assis junto aos pobres da Úmbria.

Refleti comigo: "esse médium prega e pratica o Evangelho junto ao povo mais simples e sofrido, levando não apenas agasalhos e gêneros para os necessitados, mas sobretudo a solidariedade traduzida em atos. Não vejo aqui a pompa e circunstância dos cultos em templos suntuosos, nem o artificialismo dos ritos efêmeros. Por primeira vez observo num culto a total ausência de elitismo e abstração na fé. Por primeira vez me defronto com aquilo que sempre e idealisticamente me pareceu a compadecida prática da verdadeira caridade".

Em meio à plácida beleza da tarde a voz tênue, clara e bem empostada de Chico Xavier dirige-se ao povo, primeiramente através da leitura da Epístola de São Paulo aos Coríntios, 13: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

"E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.

"E ainda que distribuísse toda a minha fortuna, para sustento dos pobres, e ainda que entregasse meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria.

"A caridade é sofredora, é benigna: a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece.

"Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;

"Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;

"Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

"A caridade nunca falha: mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;

"Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos;

"Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado.

"Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

"Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face: agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três, mas a maior destas é a caridade".

Após a leitura bíblica, gravo o comentário do Espírito Emmanuel dirigido ao povo simples através a voz de Francisco Cândido Xavier: "A mensagem do apóstolo Paulo é um verdadeiro tratado de humanismo de caráter universal.

"Imaginemo-nos, por exemplo, uns tantos de nós partindo da Terra no dia de hoje. Naturalmente que iremos entrar imediatamente em relação com outras criaturas que não são aquelas com as quais nos habituamos ao trato mais íntimo, pessoal, no dia-a-dia das nossas existências. Então a caridade estabelece para nós esse

clima de aproximação uns com os outros, como filhos de Deus e membros de uma só família.

"Porque a caridade estabelece essa relação em nosso coração com o coração do nosso próximo.

"De sorte que todos nos sentimos irmanados diante do quadro de necessidades com que nos defrontamos, seja ele qual for.

"Quando estamos diante de uma calamidade pública, como por exemplo uma guerra ou uma epidemia, então nosso coração se confrange porque sentimos que todos aqueles que estão sofrendo com tal ou qual calamidade, são nossa gente, são nossos irmãos nos revezes do infortúnio.

"Nos tempos de paz relativa como os que estamos desfrutando, a caridade nos abre esta porta para compreendermos que realmente somos irmãos uns dos outros e isto não é apenas teoria.

"É uma verdade incontestável.

"Cada qual de nós está na posição que alcançou pelo trabalho, pelo estudo. Aqueles que conseguiram galgar alguns degraus têm o dever de estender as mãos para aqueles que vêm mais abaixo um pouco. Para que também possam desfrutar das mesmas facilidades que tenhamos em mãos.

"Isto, longe de ser política, é um ensinamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhum político ou dirigente terrestre ensinou isto antes de Jesus. Estes ensinamentos não constituem um conjunto de regras semíticas ou de povos do deserto, utópicas ou impraticáveis.

"Trata-se de um conjunto de regras pelo qual somos chamados a conviver uns com os outros.

"É dentro da caridade que iremos sentir-nos profundamente irmanados.

"A violência não resolverá os nossos problemas.

"Não há de ser com a prática da justiça para uns, e a injustiça para outros, que iremos criar um clima de fraternidade e de entendimento.

"Só através do amor teremos condições de atrair as boas graças de um convívio cristão e harmonioso.

"Se, por exemplo, dispusermos de dinheiro para pagar um instituto de repouso, iremos precisar da lavadeira que cogitará da limpeza da nossa roupa; precisamos dos braços do cozinheiro que vai preparar os quitutes conforme a nossa dieta; vamos precisar também daquele que faz a limpeza da nossa casa.

“Todos esses irmãos precisam do nosso socorro, do dinheiro com que pagaremos seus inestimáveis serviços mas nós precisamos também do trabalho e do auxílio deles.

“Se formos assaltados por uma enfermidade grave que exija nosso internamento súbito num instituto de recuperação, vamos precisar do socorro imediato de alguém, pois talvez venhamos a perder o controle dos pés ou das mãos, e vamos desde logo necessitar de alguém que nos carregue numa maca ou carrinho de socorro.

“Assim é que se partirmos deste mundo hoje, iremos encontrar na Espiritualidade uma família maior, na qual todos somos irmãos uns dos outros sem exceção de ninguém, cada qual dentro da posição e do mérito alcançados.

“Mas a palavra mérito deve significar para nós obrigação de serviço e responsabilidade para com nossos irmãos necessitados da nossa tarefa de auxílio.

“De nada nos servirá o termos alcançado um alto merecimento e então nos isolarmos dos nossos irmãos, encerrando-nos numa torre de marfim.

“Necessitamos outrossim que a riqueza esteja em algumas mãos, em algumas bolsas, de forma tal que nossos irmãos abastados estejam na administração dos bens da Terra, possam socorrer também a nós outros, que precisamos deles. Não será empobrecendo a estes irmãos que iremos resolver os nossos problemas.

“A ignorância só desaparecerá da face da Terra quando os mais cultos se compadecerem ajudando aqueles que se movimentam nas trevas da ignorância, na condição de analfabetos.

“O amor que Jesus nos ensinou é um legado, isto não é brincadeira. Todos nós, sem exceções, estamos diante da verdade.

“Peçamos portanto a Nosso Senhor, aos nossos irmãos espirituais, que nos despertem para esse trabalho de solidariedade consciente.

“Cada qual de nós, pela misericórdia de Deus, dispõe de 24 horas, entre o dia e a noite, para o trabalho e a edificação. Não é possível que não possamos dispor, dentro desta justa e equânime quota de tempo, de meia hora, de 20 minutos para cogitar de algum pequeno trabalho em favor do próximo.

“Seja orando, seja falando, seja escrevendo, seja lavando, seja varrendo, seja costurando, seja ganhando dinheiro para ajudar, seja alcançando uma moeda, uma xícara de leite, uma gota de remédio, em suma, com porções de tempo assim empregado é que

ajudaremos a transformar o mundo. E assim nunca será preciso que alguém intente tais transformações por meio de decretos.

“Sem dúvida, podem ser efetuados respeitáveis movimentos de compressão da consciência humana, mas esta basicamente necessita e necessitará sempre do amor, tal como nós necessitamos deste sol que a todos nos ilumina.

“Entendemos assim que a prática da caridade é a única chave capaz de abrir-nos esta porta que nos leva à congregação das criaturas como uma só e grande família. É o que nosso caro Emmanuel determinou que eu dissesse e que, mal e mal, transmiti para os irmãos”.

* * *

Os primeiros esplendores do crepúsculo aos poucos substituíram a calma e indelével beleza daquela tarde. Aos poucos, em pequenos grupos, o povo se dispersou pelas ruas e carreiros, como nuvens tangidas por suave vento.

Após as 20 horas daquele dia, éramos um grupo de aproximadamente dez pessoas na casa de Chico Xavier. Todos conversamos demoradamente com ele e, à saída, obtemperei-lhe: “Imagino que a visão espiritual dos trabalhos desta tarde seja maravilhosa para um vidente”. Sorridente e comunicativo, o médium esclareceu: “Sua mãe estava o tempo todo postada atrás de você e disse estar felicíssima por vê-lo presente ao nosso culto do lar”.

O médium Xavier relata a seguir detalhes de sua aparência, linguagem e detalhes por ele desconhecidos. Compreendi que ela cumprira o propósito de, em lhe sendo permitido, voltar essa e outras vezes, como de fato o fez, para comprovar agora e sempre que a morte não existe.

V — DUAS CERTEZAS NO FUTURO DE TODOS NÓS: MORRER E RENASCER

Era manhã de sábado e eu voltara à casa de Chico Xavier para prosseguirmos uma entrevista iniciada na tarde anterior.

A uma indagação minha acerca da reencarnação do imperador Vespasiano na condição de filho de uma escrava, segundo nos conta Emmanuel no livro *Cinqüenta Anos Depois*, o médium relata uma experiência vivenciada por ele, junto a membros de sua família consanguínea.

Tratava-se da reencarnação de um filho de sua cunhada D. Geny Pena Xavier, casada com seu irmão José Cândido Xavier.

Desde o início a gestação da criança, segundo as informações maternas, fora singularmente difícil. D. Geny padecia tonturas e calafrios.

Esclareceu-nos o Chico: "Depois de casados, José e Geny vieram residir em Pedro Leopoldo, numa casa junto à nossa. O nascimento desse meu sobrinho ocorreu normalmente mas a criança, registrada com o nome de Emmanuel Luiz, veio a apresentar problemas de deformidade física que se agravaram com o tempo: cabeça desproporcionalmente grande em relação ao corpo, atrofia muscular, paralisia, surdez e mudez, ao mesmo tempo.

"Com a desencarnação de meu irmão José, em 1939, minha cunhada adoeceu, sendo obrigada a passar longos períodos de internação em casa de saúde da capital mineira.

"Com isso, comecei a participar da assistência mais íntima ao pequenino doente.

"À noite, ao voltar do meu trabalho no Ministério da Agricultura, onde exerci funções de escriturário, ficava ao seu lado o maior tempo possível. Nas noites de tarefas no Centro Espírita Luiz Gonzaga, tão logo findava a sessão eu me esquivava de outras reuniões e convites, pensando na criança, que talvez necessitasse de mim e com a qual muitas vezes passava a conversar espiritualmente. Essa era a única forma de transpor o bloqueio sensorial da cela física em que aquele Espírito entranhadamente se aprisionara.

“Apesar dos problemas que tolhiam sua capacidade de comunicação com o mundo exterior, desde cedo eu supunha tratar-se de alguém muitíssimo inteligente, sensível e culto, o que foi confirmado por Emmanuel quando o caro Benfeitor me revelou que aquele menino era a reencarnação de célebre acusador público na Revolução Francesa, contemporâneo de Danton, Marat, Sade, Saint Just e outros.

“Essa situação permaneceu sem grandes alterações por muitos anos, não faltando mesmo quem sugerisse a medida extrema da eutanásia como providência caritativa com vistas ao termo daquele longo sofrimento sem esperanças do ponto de vista físico.

“Naturalmente me opus a essa idéia; não nos cabia deliberar sobre seu tempo de reaprendizado na oficina terrestre. Deus é sempre nosso único, justo e misericordioso Juiz e Senhor.

“Certo dia, quando o menino contava já quase doze anos de idade, Emmanuel me disse que o crescimento da sua caixa torácica não acompanhara o desenvolvimento dos pulmões, razão por que a desencarnação do garoto não se delongaria por muito tempo.

“Orei em súplica aos Benfeitores do Mundo Maior para que sua mãe estivesse a seu lado na ocasião do desenlace e tive o reconforto de ver atendida essa nossa rogativa. Seis meses antes da desencarnação do pequeno enfermo, a mãe obteve alta da casa de saúde, para onde não mais precisou voltar, tendo passado tranqüilamente ao lado do filhinho esses derradeiros meses da existência terrestre”.

* * *

Há pessoas, em menor número, que se dizem reencarnacionistas, embora afirmem não pertencer a nenhuma religião, ou seita doutrinária ou filosófica.

Aceitam conscientemente a lei das vidas sucessivas, como aceitam a lei da gravidade, ou as ondas hertzianas.

Embora a Verdade não seja fácil de entender, ela tem explicação.

Três mil anos antes da vinda de Cristo à Terra os sacerdotes egípcios ensinavam às crianças que a morte era apenas a passagem para um estado mais fluídico e que, antes de nascer, o espírito já vivenciara na Terra ou em outras paragens do Universo.

Dentre os rituais desses sacerdotes, o mais importante consistia em atingir desdobramentos nos quais a alma da criança, colo-

cada frente a um espelho retrospectivo ou visão do passado, podia vislumbrar os erros e acertos de suas existências anteriores, com vistas a evitar reincidências nesses mesmos erros.

Por vezes acontecia que a alma, em etéreo estado de contemplação, recusava-se a voltar ao corpo, e os sacerdotes tinham que jogar água fria na cabeça dos infantes, a fim de despertá-los para a realidade da existência que estavam vivendo.

Dos sacerdotes Vedas, na Índia, 1.500 anos antes de Cristo, chegaram até nós passagens com trechos como este, por exemplo: “Assim como se deixam as vestes gastas para usar novas vestes, também a alma deixa o corpo usado, para revestir-se de novos corpos”.

Buda, o Iluminado, 500 anos antes de Cristo, afirmando que “toda existência envolve sofrimento. Todo sofrimento é causado pelos nossos desejos e apetites”, pregou a reencarnação como único meio de atingir-se a perfeição (Nirvana), após múltiplas vidas na Terra.

O magnânimo e definitivo ensinamento, entretanto, viria com o próprio Cristo, ao afirmar que João Batista (Mateus 11, v. 12 e 13) era a encarnação do profeta Elias, bem como na resposta a Nicodemos, reafirmando clara e insofismavelmente a lei das vidas, mortes e renascimentos sucessivos com vistas à nossa evolução.

Um fenomenal desvio histórico nos rumos do Cristianismo, consagrado pelo Concílio de Constantinopla no ano 543, declarando excomungado quem afirmasse que as almas (sopros) voltariam a viver em outros corpos, impediu quase que irredutivelmente, por mais de 16 séculos de acidentada jornada humana, os benefícios da inequívoca interpretação consoladora.

Somente em 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, é que a promessa de Cristo a respeito do Consolador viria concretizar-se através da codificação Kardecista.

Um imenso foco de luz inesgotável derramar-se-ia generosamente desde então sobre a humanidade terrestre, na incessante tarefa de iluminação das almas.

* * *

No livro *Cartas e Crônicas*, psicografado por Chico Xavier, há um concludente relato intitulado “Tragédia no Circo”, em torno de um incêndio acontecido no Gran Circo Americano, em Niterói, Estado do Rio, na noite de 17 de dezembro de 1961, no qual pereceram centenas de homens, mulheres, velhos e crianças.

Conta-nos ali Irmão X que no ano 177, à época das perseguições aos mártires do Cristianismo, regressava a Roma, coberto de glórias, o famoso cabo de guerra Lúcio Galo, fiel comandante do imperador Marco Aurélio.

Álcio Plancus, a pedido do Prospector de Roma, presidiria os festejos para a triunfal recepção ao herói.

Consultada a turba, a opção para os espetáculos da recepção foi a de que, além de números com gladiadores, dançarinas e jograis, o quadro de maior sensação seria a queima e estraçalhamento de centenas de cristãos, homens, mulheres e crianças, no picadeiro de um grande circo armado na colina de Fourvière.

Ante a falta de guardas e soldados, centenas de homens e mulheres robustos, em delirante entusiasmo, ofereceram-se para uma rápida captura de cristãos.

Na tarde seguinte, com o picadeiro embebido em resina, além de farpas afiadas pelo caminho, centenas de pobres criaturas foram barbaramente estraçalhadas e queimadas vivas pelas altas chamas atizadas pelo vento, sendo as vítimas puxadas por velhos cavalos em desabalada carreira.

Um largo tempo haveria de escoar-se até a expiação daquele crime. Realmente, 1784 anos depois do tenebroso acontecimento, aquelas mesmas centenas de pessoas participantes da chacina, desta vez em diversas posições de idade física, reunir-se-iam, aparentemente "por acaso", num circo em Niterói, para consumação do resgate imprescindível.

* * *

P — Por que, na maioria dos casos, após a morte, a fisionomia dos desencarnados adquire uma expressão de suave paz?

R — A maioria das criaturas, em se desencarnando, de maneira pacífica, isto é, com a paz de consciência, quase sempre re encontram entes queridos que as antecederam na viagem da chamada morte física e deixam no próprio semblante as derradeiras impressões de paz e alegria que o corpo consegue estampar.

P — Há pessoas que em vida combinam voltar após a morte para dar sinais aos que ficaram, e muitas vezes não cumprem ou não podem cumprir o prometido. Que é que você acha de tais combinações?

R — Não devemos abalançar-nos a tais propósitos futuros,

não conhecendo as normas que governam o mundo dos desencarnados, submetidos que se acham às leis do Mundo Maior.

P — Nem tudo que você vê ou recebe dos Espíritos é transmitido às criaturas humanas. Se exata a suposição, qual o motivo?

R — O médium, na Doutrina Espírita, à medida que se conscientiza nas tarefas que desempenha, aprende com os Espíritos Amigos que só interessa o bem das criaturas e que o mal não merece considerações, a não ser aquelas que nos levem a extirpá-lo com espírito de amor. Por isso a tarefa mediúnica inclui a triagem necessária dos assuntos a serem comunicados, para que o Bem seja sustentado entre nós. O médium responsável é semelhante ao guarda-chaves da ferrovia, deve ter muito cuidado na passagem dos comboios, evitando qualquer desastre. No caso, é a passagem ou a filtragem das idéias.

P — Se os Espíritos têm idades diferentes, de acordo com suas aquisições, chegado o Terceiro Milênio os que não tiverem chances de evoluir e permanecerem atrasados serão arrastados com os maus para um planeta ou mundo de vivência primitiva?

R — Muitas realizações para o Terceiro Milênio, segundo Emmanuel, poderão ocorrer talvez depois de 2.990. Imaginemos, pois, certos fenômenos de triagem na coletividade para séculos não muito próximos. Os Amigos Desencarnados afirmam que na própria Galáxia de cuja vida e grandeza partilhamos, existem numerosos mundos de feição primitiva, aptos a nos receberem para estágios mais simples de aprendizado espiritual, caso não queiramos seguir o surto de elevação em que nossa Terra está penetrando.

P — O célebre Nostradamus assinala os meses de julho e outubro de 1999 como sendo os do período final do tempo que estamos atravessando. E prediz para essa época imensos cataclismos e calamidades sociais. Nostradamus deve ser levado a sério?

R — Com respeito às profecias de Nostradamus que, aliás, devemos estudar com o maior respeito ao mensageiro humano dos vaticínios conhecidos, pede-nos Emmanuel para lermos com meditação o Livro de Jonas, no Antigo Testamento.

P — A propósito, você escolheria reencarnar no Terceiro Milênio para prosseguir na tarefa de soerguimento do Espírito Humano?

R — Nos últimos tempos as tarefas mediúnicas se tornaram cada vez mais agradáveis para mim e de tal modo que, se eu pudesse escolher, seria para mim um privilégio voltar à Terra, na condição de médium, na Doutrina Espírita, não com a idéia de que esteja trabalhando no soerguimento do gênero humano, mas no soerguimento e melhoria de mim mesmo.

P — Há cientistas e parapsicólogos que não vêem qualquer relação entre religião e reencarnação, alegando que esta pode prescindir daquela. Que é que lhe ocorre dizer sobre isso?

R — cremos que a reencarnação, atendendo às leis gerais do progresso, prescinde dos fatores religiosos para efetuar-se, mas a educação e sublimação da vida, a nosso ver, não podem nem deves dispensar a idéia de Deus e o trabalho da religião que se lhe faz conseqüente.

P — Que é que você diria aos parapsicólogos e estudiosos do assunto, acerca do que esses especialistas chamam de "memória extracerebral"?

R — Os parapsicólogos estudam fenômenos que para muitos de nós já são artigos de fé conquistada. Compreendo a memória como faculdade imperecível do espírito imperecível, a expandir-se no tempo, com a expansão de nossas experiências em qualquer plano da vida.

P — Então como você definiria o que comumente chamamos de subconsciente?

R — Definiria o subconsciente como sendo o arquivo inarredável de nossas realizações felizes ou infelizes, no curso de nossas existências já vividas.

P — Se todos nós voltarmos a reencarnar, ora como homens, ora como mulheres, a própria certeza disso não seria um poderoso motivo para que todos aceitássemos a igualdade de sexos, evitando-se que o abuso e a prepotência hoje praticados sejam amarga lição no amanhã quando eventualmente reencarnarmos no sexo oposto?

R — Sem dúvida, também penso assim. Em qualquer questão da existência, seja nos setores do sexo ou não, a lesão ou prejuízo que causemos a outrem estaremos causando a nós mesmos.

P — Então o mal que fizermos na Terra terá que ser necessariamente expiado aqui ou pode em certos casos ser reparado na vida espiritual, através de trabalhos na seara do bem?

R — O mal que praticarmos será sempre motivo para a expiação respectiva, em qualquer lugar, criando o bem a fim de apagar os nossos próprios erros.

P — Ocorrida a desencarnação, qual seria o tempo variável necessário à completa libertação da alma em relação ao corpo físico?

R — A nosso ver isso depende do tempo que o espírito a desencarnar haja despendido em preparar-se para o próprio desprendimento do corpo, através do sofrimento que sempre nos obriga a raciocinar com mais acerto ou da meditação que nos ensina a descobrir o entendimento da verdade em nós mesmos.

P — As pessoas que em vida crêem firmemente em céu, inferno e purgatório, tal como consta nas afirmativas teológicas, após a morte continuam acreditando nisso por muito tempo?

R — Às vezes sim, conforme a rebeldia mental cristalizada a que se acolham. Céu, inferno ou purgatório começam invariavelmente em nós mesmos.

P — Por que um Espírito que amasse muito outro Espírito afim, só iria reencontrá-lo transcorridas duas, três ou mais reencarnações? Isso também seria expiação?

R — Os Amigos Espirituais nos esclarecem que as nossas noções de tempo diferem muito daquelas que formamos no Plano Físico.

P — Como se explica que pessoas reconhecidamente justas, bondosas e crentes na imortalidade da alma mantenham em si arraigado temor à morte?

R — Os Amigos Espirituais nos explicam que até hoje, no decurso de muitos séculos, não temos tido preparação para a desencarnação tranqüila. Quase sempre, até agora, temos atravessado repetidas desencarnações em compromissos e conflitos que nos conturbam demasiadamente, no Mais Além. Atualmente, de modo geral, sofremos o receio de recapitular esses desequilíbrios.

P — Se tivermos o hábito de orar diariamente, isso nãoaju-

dará bastante no após-desencarne quando, ao entrarmos em faixa de perturbação, recorrermos à prece?

R — A oração ser-nos-á sempre uma bênção de libertação íntima e conquista de paz espiritual, seja qual for a condição em que estejamos.

P — Enfim, que faria você se soubesse, numa determinada manhã, ser aquele seu último dia na Terra?

R — Se soubesse de meu último dia no corpo, cancelaria qualquer tarefa, como sejam viagens ou contatos outros, para trabalhar ao máximo com os Bons Espíritos, de modo a aproveitar o "restinho" (sic) de tempo que estivesse ao meu dispor.

VI — COMPLEMENTO DA TERCEIRA REVELAÇÃO

Um cuidadoso exame abrangendo o conjunto de livros psicografados por Francisco Cândido Xavier, em estudo comparativo com os seis livros básicos de Allan Kardec, comprova de forma inequívoca esta comprovável verdade: a obra do médium Xavier, muito antes de ser apenas extensiva confirmação de tudo quanto se contém na codificação kardecista, no fundo e na forma se constitui num extraordinário trabalho de uma equipe espiritual cujo claro e evidente objetivo é a complementação da Terceira Revelação, tal como foi prometida por Cristo (Evang. João, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26).

A transcendente tarefa do sábio de Lião, iniciada com a publicação de *O Livro dos Espíritos* em 1857, vem encontrar em *Parnaso de Além-Túmulo* seu prosseguimento natural, inclusive e sobretudo no que concerne a novos matizes e revelações condizentes com a época e as condições evolutivas que a humanidade terrestre vive ao longo deste final do Segundo Milênio.

No versículo 17 do capítulo 14 do evangelista João, Cristo nos possibilita entender que o Espírito da Verdade viria mais tarde para revelar, de forma gradualista, de acordo com a maturidade média alcançada pelo ser humano ao longo dos séculos, a Divina Mensagem Consoladora codificada por Allan Kardec.

Isto se faz verdadeiro e comprovável nas várias afirmativas dos Espíritos em livros e mensagens psicografados por Francisco Cândido Xavier.

Tais obras mediúnicas, embora estejam longé de esgotar todas as luzes da Terceira Revelação, nesta fase complementativa, tendo em vista que a verdade de Deus é infinita, fazem jorrar do Mais Alto o verdadeiro e consolador significado do Evangelho de Jesus Cristo.

Entenderemos melhor o aspecto intrínseco da magna tarefa complementativa, no que concerne à Equipe Espiritual que a elaborou através do lápis do médium, na resposta textual dada por Francisco Cândido Xavier à seguinte pergunta que lhe formulamos:

— Poderia confirmar-nos se o Mentor Espiritual Emmanuel é o mesmo que, sob tal cognome e também no anonimato da Equipe Espiritual, elaborou com Allan Kardec a codificação de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, e outras obras da Codificação, grafadas a partir de 1856?

Resposta: — “Creio que sim. Conservo para mim a certeza de que ele terá participado da Equipe que colaborou na estrutura da Codificação da Doutrina Espírita. A mensagem intitulada ‘O Egoísmo’, cap. XI, n.º 11, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em que se faz referência a Pilatos, é de autoria do nosso Benfeitor Emmanuel. Não tenho dúvidas a esse respeito”.

Esclarecida na fonte esta importante premissa, que julgamos básica para o corolário deste trabalho de pesquisa, sentimo-nos desde logo amparados para prosseguir num estudo comparativo que não pode deixar margem a dúvidas no que tange ao caráter essencialmente complementativo da psicografia do médium Xavier.

Não há dúvida, de outra parte, de que é dentro de uma ótica pessoal que me proponho a aprofundar tal análise comparativa, que toma por marco de referência as obras desse médium que me pareceram fundamentais, perenes e universalistas, no que tange ao objetivo proposto, sem que isso evidentemente implique em ajuizamento qualitativo para os demais livros, eis que não somos ninguém para julgar a obra dos Espíritos. Dentro da estreiteza dos nossos horizontes humanos, é na realidade impossível escolher o melhor entre as coisas Divinas.

Prosseguindo, pois, no enfoque proposto linhas acima, destacamos *a priori* três livros que se nos afiguram fundamentais para nossa tarefa de análise comparativa: *Nosso Lar* (1943), *Evolução em Dois Mundos* (1958) e *Mecanismos da Mediunidade* (1959), todos do Espírito André Luiz.

NOSSO LAR

O lançamento de *Parnaso de Além-Túmulo*, no qual colaborou uma falange de Espíritos que em vida terrestre foram escritores e poetas brasileiros e portugueses, entre outros benefícios teve o efeito de um compreensível impacto não só nos meios religiosos como em destacados círculos literários do país.

Nada menos que 57 autores desencarnados, alguns conhecidos quais Castro Alves, Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, Olavo Bilac, Guerra Junqueiro e o próprio Pedro de Alcântara nele comparecem com 259 poesias, incluindo desde a quadra rimada até o soneto clássico, passando pela balada e o cancionero popular, com a marca e o estilo inconfundíveis que caracterizaram os autores quando em vida encarnada.

Em meio à celeuma levantada relativamente às produções constantes do livro de estréia, que serviram apenas para tornar o médium Xavier nacionalmente conhecido, este, à guisa de esclarecimento ao público, afirmava o seguinte no prefácio do livro: “A sensação que sempre senti, ao escrevê-las, era a de que vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefinidas”.

Doze anos após tal estréia, período fecundo no qual vieram a lume obras de valor perene tais como *A Caminho da Luz* (revelando a origem da nossa raça adâmica) e *Há Dois Mil Anos* (1939), ambas do Benfeitor Emmanuel, além de *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* (1938), de Humberto de Campos (Espírito), livro em que, pela primeira vez no evoluir dos trabalhos mediúnicos, é apresentada a versão espiritual da História de um país, isto é, a história vista do lado de lá, advém o lançamento de *Nosso Lar*.

Juntamente com as principais obras de Emmanuel, *Nosso Lar* se constitui num livro inédito e revelador, obra pioneira no que concerne às leis, fatos e minudências que regem a estuante vida que se esconde para além do aparente niilismo e silêncio do túmulo.

Nem mesmo as mais imaginativas obras de pura ficção científica se aproximaram sequer dos relatos espirituais desse livro ao descrever os muitos caminhos, degraus e moradas nos meandros da Vida Maior.

O que fora anunciado por Jesus e codificado por Kardec, ganha nova e esclarecedora dimensão. O Espírito, que não perece porque vem de Deus, é eterno e infinito na Obra Divina.

A morte, extinguindo apenas a roupagem física, não passa de

uma cirurgia libertadora para que a alma, esperançosa de sua verdadeira pátria, alcance o Mundo Maior.

Nossos sentidos grosseiros ainda não permitem ver com "olhos de ver", e ouvir com "ouvidos de ouvir", as transformações a que todos estamos submetidos na caminhada evolutiva no rumo da Perfeição que almejamos alcançar.

Vejamos, pois, em síntese possível, algumas das questões constantes das obras de Allan Kardec em dimensão comparativa com o que se nos apresenta em *Nosso Lar*. Através delas o leitor poderá comprovar, pelo exame dos textos tendo em vista acréscimos na Revelação, que a obra mediúcnica do médium Xavier na verdade é uma extensão da obra básica de Kardec, guardando idêntico nível qualitativo e revelador. Em *O Livro dos Espíritos*, questão n.º 236, o codificador recebe do "Espírito da Verdade" a seguinte resposta acerca de como seriam as paisagens no Mundo Espiritual: "A natureza se traduz pelas belezas da imensidade, que não são menos admiráveis das que chamais de belezas naturais".

As descrições de André Luiz, sempre complementando as obras da Revelação, ampliam a afirmativa até níveis microscópicos: "A senhora Hilda convidou-me a visitar o jardim, para que pudesse observar, de perto, alguns caramanchões de caprichosos formatos. Cada casa, em *Nosso Lar*, parecia especializar-se na cultura de determinadas flores. Em casa de Líbias, as glicínias e os lírios contavam-se por centenas; na residência de Tobias, as hortênsias inumeráveis desabrochavam nos verdes lençóis de violetas". "Branda claridade inundava ali todas as coisas. Ao longe gracioso foco de luz dava idéia de um pôr-do-sol em tardes primaveris. À medida que avançávamos, conseguia identificar preciosas construções, situadas em extensos jardins" (*Nosso Lar*, Capítulo 38).

L. E. — Questão 257: "O corpo é o instrumento da dor e, se não é sua causa primeira, pelo menos é sua causa imediata. A alma tem a percepção da dor mas essa percepção é um efeito. A lembrança que ela conserva pode ser muito penosa, contudo não pode ter ação física. Destruído o corpo, as sensações ficam generalizadas". (Além do que consta no capítulo 2.º de *Nosso Lar*, relativamente às penosas sensações que sofreu nos oito anos em que perambulou por dolorosos caminhos do umbral, no capítulo XIII de *Evolução em Dois Mundos* André Luiz é mais específico no que se relaciona a aspectos paisagísticos e de vida na Espiritualidade: "Na moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra,

pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos, pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza". "Plantas e animais domesticados pela inteligência humana podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra, com os benefícios das chamadas gerações espontâneas."

L. E. — Questão 93: "O Espírito propriamente dito tem alguma cobertura, ou está, como pretendem alguns, envolvido numa substância qualquer?

"R — O Espírito está revestido de uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bem grosseira para nós; muito vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e se transportar para onde queira".

L. E. — Questão 186: "Há mundos onde o Espírito, cessando de habitar corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?

"R — Sim, e esse próprio envoltório torna-se tão etéreo que, para vós, é como se não existisse; é o estado dos Espíritos puros".

N. L. capítulo 18: "Nós outros, criaturas desencarnadas, necessitamos de substâncias suculentas, tendentes à condição fluídica, e o processo será cada vez mais delicado à medida que se intensifique a ascensão individual. A alma, em si, apenas se nutre de amor".

L. E. — Questão 234: "Como ficou dito, existem mundos que servem aos Espíritos errantes como estações e locais de repouso?

"R — Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes e nos quais podem habitar temporariamente; espécies de acampamentos, de campos para se repousar de uma longa errância, estado sempre um pouco penoso. São posições intermediárias entre os outros mundos, graduados de acordo com a natureza dos Espíritos que podem alcançá-los, e nele gozam de um bem-estar maior ou menor".

N. L. capítulo 12: "O Umbral funciona, portanto, como região destinada ao esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena". "Quem pensa está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à humanidade visível."

L. E. — Questão 595: "Os animais têm o livre-arbítrio de seus atos?"

"R — Eles não são simples máquinas como acreditais, mas sua liberdade de ação é limitada às suas necessidades e não pode se comparar à do homem. Sendo muito inferiores ao homem, eles não têm os mesmos deveres. Sua liberdade está restrita aos atos da vida material".

Questão 597: "Visto que os animais têm uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?"

"R — Sim, e que sobrevive ao corpo".

Questão 599: "A alma dos animais tem a escolha de se encarnar em um animal antes que em outro?"

"R — Não, ela não tem o livre-arbítrio".

Questão 600: "A alma do animal, sobrevivente ao corpo, está depois da morte em um estado errante como a do homem?"

"R — É uma espécie de erraticidade, visto que não está unida ao corpo, mas não é um 'Espírito errante'. O Espírito dos animais é classificado, depois da sua morte, pelos Espíritos que a isso compete, e quase imediatamente utilizado, não tendo tempo de se colocar em relação com outras criaturas".

N. L. capítulo 33: "Identifiquei a caravana que avançava em nossa direção, sob a claridade branda do céu. De repente, ouvi o ladrar de cães, a grande distância.

"— Que é isso? — interroguei, assombrado.

"— Os cães — disse Narcisa — são auxiliares preciosos nas

regiões obscuras do Umbral, onde não estacionam somente os homens desencarnados, mas também verdadeiros monstros, que não cabe agora descrever.

"Seis grandes carros, formato diligência, precedidos de matilhas de cães alegres e bulhentos, eram tirados por animais que, mesmo de longe, me pareceram iguais aos muars terrestres. Mas a nota mais interessante eram os grandes bandos de aves, de corpo volumoso, que voavam a curta distância, acima dos carros, produzindo ruídos singulares."

L. E. — Questão 980: "O laço simpático que une os Espíritos da mesma ordem é para eles uma fonte de felicidade?"

"R — A união dos Espíritos que se simpatizam para o bem é, para eles, uma das maiores alegrias, porque não temem ver essa união perturbada pelo egoísmo. Eles formam, no mundo inteiramente espiritual, famílias com o mesmo sentimento, e é nisso que consiste a felicidade espiritual, como no teu mundo vós vos agrupais em categorias e sentis um certo prazer quando vos reunis. A afeição pura e sincera que experimentam, e da qual eles são o objeto, é uma fonte de felicidade, porque lá não há falsos amigos, nem hipócritas".

N. L. capítulo 17: "Não sabia como agradecer a generosa hospitalidade. Ia ensaiar algumas frases, para demonstrar minha coação e reconhecimento, mas a nobre matrona, revelando singular bom-humor, adiantou-se, adivinhando-me os pensamentos:

"— Está proibido de falar em agradecimentos. Não o faça. Obrigar-me-ia a lembrar, de repente, muitas frases convencionais da Terra..."

"Entramos. Ambiente simples e acolhedor. Móveis quase idênticos aos terrestres; objetos em geral, demonstrando pequenas variantes. Quadros de sublime significação espiritual, um piano de notáveis proporções, descansando sobre ele grande harpa talhada em linhas nobres e delicadas".

(Em *E a Vida Continua...*, André Luiz tem oportunidade de uma mais penetrante abordagem da questão da formação de novos lares no mundo espiritual, segundo critérios de afinidades eletivas e afeto puro e sincero. Os Espíritos Evelina Serpa e Ernesto Fantini, que se conheceram na Terra, após tratamentos e serviços de recuperação, uniram-se em matrimônio no Além. O Autor Espiritual assim descreve as cenas desse nobre acontecimento nas re-

giões da Espiritualidade: “À noite, pequena carruagem voadora, em forma de estrela irisada, depunha Fantini e a companheira na cidade que lhes servia de residência.

“Do alto, choviam pequeninas grinaldas azuis, lembrando saíras que se eterizassem, riosas, propiciando ao casal venturoso a certeza de que os Planos Superiores lhe endossavam os compromissos e de ângulos ocultos da paisagem vinham melodias de ternura, emoldurando palavras de confiança”, etc.)

L. E. — Questão 251: “Os Espíritos são sensíveis à música?

“R — Queres falar de vossa música? O que é ela diante da música celeste? Desta harmonia que nada sobre a Terra pode vos dar uma idéia? Uma é para a outra o que o canto do selvagem é para a suave melodia. Entretanto, os Espíritos vulgares podem experimentar um certo prazer em ouvir a vossa música, porque não são ainda capazes de compreender outra mais sublime. A música tem para os Espíritos encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e de mais suave.”

N. L. capítulo 42: “O Grande Coro do Templo da Governadoria, aliando-se aos meninos cantores das escolas do Esclarecimento, iniciou a festividade com o maravilhoso hino intitulado ‘Sempre Contigo, Senhor Jesus’, cantado por duas mil vozes ao mesmo tempo. Outras melodias de beleza singular encheram a amplidão. O murmúrio doce do vento, canalizado em vagas de perfume, parecia responder às harmonias suaves”.

L. E. — Questão 36: “O vazio absoluto existe em alguma parte do espaço universal?

“R — Não, nada é vazio; o que te parece vazio está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos e instrumentos”.

N. L. capítulo 44: “Contudo, Lísias, poderá você dar-me uma idéia da localização dessa zona de Trevas? Se o Umbral está ligado à mente humana, onde ficará semelhante lugar de sofrimento e pavor?

“— Há esferas de vida em toda parte — disse ele, solícito —, o vácuo sempre há de ser mera imagem literária. Em tudo há energias viventes e cada espécie de seres funciona em determi-

nada zona da vida.” “Há princípios de gravitação para o Espírito, como se dá com os corpos materiais.”

L. E. — Questão 462: “Os homens de inteligência e de gênio haurem sempre suas idéias de sua própria natureza íntima?

“R — Algumas vezes as idéias vêm de seu próprio Espírito, mas freqüentemente elas lhes são sugeridas por outros Espíritos que os julgam capazes de as compreender e dignos de as transmitir. Quando eles não as encontram em si apelam à inspiração; é uma evocação que fazem sem suspeitarem.”

N. L. capítulo 45: “Grandemente maravilhado com a música sublime, ouvi Lísias dizer: — Nossos orientadores, em harmonia, absorvem raios de inspiração nos planos mais altos, e os grandes compositores terrestres são, por vezes, trazidos às esferas como a nossa, onde recebem algumas expressões melódicas, transmitindo-as, por sua vez, aos ouvidos humanos, adornando os temas recebidos com o gênio que possuem. O Universo, André, está cheio de beleza e sublimidade. O facho resplendente e eterno da vida procede originariamente de Deus”.

L. E. — Questão 90: “O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado para o lugar aonde quer ir?

“R — Ocorrem ambas as coisas. O Espírito pode, muito bem, se ele quiser, tomar conhecimento da distância que percorre, mas essa distância pode desaparecer completamente, dependendo da sua vontade e da sua natureza mais ou menos depurada.”

N. L. capítulo 50: “Aqui, em *Nosso Lar*, nem todos necessitam do aerobus para se locomoverem, porque os habitantes mais elevados da colônia dispõem do poder de volitação; e nem todos precisam de aparelhos de comunicação, para conversar à distância, por se manterem, entre si, num plano de perfeita sintonia de pensamentos”.

L. E. — Questão 417: “Um certo número de Espíritos encarnados pode reunir-se em assembléia?

“R — Sem nenhuma dúvida. Os laços de amizade, antigos ou novos, reúnem freqüentemente diversos Espíritos, ditosos de se encontrarem em assembléia.”

N. L. capítulo 48: “Na espaçosa sala de estar, reunia-se pequena assembléia de pouco mais de trinta pessoas. A disposição dos móveis era a mais simples. Enfileiravam-se poltronas confortáveis, doze a doze diante do estrado, onde o Ministro Clarêncio assumira a posição de diretor, cercado-se da senhora Laura e dos filhos. À distância de quatro metros aproximadamente havia um grande globo cristalino, da altura de dois metros presumíveis, envolvido, na parte inferior, em longa série de fios que se ligavam a pequeno aparelho, idêntico aos alto-falantes.

— Por que o globo cristalino? — perguntei, curioso. — Não poderia manifestar-se sem ele?

— É preciso lembrar — disse Nicolas atenciosamente — que a nossa emotividade emite forças suscetíveis de perturbar. Aquela pequena câmara cristalina é constituída de material isolante. Nossas energias mentais não poderão atravessá-la.”

Além do citado aspecto de obra complementar da codificação Kardecista, *Nosso Lar* apresenta diversas informações novas a respeito de fatos, objetos e instrumentos que compreensivelmente não constaram dos livros de Kardec.

Um espaço de 86 anos mediou entre *O Livro dos Espíritos* e o surgimento de *Nosso Lar*, interregno no qual a humanidade terrestre progrediu sensivelmente em diversos sentidos. O que na época da elaboração da Doutrina Espírita não pôde ser revelado, o é na atualidade através da mediunidade de Xavier.

Relata André Luiz que após o período de erraticidade que sucedeu à sua morte física, foi recolhido às acomodações de *Nosso Lar*, em alvo edifício, “à feição de grande hospital terreno”. Diz o Autor Espiritual, no capítulo 3: “A essa altura, serviram-me caldo reconfortante, seguido de água muito fresca, que me pareceu portadora de fluidos divinos. Aquela reduzida porção de líquido reanimava-me inesperadamente. Não saberia dizer que espécie de sopa era aquela; se alimentação sedativa, se remédio salutar”.

No capítulo 18 está registrado o seguinte: “Todo sistema de alimentação, nas variadas esferas da vida, tem no amor a base profunda. O alimento físico, mesmo aqui, propriamente considerado, é simples problema de materialidade transitória. A alma, em si, apenas se nutre de amor”.

Vejamos mais algumas das informações novas constantes de *Nosso Lar*.

TELEVISÃO (capítulo 3): “Contendo a custo numerosas indagações que me esfervilhavam na mente, notei que ao fundo, em tela gigantesca, desenhava-se prodigioso quadro de luz quase feérica. Obedecendo a processos adiantados de televisão, surgiu o cenário de templo maravilhoso”.

MEIOS DE TRANSPORTE (capítulo 10): “Mal me refazia da surpresa quando surgiu grande carro, suspenso do solo a uma altura de cinco metros mais ou menos, e repleto de passageiros. Ao descer até nós, à maneira de um elevador terrestre, examinei-o com atenção. Não era máquina conhecida na Terra. Constituída de material muito flexível, tinha enorme comprimento, parecendo ligada a fios invisíveis, em virtude do grande número de antenas na tolda. Mais tarde, confirmei minhas suposições visitando as grandes oficinas do Serviço de Trânsito e Transporte”.

BÔNUS-HORA (capítulo 21): “O bônus-hora, no fundo, é o nosso dinheiro. Quaisquer utilidades são adquiridas com esses cupons, obtidos por nós mesmos, à custa de esforço e dedicação. As construções em geral representam patrimônio comum, sob controle da Governadoria; cada família espiritual, porém, pode conquistar um lar (nunca mais que um), apresentando trinta mil bônus-hora, o que se pode conseguir com algum tempo de serviço”.

ARQUIVO REGRESSIVO (capítulo 21): “Explico-me — respondeu bondosamente —; quando se me aclarou a visão interior, as lembranças vagas me causaram perturbações de vulto. Coincidiu que meu marido partilhava o mesmo estado da alma. Resolvemos ambos consultar o assistente Longobardo. Esse amigo, depois de minucioso exame das nossas impressões, nos encaminhou aos magnetizadores do Ministério do Esclarecimento. Recebidos com carinho, tivemos acesso em primeiro lugar à Seção do Arquivo, onde todos nós temos anotações particulares”.

FÁBRICAS (capítulo 26): “Temos aqui as grandes fábricas de *Nosso Lar*. A preparação de sucos, de tecidos e artesanatos em geral, dá trabalho a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo”.

PATRIMÔNIOS NACIONAIS E PSÍQUICOS (capítulo 24): “A

humanidade terrestre, constituída de milhões de seres, une-se à humanidade invisível do planeta, que integra muitos bilhões de criaturas. Não seria, portanto, possível atingir as zonas aperfeiçoadas, logo após a morte do corpo físico. Os patrimônios nacionais e lingüísticos remanescem ainda aqui, condicionados a fronteiras psíquicas”.

CÂMARAS DE RETIFICAÇÃO (capítulo 27): “Nunca poderia imaginar o quadro que se desenhava agora aos meus olhos. Não era bem o hospital de sangue, nem o instituto normal da saúde orgânica. Era uma série de câmaras vastas, ligadas entre si e repletas de verdadeiros despojos humanos.

“Singular vozerio pairava no ar. Gemidos, soluços, frases dolorosas pronunciadas a esmo... Rostos escaveirados, mãos esque-léticas, *facies* monstruosas deixavam transparecer terrível miséria espiritual.

“Seguimos através de numerosas filas de camas bem cuidadas, sentindo a desagradável exalação ambiente, oriunda, como vim a saber mais tarde, das emanações mentais dos que ali se congregavam, com as dolorosas impressões da morte física e, muita vez, sob o império de baixos pensamentos”.

CINEMA (capítulo 32): “No centro, funciona enorme aparelho destinado a demonstrações pela imagem, à maneira de cinematógrafo terrestre, com o qual é possível levar a efeito cinco projeções variadas, simultaneamente. Essa iniciativa melhorou consideravelmente a cidade, unindo no mesmo esforço o serviço proveitoso à utilidade prática e à beleza espiritual”.

MECANISMOS DA MEDIUNIDADE

L. E. — Questão 420: “Podem os Espíritos se comunicar se o corpo está completamente desperto?

“R — O Espírito não está encerrado no corpo como numa caixa: irradia para todos os lados. Por isso ele pode se comunicar com outros Espíritos mesmo no estado de vigília, ainda que o faça mais dificilmente”.

M. M. capítulo IV: “Da matéria mental dos seres criados, estudamos o pensamento ou fluxo energético do campo espiritual de cada um deles, a se graduarem nos mais diversos tipos de

onda, desde os raios superultracurtos, em que se exprimem as legiões angélicas, através de processos ainda inacessíveis à nossa observação, passando pelas oscilações curtas, médias e longas em que se exterioriza a mente humana, até às ondas fragmentárias dos animais, cuja vida psíquica, ainda em germe, somente arroja de si determinados pensamentos ou raios descontínuos”.

L. E. — Questão 513: “Os Espíritos simpáticos agem em virtude de uma missão?

“R — Algumas vezes eles podem ter uma missão temporária mas, o mais freqüentemente, eles não são solicitados senão pela semelhança de pensamentos e de sentimentos no bem, como no mal”.

M. M. capítulo V: “Existe capacidade de afinização entre um Espírito e outro, quando a ação de plasmagem e projeção da matéria mental na entidade comunicante for mais ou menos igual à ação de receptividade e expressão na personalidade mediúnica”.

“O circuito mediúnico, dessa maneira, expressa uma ‘vontade-apelo’ e uma ‘vontade-resposta’, respectivamente, no trajeto de ida e volta, definindo o comando da entidade comunicante e a concordância do médium” (capítulo VI).

LIVRO DOS MÉDIUNS, questão 159: “Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos”.

M. M. capítulo XVIII: “Em todos os continentes, podemos encontrar milhões de pessoas em tarefas dignas ou menos dignas — mais destacadamente os expositores e artistas da palavra, na tribuna e na pena, como veículos mais constantemente acessíveis ao pensamento — senhoreadas por Espíritos desenfaixados do liame físico, atendendo a determinadas obras ou influenciando pessoas para fins superiores ou inferiores, em largos processos de mediunidade ignorada, fatos esses vulgares em todas as épocas da Humanidade.

“Atuando sobre os raios mentais do mediano, o desencarnado transmite-lhe quadros e imagens, valendo-se dos centros autônomos da visão profunda, localizados no diencéfalo, ou lhe co-

munica vozes e sons, utilizando-se da cóclea, tanto mais perfeitamente quanto mais intensamente se verifique a complementação vibratória nos quadros de frequência das ondas, ocorrências essas nas quais se afigura ao médium possuir um espelho na intimidade dos olhos ou uma caixa acústica na profundidade dos ouvidos."

L. E. — Questão 455: "Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e são independentes de toda causa exterior conhecida. Todavia, em certas pessoas dotadas de uma organização especial, eles podem ser provocados artificialmente pela ação de um agente magnético".

NOTA — Ao tempo em que Allan Kardec encetou estudos e observações pessoais sobre o fenômeno sonambúlico, a hipnose não era conhecida como na atualidade. Embora o fenômeno hipnótico e afins existisse desde a mais remota antiguidade, foi a partir de F. Mesmer que o assunto passou ao campo das cogitações da ciência de então, embora o "mesmerismo", logo difundido por quase toda a Europa, desse margem à toda sorte de charlatanices e superstições. Ao transe sonambúlico artificial Mesmer deu o nome de efeito magnético animal.

Foi a partir dos estudos neurológicos de J. M. Charcot realizados na clínica de Salpêtrière, com a publicação do livro *Lições sobre as Localizações nas Doenças do Cérebro* (1880), que o fenômeno hipnótico entrou para o campo da terapia médica, apesar do descrédito com que era encarado. As descobertas de Freud, relatadas em seu livro *Histeria*, deram novo e alentador impulso a esse largo campo de pesquisas.

M. M. capítulo XXI: "Quem observar além do campo físico, reparará, à medida que se afirmar a ordem do hipnotizador, que se escapa abundantemente do tórax do *sujet*, caído em transe, um vapor branquicento que, em se condensando qual nuvem inesperada, se converte, habitualmente à esquerda do corpo carnal, numa duplicata dele próprio, quase sempre em proporções ligeiramente dilatadas. Esmacem-se as impressões nervosas e dorme o cérebro de carne, mas o coração prossegue ativo, no envoltório somático, e o pensamento vibra, constante, no cérebro perispirítico.

No campo das *informações novas* tanto *Mecanismos da Mediunidade* como *Nos Domínios da Mediunidade*, do mesmo Autor, convém se registre aqui, ao menos parcialmente, o que de novidade, em matéria de conhecimento terrestre, foi trazido a lume.

IDEOPLASTIA (capítulo XIX): "No sono provocado. Para maior compreensão de qualquer fenômeno da transmissão mediúnica, não nos será lícito esquecer a ideoplastia, pela qual o pensamento pode materializar-se, criando formas que muitas vezes se revestem de longa duração, conforme a persistência da onda em que se expressam.

"Na mediunidade de efeitos intelectuais, a ideoplastia assume papel extremamente importante, porque certa classe de pensamentos, constantemente repetidos sobre a mente mediúnica menos experimentada, pode estrangê-la a tomar certas imagens, mantidas pela onda mental persistente, como situações e personalidades reais, tal qual uma criança que acreditasse estar contemplando essa paisagem ou aquela pessoa, tão-só por ver-lhes o retrato animado num filme."

PSICOMETRIA (capítulo XX): "Clareando o assunto tanto quanto possível, vamos encontrar no médium de psicometria a individualidade que consegue desarticular, de maneira automática, a força nervosa de certos núcleos, como, por exemplo, os da visão e da audição, transferindo-lhes a potencialidade para as próprias oscilações mentais". (Na obra *Nos Domínios da Mediunidade*, na qual registra, qual se fora um repórter-escritor, suas experiências como Espírito, André Luiz relata a seguinte experiência: "Notando-me a curiosidade, o instrutor aclarou, benevolente:

"— Todos os objetos que você vê emoldurados por substâncias fluídicas acham-se fortemente lembrados ou visitados por aqueles que os possuíram.

"Não longe, havia curioso relógio, aureolado de luminosa faixa branquicenta. Áulus recomendou-me tocá-lo e, quase instantaneamente, me assomou aos olhos mentais linda reunião familiar, em que venerando casal se entrefinha a palestrar com quatro jovens em pleno viço primaveril.

"O relógio lá se encontrava, dominando o ambiente, do cimo de velha parede caprichosamente adornada.

“Registrando-me a surpresa, o Assistente adiantou: — Percebo a imagem sem o toque direto. O relógio pertenceu a respeitável família do século passado. Conserva as formas-pensamento do casal que o adquiriu e que, de quando em quando, visita o museu para a alegria de recordar. É um objeto animado pelas reminiscências de seus antigos possuidores, reminiscências que se reavivam no tempo, através dos laços familiares que ainda sustentam em torno do círculo afetivo que deixaram.”

NOS DOM. DA MEDIUNIDADE (capítulo 2): “Psicoscópio? Que novo engenho vem a ser esse?

“— É um aparelho a que intuitivamente se referiu ilustre estudioso da fenomenologia espírita, em fins do século passado. Destina-se à auscultação da alma, com o poder de definir-lhe as vibrações e com capacidade para efetuar diversas observações em torno da matéria — esclareceu Áulus, com leve sorriso. — Esperamos esteja, mais tarde, entre os homens. Funciona à base de eletricidade e magnetismo, utilizando-se de elementos radiantes, análogos na essência aos raios gama. É constituído por óculos de estudo, com recursos disponíveis para a microfotografia.”

PSICOFONIA CONSCIENTE (*Nos Dom. da Mediunidade*, capítulo 6): “Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de Eugênia, desligada do veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante.

“Porque eu lhe dirigisse um olhar de interrogação e estranheza, Áulus explicou, prestimoso: — É o fenômeno da psicofonia consciente ou trabalho de médiuns falantes. Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece controlado por ela, a quem se imana pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo.”

EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS

L. E. — Questão 30: “A matéria é formada de um só ou de vários elementos?

“R — Um só elemento primitivo. Os corpos que vós considerais como corpos simples não são verdadeiros elementos mas transformações da matéria primitiva.”

L. E. — Questão 33: “A mesma matéria elementar é suscetível de receber todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

“R — Sim, e isso é o que se deve entender quando dizemos que tudo está em tudo.

“— Esta teoria parece dar razão à opinião daqueles que não admitem na matéria senão duas propriedades essenciais: a força e o movimento, e que pensam que todas as outras propriedades não são mais que efeitos secundários variando segundo a intensidade da força e a direção do movimento?

“R — Essa opinião é exata. É preciso ajuntar também: segundo a disposição das células, como tu o vês, por exemplo, num corpo opaco que pode tornar-se transparente e vice-versa.”

E. D. M. (capítulo I): “O fluido cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio. Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano.

“Co-criação em Plano Maior — É nessa substância original que, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível. Essas inteligências gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gazeificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam por fim.”

(Capítulo III): “A matéria elementar, de que o eletrão é um dos corpúsculos-base, na faixa de experiência evolutiva sob nossa análise, acumulada sobre si mesma, ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos, cujos fenômenos de formação original não conseguimos por agora abordar em sua mais íntima estrutura”.

“É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo.

“Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, dependeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos que um bilhão e meio de anos.”

L. E. — Questão 589: “Certas plantas, tais como a sensitiva e a dionéia, por exemplo, têm movimentos que acusam uma grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, como a última, cujos lóbulos apanham a mosca que vem pousar sobre ela para sugá-la e à qual parece armar uma armadilha para em seguida matá-la. Essas plantas são dotadas da faculdade de pensar? Elas têm uma vontade e formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal? São uma transição de uma para a outra?”

“R — Tudo é transição na Natureza, pelo fato mesmo de que nada é semelhante e que, todavia, tudo se apóia. As plantas não pensam e, por conseguinte, não têm vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos não pensam: não têm senão um instinto cego e natural.”

E. D. M. (capítulo VIII): “Gradativamente, no domínio vegetal, assimila os mecanismos mais íntimos da respiração, absorvendo o oxigênio e eliminando o gás carbônico pelos estômatos e pneumatódios, cutícula e lenticelas, de modo a conduzir o oxigênio sobre as matérias orgânicas para a formação dos produtos de desassimilação e projeção de energia.

“Em semelhantes atividades, infinitamente repetidas, habilita-se ao ingresso no reino animal, onde, em estágios evolutivos mais nobres, se matriculará na técnica da elaboração automática dos catalisadores químicos, com a faculdade de transubstanciar matérias orgânicas complexas em recursos assimiláveis.

“Não apenas tecidos e órgãos do corpo físico se esboçam nas formas rudimentares da Natureza, mas também os centros vitais

do corpo espiritual, que, obedecendo aos impulsos da mente, se organizam em moldes seguros, com a capacidade de assimilar as partículas multifárias da vitalidade cósmica, oriundas das fontes vivas de força que alimentam o Universo.”

L. E. — Questão 375: “Qual é a situação do Espírito na loucura?”

“R — O Espírito, no estado de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente sua ação sobre a matéria; encarnado, porém, encontra-se em condições muito diferentes e na contingência de só o fazer com a ajuda de órgãos especiais.”

E. D. M. (capítulo VIII): “Acumulações de energia Espiritual. Por intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, a mente transmite ao carro físico a que se ajusta, durante a encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito das forças por ela própria libertadas nos processos endotérmicos, mantenedores da biossíntese. Todos os estados especiais do mundo orgânico, inclusive o da renovação permanente das células, a prostração do sono, a paixão artística, o êxtase religioso e os tranSES mediúnicos são acalentados nos circuitos celulares por fermentações sutis, aí nascidas através de impulsos determinantes da mente, por ela convertidos, nos órgãos, em substâncias magnetoquímicas, arremessadas de um tecido a outro.

“Em identidade de circunstâncias, nos traumas cerebrais da cólera e do colapso nervoso, da epilepsia e da esquizofrenia, como em tantas outras condições anômalas da personalidade, vamos encontrar essas mesmas fermentações no campo das células, mas em caráter de energias degeneradas, que correspondem às turvações mentais que as provocam.”

L. E. — Questão 191: “As almas dos nossos selvagens são almas em estado de infância?”

“R — Infância relativa; mas são almas que já progrediram, pois têm paixões.

“— As paixões são, pois, um sinal de desenvolvimento?”

“R — De desenvolvimento sim, mas não de perfeição; as paixões são um sinal de atividade da consciência do eu, enquanto

que, na alma primitiva, a inteligência e a vida estão em estado de germe."

E. D. M. (capítulo XII): "Entretanto, o homem selvagem, que se reconhece dominador na hierarquia animal, desperta, fora do corpo denso, qual menino aterrado, que, em se sentindo incapaz de arrostar o desconhecido, permanece tímido, ao pé dos seus, em cuja companhia passa a viver, em processos multifários de simbiose, ansioso por retomar a vida física que lhe surge à imaginação como sendo a única abordável à própria mente.

"Sentindo-se em clima adverso ao seu modo de ser, o homem primitivo, desenfaiado do envoltório físico, recusa-se ao movimento na esfera extrafísica, submergindo lentamente, na atrofia das células, que lhe tecem o corpo espiritual, por 'monodéismo auto-hipnotizante', provocado pelo pensamento fixo-depressivo que lhe define o anseio de retorno ao abrigo fisiológico.

"Nesse período, afirmamos habitualmente que o desencarnado perdeu seu corpo espiritual, transubstanciando-se num corpo ovóide, o que ocorre, aliás, a inúmeros desencarnados."

L. E. — Questão 71: "A inteligência é um atributo do princípio vital?"

"R — Não, pois as plantas vivem e não pensam; têm apenas vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, pois um corpo pode viver sem inteligência; mas a inteligência não pode se manifestar senão por meio de órgãos materiais; é necessária a união com o espírito para intelectualizar a matéria animalizada."

Questão 72: "Qual é a fonte da inteligência?"

"R — Já o dissemos: a inteligência universal."

E. D. M. (capítulo XIII): "A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram.

"E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria contextura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula de pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do

espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal.

"Plasma Criador da Mente. — É pelo fluido mental com qualidades magnéticas de indução que o progresso se faz notavelmente acelerado.

"Pela troca de pensamentos de cultura e beleza, em dinâmica expansão, os grandes princípios da Religião e da Ciência, da Virtude e da Educação, da Indústria e da Arte descem das Esferas Sublimes e impressionam a mente do homem, traçando-lhe profunda renovação ao corpo espiritual, a refletir-se no veículo físico que gradativamente se acomoda a novos hábitos."

L. E. — Questão 459: "Os Espíritos influem sobre nossos pensamentos e nossas ações?"

"R — A esse respeito sua influência é maior do que credes porque freqüentemente são eles que vos dirigem."

E. D. M. (capítulo XV): "Simbiose das Mentes. Semelhantes processos de associação aparecem largamente empregados pela mente desencarnada, ainda tateante, na existência além-túmulo.

"Amedrontada perante o desconhecido, que não consegue arrostar de pronto, vale-se da receptividade dos que choram a perda e demora-se colada aos que mais ama. E qual cogumelo que projeta para dentro dos tecidos da alga dominadores apêndices, com os quais lhe suga grande parte dos elementos orgânicos por ela própria assimilados, o Espírito desenfaiado da veste física lança habitualmente, para a intimidade dos tecidos fisiopsicossomáticos daqueles que o asilam, as emanções do seu corpo espiritual, como radículas alongadas ou sutis alavancas de força, subtraindo-lhes a vitalidade, elaborada por eles nos processos de biossíntese, sustentando-se, por vezes, largo tempo, nessa permuta viva de forças.

"Qual se verifica entre a alga e o cogumelo, a mente encarnada entrega-se inconscientemente ao desencarnado, que lhe controla a existência, sofrendo-lhe temporariamente o domínio até certo ponto, mas, em troca, à face da sensibilidade excessiva de que se reveste, passa a viver, enquanto perdure semelhante influência, necessariamente protegida contra o assalto de forças ocultas ainda mais deprimentes.

"Essas inteligências fogem deliberadamente ao estudo que as libertaria do *cativeiro interior*, quando não se mostram apáticas,

em perigosos processos de fanatismo, inofensivas e humildes, mas arredadas do progresso que lhes garantiria a renovação."

L. E. — Questão 200: "Os Espíritos têm sexos?"

"R — Não como o entendeis, pois os sexos dependem do organismo. Entre eles há amor e simpatia baseados na identidade de sentimentos."

Questão 228: "Os Espíritos conservam algumas das paixões humanas?"

"R — Os Espíritos elevados, perdendo seu envoltório físico, deixam as más paixões e só guardam as do bem; quanto aos Espíritos inferiores, conservam-nas; pois, de outra forma, seriam da primeira ordem."

E. D. M. (capítulo XVIII): "A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa. O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações. A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnéticas em todos os seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivéssemos diante de usina reclamando controle adequado".

LIVRO DOS MÉDIUNS, capítulo VIII: "Temos dito que os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, envoltos em largos panos, ou mesmo com os trajes que usavam em vida. O envolvimento em panos parece costume geral no mundo dos Espíritos.

"Vimos perfeitamente bem que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, mas essa tangibilidade é apenas momentânea e o corpo sólido se desvanece qual sombra."

E. D. M. (capítulo V): "Que princípios regem a apresentação dos Espíritos desencarnados aos médiuns humanos?"

"R — Os aspectos que as entidades desencarnadas assumem perante os médiuns humanos, quando se comunicam na Terra, podem variar infinitamente.

"Os Espíritos Superiores, pelo domínio natural que exercem sobre as células psicossomáticas, podem adotar a apresentação que mais proveitosa se lhes afigure, com vistas à obra meritória que se propõem realizar.

"Decerto, não falta indumentária digna às criaturas que se emanciparam do vaso físico, roupagem toda ela confeccionada com esmero e carinho por mãos hábeis e nobres da esfera extrafísica."

L. E. — Questão 262: "Quando o Espírito goza do seu livre-arbítrio, depende exclusivamente da sua vontade a escolha da existência corporal, ou essa existência pode lhe ser imposta pela vontade de Deus como expiação?"

"R — Deus sabe esperar: Ele não apressa a expiação. Entretanto, Deus pode impor uma existência a um Espírito quando este, por sua inferioridade ou sua má vontade, não está apto a compreender o que poderia ser-lhe mais salutar e quando vê que essa existência pode servir à sua purificação e adiantamento ao mesmo tempo que ele encontra nela uma expiação."

E. D. M. (capítulo XIX): "Quais os principais métodos usados na Espiritualidade para o tratamento das lesões do corpo espiritual?"

"R — Na Espiritualidade, os servidores da Medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença que lhe são particulares.

"Aí, os exames nos tecidos psicossomáticos com aparelhos de precisão, correspondendo às inspeções instrumentais e laboratoriais em voga na Terra, podem ser enriquecidos com a ficha cármica do paciente, a qual determina quanto à reversibilidade ou irreversibilidade da moléstia, antes de nova reencarnação, motivo por que numerosos doentes são tratáveis, mas somente curáveis mediante longas ou curtas internações no campo físico."

MENSAGENS CONSOLADORAS

A publicação de *Jovens no Além* (1975) e de *Somos Seis* (1976) enseja novas perspectivas em relação ao desempenho prático e consolador da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec.

Vimos que a partir de *Parnaso de Além-Túmulo* até a edição de *Nosso Lar*, a psicografia de Francisco Cândido Xavier atingiu, já nessa primeira fase, uma tangível maturidade alcançada pelo nível das fecundas e perenes obras espirituais vindas a lume.

Salvo melhor juízo, entendemos que a segunda fase desse singular trabalho mediúnico se inicia com *Nosso Lar* prosseguindo até o aparecimento de *E A Vida Continua...*, de André Luiz. Realmente, ao observador mais atento do vasto panorama que nesse campo se descortina ao espírito humano, é clara e iniludível a constatação de que, desde que o amanhecer espiritual desceu sobre a face da Terra, a misericórdia Divina incessantemente busca nos conscientizar, por acréscimo de Amor, d'ões múltiplos e complexos caminhos que se seguem após o desenfaixe do corpo físico e as abençoadas oportunidades de trabalho e renovação, conforme as invariáveis leis de causa e efeito que funcionam nos dois lados da vida.

Entretanto, o aspecto mais diretamente consolador da psicografia de Francisco Cândido Xavier inequivocamente se revela naquilo que consideramos como terceira fase, ou seja, o depoimento reconfortante e comprobatório dos desencarnados.

Tal é o que acontece com os jovens Augusto Cezar Netto, Carlos Alberto da Silva Lourenço, Jair Presente e Wady Abrahão Netto, em *Jovens no Além*.

Coincidiu com uma de nossas estadas em Uberaba, quando participávamos de uma sessão de trabalhos no "Grupo Espírita da Prece", a recepção de uma das mensagens de Jair Presente, vazada na linguagem peculiar à juventude.

Com os familiares em pranto de alegria e saudade, intensa foi a comoção e a solidariedade que se apossaram da multidão que se acercou da mesa mediúnica para ouvir o depoimento do jovem desencarnado. Mais de uma dezena de nomes, datas, fatos e citações, quase todos desconhecidos pelo médium, estão ali citados com notável e comprovada exatidão.

O segundo volume, intitulado *Somos Seis*, inclui os depoimentos de Volquimar Carvalho dos Santos e Wilson William Garcia (vitimados no incêndio do Edifício "Joelma", em São Paulo,) e novas mensagens dos quatro jovens que aparecem na primeira publicação.

De um modo geral a finalidade dessas mensagens é o reconforto consolador resultante da insofismável comprovação da sobrevivência da alma. Em razão do crescente número de mensa-

gens dos desencarnados para seus familiares e afins é de prever-se que outras publicações, dentro desta mesma linha de levar consolo e conscientização às pessoas, surjam no futuro.

É o resplendente sol da Doutrina Espírita, brilhando cada vez mais intensamente, a levar aos corações jungidos à dor pela perda de entes amados, o calor e o bálsamo da verdadeira consolação, firmada sempre na certeza de que a morte não existe e que um dia indubitavelmente todos reencontraremos no Além as criaturas amadas que povoam o nosso mundo afetivo, e das quais nos separamos momentaneamente pelo sucesso da morte física.

Dessas centenas de mensagens familiares reproduzimos uma, a título de ilustração.

Ao visitar a Comunidade Espírita de Guarujá, SP, em 10 de maio de 1977, o médium Xavier recebeu a seguinte mensagem psicográfica do Espírito Marivaldo Ferreira, piloto do avião "Cessna" caído dois meses antes num matagal da Serra de Mairiporã. (Pecaram no desastre aéreo, além do piloto, mais o sr. José Carlos Pace, campeão automobilístico brasileiro, e o sr. Carlos Roberto de Oliveira. É indubitável o significado profundo e insofismável da comovente mensagem de Marivaldo Ferreira.)

"Querida mamãe, Vera, meu pai, meus amigos, Deus nos abençoe sempre. Estou aqui, sob o auxílio necessário, pássaro mal emplumado que ainda não sabe distanciar-se do mundo. Venho com a Vovó Maria Conceição, a querida Madrinha e outros amigos que me estendem braços fortes. Escrevo, à feição de um doente, sob os cuidados de ortopedistas de mérito, com muitas dificuldades para vencer as barreiras do meu conhecimento menor, em matéria de intercâmbio espiritual. A simpatia pela construção espiritual da fé espírita sempre andou comigo, no entanto a militância noutros setores não me permitia uma entrega total a este campo de estudos. Aqui me encontro, porém, positivando a verdade dos ensinamentos de que esta casa se faz intérprete.

Não tenho dois meses sobre o meu novo estado, entretanto, o pouco que havia em mim de experiência, quanto às doutrinas da Espiritualidade muito me favoreceu

Abreviaturas:

- L. E. = O Livro dos Espíritos.
- L. M. = O Livro dos Médiuns.
- N. L. = *Nosso Lar*.
- E. D. M. = *Evolução em Dois Mundos*.
- M. M. = *Mecanismos da Mediunidade*.

para que eu pudesse vir pedir confiança à esposa querida e trazer o possível de conforto ao coração desolado da família e especialmente da Mãezinha Adelaide a quem peço, me abençoe. Perdoe, Mamãe, se seu filho nasceu para se vender às idéias novas. Lembro-me de seus conselhos, das suas palavras de calma e das suas exortações de paciência e eu lhe dava a idéia de um homem que desejasse abraçar o mundo de uma só vez. Compreendo que a senhora e meu pai, e que a minha querida Vera não me faltaram com as palavras iluminadas de fé. Perdoem todos vocês, se com tanto, até decolei para voar e perder o corpo em homenagem ao progresso. Não estou superestimando a mim mesmo, e sim para referir-me àqueles ideais que não conseguiria captar.

Vera, creia você que fiz tudo para que o Sertanejo pousasse equilibrado. Ele era, no entanto, um pássaro pesado demais para se aninhar naquelas árvores da Serra de Mairiporã. O estouro foi inevitável e, depois, o indescritível. Não houve tempo para conversar com o nosso caro Pace, nem com o Carlos Nenê.

A mente estava superconcentrada no esforço imenso de controlar aquele pequeno gigante de metal, e de estruturas que se arrebentavam sobre nós. Não posso descrever o que se passou. Um desmaio leve, pelo menos é o que julgo me tenha sucedido, não me consentia se fixar detalhes. Não tive dores. Vi-me no matagal com o Moco ao meu lado, vendo o Carlos deitado no chão. Sinceramente, julgamos nos primeiros minutos que havíamos escapados ilesos, trocando afirmativas de espanto. Mas de improviso, um homem apareceu e abraçou o Pace demoradamente, abraçando-me em seguida. Caramba! é meu pai Ângelo! exclamou o companheiro. Quase no mesmo instante a madrinha Conceição, a enlaçar-me com o carinho da mamãe e depois outros amigos, principalmente alguns das corridas de Kart, surgiam aos nossos olhos.

Empalideci-me de assombro e vi que o Pace estava amarelo de espanto. Somente então, sem que ninguém pronunciasse a palavra "morte", reconhecemos tudo. Havíamos passado de uma vida para outra. O Price nos disse sorrindo: — Não se assustem, agora a corrida foi vertical. Essa foi a diferença... Por mais que quiséssemos fazer humor, não seria possível para nós facear sem medo, aquela página nova e desconhecida no livro da vida. A ânsia de regressar a casa sem poder, a dor de haver efetuado, não um pouso forçado, mas uma despedida em definitivo do corpo que ficara na condição de roupa irremediavelmente estragada, a luta para fazer-nos compreendidos, os conflitos íntimos de pessoas despojadas de tudo o que os era querido, de um instante para outro, estabeleciam em nosso crânio uma espécie de angústia que começou como sendo perplexidade para depois transformar-se em agoniado sofrimento... Era demais a dose de surpresas para nós. A dose de problemas que se nos convertiam em fel no coração; essa dose de sofrimento imprevisto era pesada demais para a nossa cabeça e caímos tontos ou semiloucos. Parecia a mim, que nos achávamos num pesadelo de que era preciso acordar imediatamente, mas... enfermeiros apresentaram macas com a naturalidade dos serviços de qualquer aeroporto improvisado e fomos recolhidos à vida hospitalar daqui, de onde vim, ainda muito enfaiado para pedir-lhes fé em Deus e coragem para aceitarmos a provação que nos foi reservada.

Rogo à Mãezinha Adelaide receber os meus agradecimentos por tudo de belo que me envia no plano espiritual, conversando comigo através dos meus retratos, para que não me falem forças. Agradeço à querida Vera, tudo de belo que me endereça nas orações encharcadas de lágrimas. Vera, você pode imaginar que não me achava tão insciente do que estava para acontecer. Desde aquela ocorrência na Ilha, em que o aparelho revelou tanta insegurança, passei a falar com você de tudo o que preocupava.

Os negócios, as lutas, as expectativas e as probabilidades da minha vinda para cá de um dia para outro... Creia, minha querida, que eu daria tudo para ter voltado a São Paulo e esperar que a nuvem cedesse, mas as leis de Deus assinalavam aquele ponto final para mim. Você, Mamãe, meu pai, Gisela, Maristela e Gabriela — as nossas queridas belas — com Maria Helena, com o José e com todos os nossos, estavam em meus pensamentos daquelas horas de mudança irreversível, no entanto, querida Verinha, a luta não era para ser vencida por nós, porque vinha do princípio de causa e efeito que se manifestava em nós. Perdoe se não voltei pelo corpo mas regresssei em pensamento para nossa casa e tenho aprendido com Mamãe e com a nossa Helena a fazer orações pedindo a Deus por você e por nossas filhinhas.

Não estou em condições de pensar em qualquer negócio, estou por enquanto no esforço de construir a paz em mim mesmo, para ser-lhes mais útil. O seu vovô Queiroz, tanto quanto meu avô José Fernandes muito me auxiliaram. Estou fazendo um reaprendizado de tudo o que devo conhecer.

Peço a você, querida Vera, dizer à nossa amiga Elda, que o Pace vai se guiando bem na recuperação necessária das forças de que ambos necessitamos. O Carlos foi conduzido a outros setores de tratamento, mas o Moco e eu, como sempre aconteceu, estamos juntos. Ele, por você e por mim, envia a sua imensa ternura à Elda, aos filhinhos Patrícia e Rodrigo e aos irmãos Angelo, Vitor e Maria Amélia, com especial carinho à Mãezinha Amélia. Estimaremos que vocês não nos recordem na condição de desaparecidos, mas sim de acidentados que continuam trabalhando. Alguém deve trabalhar pela evolução da técnica em velocidade, como sempre houve alguém que cooperasse na formação de recursos determinados da Terra e, por isso, não nos achamos desconsolados.

O mundo avança e sem que o homem perceba, tudo no Plano Físico está caminhando para a frente mais depressa. Automobilismo e aviação, na essência, não se reduzem a reconforto e distração mas, no fundo, são experiências da criatura humana para ganhar pouso em outros mundos do sistema. Perdoem, vocês, se me reporto a isto nesta hora de nossas saudades e de nossas lágrimas, entretanto, é preciso encontrar os fins, sem lamentarmos as dificuldades dos meios.

Querida Vera, agradeça por mim a Tite o tudo que ele fez por ajudar a você e a mim e agradeço ao Dêcio o apoio que me deu. Tudo na Vida é caminho para o melhor, quando cremos em Deus e eu creio, querida Vera e queridos pais, que nada aconteceria naquela tarde de março último, sem que as leis de Deus estivessem presentes. Ainda não tenho os pensamentos bem coordenados como desejo para escrever a carta que desejaria, mas forcei a situação com pedidos, especialmente para ver vocês mais conformados.

Mãezinha, grande a sua fé, traduzida no bem aos semelhantes. Suas mãos são as de um anjo bom, distribuindo amor ao próximo. Peço à nossa Helena continuar apoiando nosso caro José nas boas obras. Maria Helena, querida irmã, pense no que ocorreu. Quando menos pensava, a ordem de partir chegou de tal modo que nem pude me despedir da família. Ajude-me ainda, com os seus bons pensamentos e com as suas preces de paz e amor.

Agradeço a todos os amigos aqui presentes.

Vera e Mamãe, peço me perdoem se vou terminar. Não tenho mais forças. Fiz muita força para não escrever chorando estas páginas. Tenhamos fé em Deus. Os problemas que deixei serão perdoados por vocês, os meus familiares queridos. Quis talvez ampliar muito os meus passos e agora vocês me auxiliarão a torná-los mais curtos. Agora, Vera, estou fazendo o máximo para ter tempo de pensar. Preciso pensar,)

querida Verinha, o que você tanto desejou que eu fizesse enquanto aí ainda me achava. Não estou tão feliz como desejava porque estou espacialmente sem vocês mas não estou infeliz, porque tenho vocês no coração.

Agradeço ao José, quanto me auxilia no reajuste de minhas posições ou das posições que foram minhas e agora, meu amigo, reconheço-me mais seu irmão e seu irmão infinitamente reconhecido.

Mãezinha Adelaide e meu pai, abençoem o filho que continua necessitado do carinho de todos. Vera, receba com as crianças o meu coração agradecido e estejam na certeza de que estou começando uma vida nova, em que serei sempre o filho, o esposo, o irmão e o amigo mais reconhecido (MARIVALDO)."

RELAÇÃO DAS CENTO E CINQUENTA E DUAS OBRAS
PSICOGRAFADAS POR FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER, DE
DEZEMBRO DE 1931 A JULHO DE 1977.

- 1 PARNASO DE ALÉM-TÚMULO — 12-1931 — Diversos Espíritos
- 2 CARTAS DE UMA MORTA — 25-06-1935 — Maria João de Deus
- 3 PALAVRAS DO INFINITO — 3-10-1936 — Diversos Espíritos
- 4 CRÔNICAS DE ALÉM-TÚMULO — 26-06-1937 — Humberto de Campos
- 5 EMMANUEL — 16-09-1937 — Emmanuel
- 6 BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO
E PÁTRIA DO EVANGELHO — 1938 — Humberto de Campos
- 7 LIRA IMORTAL — 3-02-1938 — Diversos Espíritos
- 8 A CAMINHO DA LUZ — 17-08-1938 — Emmanuel
- 9 NOVAS MENSAGENS — 5-11-1938 — Humberto de Campos
- 10 HÁ DOIS MIL ANOS — 2-03-1939 — Emmanuel
- 11 CINQUENTA ANOS DÉPOIS — 19-12-1939 — Emmanuel
- 12 CARTAS DO EVANGELHO — 14-02-1940 — Casimiro Cunha
- 13 O CONSOLADOR — 8-03-1940 — Emmanuel
- 14 BOA NOVA — 9-11-1940 — Humberto de Campos
- 15 PAULO E ESTÊVÃO — 8-07-1941 — Emmanuel
- 16 RENÚNCIA — 11-01-1942 — Emmanuel
- 17 REPORTAGENS DE ALÉM-TÚMULO — 8-12-1942 — Humberto de Campos
- 18 CARTILHA DA NATUREZA — 20-05-1943 — Casimiro Cunha
- 19 NOSSO LAR — 3-10-1943 — André Luiz
- 20 OS MENSAGEIROS — 26-02-1944 — André Luiz
- 21 MISSIONÁRIOS DA LUZ — 13-05-1945 — André Luiz
- 22 COLETÂNEA DO ALÉM — 10-09-1945 — Diversos Espíritos
- 23 LÁZARO REDIVIVO — 22-12-1945 — Irmão X
- 24 OBREIROS DA VIDA ETERNA — 25-03-1946 — André Luiz
- 25 O CAMINHO OCULTO — 3-04-1946 — Veneranda
- 26 OS FILHOS DO GRANDE REI — 12-04-1946 — Veneranda
- 27 MENSAGEM DO PEQUENO MORTO — 27-07-1946 — Neio Lúcio

- 28 HISTÓRIA DE MARICOTA — 14-08-1946 — Casimiro Cunha
- 29 JARDIM DA INFÂNCIA — 4-11-1946 — João de Deus
- 30 VOLTA BOCAGE — 6-12-1946 — Manuel M. B. Du Bocage
- 31 NO MUNDO MAIOR — 25-03-1947 — André Luiz
- 32 AGENDA CRISTÃ — 18-06-1947 — André Luiz
- 33 LUZ ACIMA — 4-12-1947 — Irmão X
- 34 VOLTEI — 19-02-1948 — Irmão Jacob
- 35 ALVORADA CRISTÃ — 21-06-1948 — Neio Lúcio
- 36 CAMINHO, VERDADE E VIDA — 2-12-1948 — Emmanuel
- 37 LIBERTAÇÃO — 22-02-1949 — André Luiz
- 38 JESUS NO LAR — 3-10-1949 — Neio Lúcio
- 39 PÃO NOSSO — 22-02-1950 — Emmanuel
- 40 NOSSO LIVRO — 1-05-1950 — Diversos Espíritos
- 41 PONTOS E CONTOS — 3-10-1950 — Irmão X
- 42 FALANDO À TERRA — 18-04-1951 — Diversos Espíritos
- 43 PÁGINAS DO CORAÇÃO — 19-08-1951 — Irmã Candoca
- 44 VINHA DE LUZ — 25-11-1951 — Emmanuel
- 45 PÉROLAS DO ALÉM — 1-01-1952 — Diversos Espíritos
- 46 ROTEIRO — 10-06-1952 — Emmanuel
- 47 PAI NOSSO — 12-06-1952 — Meimei
- 48 CARTAS DO CORAÇÃO — 14-07-1952 — Diversos Espíritos
- 49 GOTAS DE LUZ — 1-01-1953 — Casimiro Cunha
- 50 AVE, CRISTO! — 18-04-1953 — Emmanuel
- 51 ENTRE A TERRA E O CÉU — 23-01-1954 — André Luiz
- 52 PALAVRAS DE EMMANUEL — 18-04-1954 — Emmanuel
- 53 NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE — 3-10-1954 — André Luiz
- 54 INSTRUÇÕES PSICOFÔNICAS — 10-06-1955 — Diversos Espíritos
- 55 FONTE VIVA — 11-02-1956 — Emmanuel
- 56 AÇÃO E REAÇÃO — 1-01-1957 — André Luiz
- 57 VOZES DO GRANDE ALÉM — 29-05-1957 — Diversos Espíritos
- 58 CONTOS E APÓLOGOS — 30-10-1957 — Irmão X
- 59 PENSAMENTO E VIDA — 11-02-1958 — Emmanuel
- 60 EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS* — 21-07-1958 — André Luiz
- 61 MECANISMOS DA MEDIUNIDADE* — 6-08-1959 — André Luiz
- 62 EVANGELHO EM CASA — 10-10-1959 — Meimei
- 63 RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS — 29-01-1960 — Emmanuel
- 64 A VIDA ESCREVE* — 2-02-1960 — Hilário Silva
- 65 ALMAS EM DESFILE* — 29-08-1960 — Hilário Silva
- 66 SEARA DOS MÉDIUNS — 1-01-1961 — Emmanuel
- 67 JUCA LAMBISCA* — 17-05-1961 — Casimiro Cunha
- 68 O ESPÍRITO DA VERDADE* — 9-10-1961 — Diversos Espíritos
- 69 JUSTIÇA DIVINA — 20-03-1962 — Emmanuel
- 70 CARTILHA DO BEM — 12-04-1962 — Meimei
- 71 RELICÁRIO DE LUZ — 20-06-1962 — Diversos Espíritos
- 72 TIMBOLÃO* — 11-08-1962 — Casimiro Cunha
- 73 ANTOLOGIA DOS IMORTAIS* — 3-10-1962 — Diversos Espíritos
- 74 IDEAL ESPÍRITA* — 12-1962 — Diversos Espíritos
- 75 LEIS DE AMOR* — 17-01-1963 — Emmanuel

* Em parceria com o médium Waldo Vieira.

- 76 *OPINIÃO ESPÍRITA** — 2-07-1963 — Emmanuel e André Luiz
 77 *SEXO E DESTINO** — 4-07-1963 — André Luiz
 78 *DESOBSESSÃO** — 2-01-1964 — André Luiz
 79 *CONTOS DESTA E DO OUTRA VIDA* — 20-01-1964 — Irmão X
 80 *LIVRO DA ESPERANÇA* — 18-04-1964 — Emmanuel
 81 *DICIONÁRIO DA ALMA* — 29-06-1964 — Diversos Espíritos
 82 *TROVADORES DO ALÉM** — 18-07-1964 — Diversos Espíritos
 83 *PALAVRAS DE VIDA ETERNA* — 14-09-1964 — Emmanuel
 84 *ESTUDE E VIVA** — 11-02-1965 — Emmanuel e André Luiz
 85 *O ESPÍRITO DE CORNÉLIO PIRES** — 1-08-1965 — Cornélio Pires
 86 *ENTRE IRMÃOS DE OUTRAS TERRAS** — 17-09-1965 — Diversos Espíritos
 87 *CARTAS E CRÔNICAS* — 18-04-1966 — Irmão X
 88 *ANTOLOGIA MEDIÚNICA DO NATAL* — 25-12-1966 — Diversos Espíritos
 89 *CAMINHO ESPÍRITA* — 2-01-1967 — Diversos Espíritos
 90 *ENCONTRO MARCADO* — 11-01-1967 — Emmanuel
 91 *NO PORTAL DA LUZ* — 20-01-1967 — Emmanuel
 92 *TROVAS DO OUTRO MUNDO* — 1-01-1968 — Diversos Espíritos
 93 *E A VIDA CONTINUA...* — 18-04-1968 — André Luiz
 94 *LUZ NO LAR* — 18-06-1968 — Diversos Espíritos
 95 *A LUZ DA ORAÇÃO* — 12-1968 — Diversos Espíritos
 96 *ORVALHO DE LUZ* — 1-02-1969 — Diversos Espíritos
 97 *PASSOS DA VIDA* — 31-03-1969 — Diversos Espíritos
 98 *ESTANTE DA VIDA* — 31-03-1969 — Irmão X
 99 *ALMA E CORAÇÃO* — 26-07-1969 — Emmanuel
 100 *POETAS REDIVIVOS* — 1-08-1969 — Diversos Espíritos
 101 *IDÉIAS E ILUSTRAÇÕES* — 1-01-1970 — Diversos Espíritos
 102 *PAZ E RENOVAÇÃO* — 1-02-1970 — Diversos Espíritos
 103 *VIDA E SEXO* — 6-06-1970 — Emmanuel
 104 *MAIS LUZ* — 4-07-1970 — Bатуíra
 105 *CORREIO FRATERNAL* — 22-09-1970 — Diversos Espíritos
 106 *TROVAS DO MAIS ALÉM* — 15-01-1971 — Diversos Espíritos
 107 *BÊNÇÃO DE PAZ* — 26-02-1971 — Emmanuel
 108 *MÃE* - Antologia — 1-03-1971 — Diversos Espíritos
 109 *ANTOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE* — 31-05-1971 — Maria Dolores
 110 *RUMO CERTO* — 1-06-1971 — Emmanuel
 111 *PINGA-FOGO* (1.ª entrevista) — 28-07-1971 — Diversos Espíritos
 112 *CORAGEM* — 1-08-1971 — Diversos Espíritos
 113 *SINAL VERDE* — 4-08-1971 — André Luiz
 114 *ENTREVISTAS* — 5-12-1971 — Diversos Espíritos
 115 *CHICO XAVIER* — *Dos Hippies aos Problemas do Mundo* — 21-12-1971 — Diversos Espíritos
 116 *ATRAVÉS DO TEMPO* — 30-01-1972 — Diversos Espíritos
 117 *MÃOS UNIDAS* — 17-04-1972 — Emmanuel
 118 *TAÇA DE LUZ* — 12-05-1972 — Diversos Espíritos
 119 *CHICO XAVIER PEDE LICENÇA* — 1-06-1972 — Diversos Espíritos
 120 *MÃOS MARCADAS* — 3-06-1972 — Diversos Espíritos
 121 *NATAL DE SABINA* — 19-03-1973 — Francisca Clotilde
 122 *ESCRÍNIO DE LUZ* — 04-1973 — Emmanuel

* Em parceria com o médium Waldo Vieira.

- 123 *SEGUE-ME!* — 05-1973 — Emmanuel
 124 *ENCONTRO DE PAZ* — 5-06-1973 — Diversos Espíritos
 125 *NA ERA DO ESPÍRITO* — 21-06-1973 — Diversos Espíritos
 126 *ROSAS COM AMOR* — 2-09-1973 — Diversos Espíritos
 127 *BEZERRA, CHICO E VOCÊ* — 8-09-1973 — Bezerra de Menezes
 128 *ASTRONAUTAS DO ALÉM* — 3-10-1973 — Diversos Espíritos
 129 *ENTRE DUAS VIDAS* — 2-01-1974 — Diversos Espíritos
 130 *RETRATOS DA VIDA* — 22-03-1974 — Cornélio Pires
 131 *DIÁLOGOS DOS VIVOS* — 18-04-1974 — Diversos Espíritos
 132 *CALENDÁRIO ESPÍRITA* — 06-1974 — Diversos Espíritos
 133 *INSTRUMENTOS DO TEMPO* — 3-10-1974 — Emmanuel
 134 *RESPOSTAS DA VIDA* — 21-05-1975 — André Luiz
 135 *JOVENS DO ALÉM* — 6-07-1975 — Diversos Espíritos
 136 *CONVERSA FIRME* — 28-07-1975 — Cornélio Pires
 137 *A TERRA E O SEMEADOR* — 30-07-1975 — Diversos Espíritos
 138 *CHÃO DE FLORES* — 30-08-1975 — Diversos Espíritos
 139 *CAMINHOS DE VOLTA* — 30-10-1975 — Diversos Espíritos
 140 *ESPERANTO COMO REVELAÇÃO* — 2-01-1976 — Francisco V. Lorenz
 141 *BUSCA E ACHARÁS* — 21-02-1976 — Emmanuel e André Luiz
 142 *AMANHECE* — 18-04-1976 — Diversos Espíritos
 143 *RECANTO DE PAZ* — 28-04-1976 — Diversos Espíritos
 144 *DEUS SEMPRE* — 21-06-1976 — Emmanuel
 145 *SOMOS SEIS* — 1-07-1976 — Diversos Espíritos
 146 *TINTINO* — *O Espetáculo Continua...* — 2-09-1976 — Francisca Clotilde
 147 *AUTA DE SOUZA* — 12-09-1976 — Auta de Souza
 148 *BAÚ DE CASOS* — 3-01-1977 — Cornélio Pires
 149 *AMIZADE* — 21-02-1977 — Meimei
 150 *COMPANHEIRO* — 2-03-1977 — Emmanuel
 151 *CRIANÇAS NO ALÉM* — 8-07-1977 — Marcos
 152 *AMOR E LUZ* — 8-07-1977 — Diversos Espíritos

VII — MEIO SÉCULO EM TEMPO DE ETERNIDADE

“Chico vem visitar-nos amiúde” — conta D. Aparecida Conceição Ferreira, nobre fundadora do hospital de penfigosos de Uberaba e acrescenta: “às vezes ele vem a convite nosso para a inauguração de algum departamento novo do hospital. Vez por outra — como aconteceu em maio de 1977 — para alegria nossa, de toda a equipe que atende aos serviços do nosocômio e principalmente dos nossos irmãozinhos pacientes, ele vem espontânea e inesperadamente”. (A história da saga de heroísmo cristão de D. Aparecida na edificação do Hospital Pênfigo, desde quando recebeu em sua própria casa os primeiros doentes vítimas de “fogo selvagem”, é de forma perene um marco de crescente iluminação no calendário das perduráveis realizações com raízes no Cristianismo redivivo.)

“Nesta última visita” — relata D. Aparecida — “Chico Xavier demorou-se entre nós por mais de duas horas. Esteve em cada uma das enfermarias, confortou os doentes, principalmente os que apresentavam maiores deficiências de saúde, orou em todas as dependências do hospital. Pareceu-me por vez muito pensativo, olhando significativamente para esta ou aquela enfermaria, este ou aquele enfermo com dificuldade de comunicar-se. Minha intuição me diz que Chico Xavier é uma estrela de Deus vinda até nós para alumiar as trevas do sofrimento humano”.

* * *

P — Chico, que é que você sente quando visita os pacientes do Hospital Pênfigo de Uberaba?

R — Imaginando-me na condição de nossos irmãos atacados pelo pênfigo fico pensando como seriam grandês a minha alegria e o meu reconhecimento se encontrasse alguém que me pudesse aliviar ou curar.

P — Sobre o tema “doença”, perguntaria quais os males físicos que atacaram seu organismo na presente existência?

R — Logo que atingi a maioria física, fui acometido pela catarata que até hoje me toma o olho esquerdo. Depois disso, passei por várias intervenções cirúrgicas, sendo a última delas em 1968, quando estive internado no Hospital Santa Helena, na capital de São Paulo. Agora, com o problema da angina que me surgiu em novembro de 1976, tenho um problema orgânico que vou contornando, pouco a pouco, sob o auxílio de nossos Benfeitores Espirituais, com a supervisão de médicos amigos, que sempre me auxiliam com generosa assistência.

P — A que você atribui a circunstância de ter nascido no meio de uma família católica, quando poderia talvez ter vindo num lar espírita que melhormente facilitasse o desabrochar de sua mediunidade?

R — Acredito que não me dedicaria à mediunidade com o fervor devido, se houvesse nascido num ambiente talvez excessivamente favorável aos meus desejos e necessidades. Talvez que, em minha ignorância, sem atritos e sem incompreensões, eu não tivesse encontrado tanta felicidade de trabalhar.

P — Algumas outras perguntas sobre esse meio século de mandato mediúnico. A primeira é: trinta e três anos após o processo movido pelos herdeiros materiais da família de Humberto de Campos contra a Federação Espírita Brasileira e contra você — que lhe ocorre dizer sobre essa ação judicial reclamando direitos autorais sobre o trabalho mediúnico de Humberto de Campos, Espírita?

R — O processo referido causou muita agitação na imprensa, em 1944, mas sempre aprendi com o Espírito de Humberto de Campos a estimar e a respeitar os familiares dele e o processo não conseguiu destruir em mim o apreço e o afeto que, até hoje, nutro pelos descendentes desse nobre escritor.

P — Durante alguns anos você, juntamente com Waldo Vieira, psicografou livros básicos de orientação doutrinária, entre estes os importantíssimos *Evolução em Dois Mundos* e *Mecanismos da Mediunidade*. Há uma suposição, entre alguns confrades espíritas, de que você se tenha mantido reservado em relação a esse irmão, desde o regresso de ambos dos E.U.A., em 1966. Para fins de esclarecimento definitivo da questão, se me permitir, gostaria que você

mesmo dissesse textualmente algo de seus autênticos sentimentos em relação ao seu antigo companheiro.

R — Fernando, o Waldo, nosso estimado Dr. Waldo Vieira, não obstante muito jovem quando o acompanhei para a residência em Uberaba, a partir de 5 de janeiro de 1959 foi e será sempre para mim um amigo e um benfeitor. Nesse tempo, 1959, ele cursava o quinto ano na Faculdade de Medicina e, de minha parte, achava-me muito doente em Pedro Leopoldo, com uma labirintite, além dos problemas renais que culminaram com a cirurgia pela qual passei em 1968. Waldo Vieira prestou-me grande auxílio, não só me propiciando atenciosa assistência médica, como também me ajudando a ambientar-me em Uberaba, cujo clima era mais adequado à minha saúde. Em 1966, resolveu mudar-se para o Rio, o que considerei muito natural num jovem médico aspirando a futuro melhor. Tenho por ele, como sempre, muita estima e profunda gratidão.

* * *

Após breve interrupção, para um chá com biscoitos, servido pelo próprio médium, Chico Xavier nos conta que alguns dias antes de surgir a enfermidade anginosa que o obriga a diminuir as horas de atendimento ao público havia na fila dos que buscavam falar-lhe uma senhora de muita presença e distinção.

Estava só e aparentava visível abatimento.

Ao chegar a vez de ser atendida envolveu-se em pranto, qual estivesse ferida desde as mais profundas entranhas do ser.

Agita-se enquanto clama em alta voz e crescente aflição: "Meu filho, Chico Xavier, onde está meu filho? Me devolvam meu filho, quero falar com ele!" A seguir, acolhe-se aos ombros do médium.

Algumas pessoas tentam acalmá-la.

O médium dirige-lhe palavras de reconforto, mas todos os esforços parecem inúteis. Aquela dor vinda das entranhas do ser prosseguia num crescendo inestancável, qual uma avalanche de água que rompesse portentoso dique.

Chico confessa: "Neste meio século de atendimento e serviços, raras vezes tenho visto uma dor tão lancinante!"

Compreende que o rapaz, desencarnado havia pouco, não tinha condições de comunicar-se por enquanto.

Como fazê-la entender tão sensível e crítica situação?

O médium orou então aos Benfeitores Espirituais suplicando o socorro necessário.

Aos poucos, a pobre senhora começou a dar sinais de abatimento e cansaço, enquanto muitos oravam em seu favor.

Contaram depois a Chico que essa senhora, muito culta, mas materialista, era consorciada com distinto advogado, também ateu, e dessa união tiveram um filho ao qual adoravam.

O rapaz, de gênio sensível e introvertido, educado a princípio por amas e, mais tarde, num colégio de religiosos, ao contrário dos pais, que sempre se declaravam ateus convictos, desde pequenino mostrara-se receptivo aos sentimentos da fé e da busca de Deus.

Nas raras vezes em que conversavam com o filho, diziam a ele que não lhe entendiam o que consideravam por fragilidade enfermiza, na aceitação de tais crenças.

Certo dia, em casa, o casal discute entre si certos assuntos, exaltando o materialismo de que marido e esposa se alimentavam.

O rapaz, muito emocionado pela situação que vivenciava, lhes fala dos ensinamentos de Jesus, ocasião em que é asperamente criticado.

Desorientado pelas idéias de negação e ateísmo que acabara de ouvir, o moço, tomado de imenso desespero, vai até o guarda-roupa do pai, toma da arma carregada que ali se guardava e dispara contra a própria cabeça, morrendo instantaneamente.

O caso sensibilizou muito a Chico Xavier, a ponto de causar-lhe dores no peito. De volta a casa, orou demoradamente por aquela família, como costuma fazer em favor daqueles que perdem entes queridos em circunstâncias de grande sofrimento. Este foi um dos últimos atendimentos do mediano antes de adoecer a 12 de novembro de 1976.

P — Meio século de mandato mediúnico ininterrupto, se considerarmos as limitações de tempo da vida física, é um período relativamente longo no campo da constância. Que é que mais o motivou e incentivou para a conquista dessa perseverança?

R — Meu caro Fernando, comecei a ouvir as vozes dos Espíritos Amigos, desde a primeira infância. Começando a ver minha mãe desencarnada, poucos meses após perder-lhe a presença no Plano Físico, quando me achava na idade de cinco janeiros, e depois, passando igualmente ao convívio com outros Benfeitores Espirituais, creio que a dedicação de tantas criaturas queridas, no Plano Espiritual, me sustentou em serviço mediúnico nestes últimos cinqüenta anos. Posso dizer que se minha permanência nesse

trabalho pode ser considerada como sendo constância, essa constância é da paciência e da bondade deles para com este servidor, de vez que me reconheço na condição de um pequenino cooperador desses Mentores caridosos e beneméritos, carregado de imperfeições e defeitos, e sou eu mesmo quem me admiro da tolerância e da benevolência dos Amigos da Vida Maior para comigo, neste meio século de trabalho que, sem qualquer idéia de modéstia da minha parte, pertence a eles e não a mim.

P — Quais as reminiscências que mais preza dos inícios de sua mediunidade?

R — Os contatos diretos com minha mãe desencarnada, em fins de 1915, quando me achava entregue aos cuidados de outras pessoas, com as quais, até então, eu não houvera convivido, são para mim recordações inesquecíveis dos meus primeiros dias de mediunidade, conquanto só começasse a servir nas tarefas mediúnicas com as luzes da Doutrina Espírita em 1927.*

P — Sabendo, por minha própria experiência, quanto é difícil manter-se na verdadeira humildade, pergunto como é que você conseguiu ser assim sempre humilde durante todo esse tempo? Quando você nasceu já trazia consigo quase inteira essa aquisição ou ela é resultado de uma séria e incessante luta consigo mesmo, de modo acentuado na atual existência?

R — Sinceramente, nunca me senti humilde. Estou sempre em conflito com os meus complexos, de vaidade, de orgulho e outros mais.

“Um dia, depois de um pronunciamento público, em que falei de minha desvalia total, um amigo nosso me observou: ‘Chico, uma pessoa que se mostra com muita humildade está apenas revelando que traz o máximo de orgulho recalcado por dentro de si’.

* A mediunidade de Chico Xavier, propriamente entendida, iniciou de fato aos cinco anos de idade.

Quando tinha doze anos e cursava o quarto ano primário no Grupo Escolar São José, em Pedro Leopoldo, o menino Chico enxergou um homem a seu lado — não visto por nenhum de seus colegas nem pela professora — a lhe ditar trechos de uma composição que tinha por tema o 1.º Centenário da Independência do Brasil.

Nesse concurso, instituído pelo Governo do Estado de Minas Gerais, em 1922, o trabalho do jovem aluno conseguiu menção honrosa.

A mediunidade de serviço ao próximo exercida por Chico Xavier completou bodas de luz.

Sua mediunidade, entretanto, vem de antes. (Nota do A.)

Desde então passei a considerar-me um animal em serviço. Não desejando aparentar uma humildade que não tenho e não sendo eu a pessoa com qualidades necessárias para colaborar com os Bons Espíritos, quando as circunstâncias me obrigam a falar de mim mesmo, diante dos livros que eles escreveram por minhas pobres mãos, comparo-me a um animal, porque não passo de um animal que os Benfeitores da Espiritualidade, pela misericórdia de Jesus, conservam em serviço deles. A certeza disso me deixa com a tranquilidade precisa para trabalhar, porquanto os amigos e irmãos do mundo que me honram com a estima que me dispensam me recebem como sou, isto é, na condição de um animal com muito desejo de se domesticar, aprendendo a obedecer aos donos, que lhe oferecem os benefícios da conservação e da assistência”.

P — Nas horas de sono físico você faz desdobramentos espirituais freqüentes? Lembra-se depois do que aconteceu em tais desdobramentos?

R — Sei que, com o auxílio dos Amigos Espirituais, tenho muitas experiências em desdobramento, mas muito raramente eles me permitem conservar a lembrança do que me ocorre nessas ocasiões. Quando retomo o corpo físico, por momentos rápidos conservo a lembrança intata de todos os fatos e observações pelos quais tenha passado, fora do corpo físico, mas, num toque magnético que não sei definir, os Benfeitores Espirituais me retiram as reminiscências que eu estimaria conservar, agindo com a minha memória como quem apaga textos já registrados num gravador comum. Permanece em mim a convicção de ter agido ou estudado fora do corpo físico, mas não retenho detalhe algum, com exceção dos assuntos que os Amigos Espirituais desejam que eu guarde no pensamento. Eles me informam que agem assim comigo para efeito de serviço, diante das muitas responsabilidades que carregam.

P — Entre a vontade de prazer e a vontade de servir o próximo, há outro caminho viável além de Cristo?

R — Caro Fernando, não sei se entendi corretamente a sua pergunta, mas creio que Deus concedeu a todos os povos do mundo caminhos espirituais para transformar a vontade de simples prazer em vontade de cultivar permanentemente o prazer de servir ao próximo; no entanto, a Providência Divina nos apresenta em Jesus Cristo o caminho mais alto e mais seguro para isso.

P — Qual o melhor roteiro ou meio para ajudar as percepções mediúnicas, de modo a aperfeiçoar a conjugação das ondas mentais?

R — Com respeito ao processo mediúnico que se verifica há precisamente meio século com este seu servidor, nas bases da Doutrina Espírita, estou na condição de uma árvore que ignora como produz os frutos que a caracterizam. Nada sei. Sei apenas que os Amigos desencarnados me tomam a mão e escrevem as páginas de que são os verdadeiros autores.

P — A 24 de outubro de 1938 seu Guia e Benfeitor Espiritual Emmanuel iniciava o ditado mediúnico da portentosa obra intitulada *Há Dois Mil Anos*, o primeiro dos grandes romances romanos, ao qual haveria de seguir-se *Cinqüenta Anos Depois*, *Renúncia*, *Ave, Cristo!* e *Paulo e Estêvão*. Quais as melhores e mais jubilosas reminiscências que guarda dessa perene recepção mediúnica?

R — A recepção dos livros de nosso caro mentor Emmanuel sempre me proporcionou e sempre me proporciona grande contentamento íntimo.

P — Muitos estão convictos de que em *Há Dois Mil Anos*, você encarnou a personagem Flávia, filha dileta do respeitável senador Públio Lêntulus. A mesma convicção a respeito de Célia, personagem de *Cinqüenta Anos Depois*. De então para cá você tomou conhecimento, por via espiritual, das outras encarnações que vivenciou até a atual existência física?

R — A suposição de que tenha sido personagem nos romances de Emmanuel parte de companheiros amigos, não de mim. Sinto-me realmente uma criatura de evolução muito acanhada, ainda com muitos defeitos a corrigir, e, nos primeiros séculos do Cristianismo, sem dúvida que a minha condição deveria ser muito pior que a de agora.

P — No decorrer da Segunda Guerra Mundial você recebeu mediunicamente *Nosso Lar*, a primeira obra na literatura espírita e espiritualista do nosso orbe a relatar com tantas e tão variadas minudências como é a vida no além-túmulo. Vemos, através desse livro mediúnico, que há vida e vida perenemente estuante no plano da Vida Maior. Dentro da mesma linha de relatos inéditos e

perenes, complementando a Terceira Revelação, seguiram-se as obras *Os Mensageiros*, *Missionários da Luz*, *Obreiros da Vida Eterna*, *No Mundo Maior*, *Libertação*, *Agenda Cristã*, *Entre a Terra e o Céu*, *Nos Domínios da Mediunidade*, *Ação e Reação*, *Evolução em Dois Mundos*, *Mecanismos da Mediunidade*, *Conduta Espírita*, *Sexo e Destino*, *Desobsessão*, *E a Vida Continua...*, todas de André Luiz. Muitos afirmam que durante tais recepções você, em espírito, foi levado a conhecer algumas das "muitas moradas do Pai". Se possível, relate-nos registros mentais dessa fase de estuante labor na seara da Consolação prometida pelo Cristo.

R — Apenas, quando estava psicografando o livro *Nosso Lar*, André Luiz e outros amigos desencarnados me facilitaram um desdobramento, no qual pude conhecer, em companhia deles, uma pequena faixa da região hospitalar daquela cidade do Plano Espiritual. Creio que me fizeram a concessão para que a minha estranheza, diante das páginas que eu estava então recebendo de André Luiz, não lhes prejudicasse o trabalho.

P — O Espírito que se assina André Luiz é um só ou são várias Entidades iluminadas a se utilizarem desse pseudônimo para apresentação desses trabalhos?

R — André Luiz escreve com muita independência, sempre ele mesmo; entretanto, admito que, como acontece a todo escritor responsável neste mundo mesmo, ele terá na Espiritualidade Maior muitos amigos experientes e sábios, com os quais toma apontamentos e conselhos, a fim de escrever consolando e instruindo, auxiliando e edificando sempre.

P — Em 1975 tivemos a publicação de *Jovens no Além*, com notícias e mensagens de Espíritos que retornaram para o Além em plena e exuberante juventude, para desespero dos pais, parentes e amigos. Logo a seguir tivemos *Somos Seis* e certamente virão outros no futuro, selecionando algumas das centenas de mensagens de outros jovens que igualmente regressaram à Pátria Espiritual em circunstâncias semelhantes. Esta não seria a face verdadeiramente ou predominantemente consoladora da Doutrina de Kardec, evidenciada ao mundo com ampliado enfoque nestes últimos anos, através principalmente de seu lápis mediúnico?

R — Estamos de pleno acordo com o seu ponto de vista, porque esses livros dos jovens desencarnados têm trazido muito conforto aos amigos, especialmente aos pais e mães que deixaram

na Terra, o que observo pelas manifestações de fé e esperança com que dialogam comigo, depois das mensagens recebidas. Além disso, esses jovens sempre se identificam, de maneira surpreendente para nós.

P — Chico, qual é a verdade desta vida?

R — Há algum tempo, um espírito amigo, aliás um trovador de renome, ao referir-se à Verdade me disse que ela se parece a um espelho do Céu que se quebrou ao tocar na terra, em inúmeros fragmentos. Cada um de nós possui pequeno pedaço desse espelho simbólico, com o qual pode analisar a própria imagem, aperfeiçoando-a sempre.

P — Considerando-se o alcance e profundidade dos meios de comunicação na atualidade, não seria útil, no campo Doutrinário, que médiuns experimentadores autênticos e Kardecistas se dispusessem a demonstrações sérias de fenômenos de efeitos físicos, incluída a materialização ectoplásmica? Ou seria que nós, da Humanidade terrestre, ainda não estamos amadurecidos para isso?

R — Creio que precisamos coletivamente de mais profunda maturidade mental para receber a materialização mais ampla dos desencarnados com a responsabilidade e o respeito necessários ao proveito real de manifestações dessa natureza.

P — Então por que são tão raros os autênticos médiuns de efeitos físicos, bem como os próprios fenômenos dessa ordem?

R — Caro Fernando, se alguma nação da terra atual pudesse controlar o sol ou o ar, que seria de nós, do ponto de vista da Humanidade? E se o intercâmbio entre o Mundo Espiritual e o Mundo Físico estivesse sob o poder controlador de apenas um grupo humano, isso seria lamentável, em nossas condições de egoísmo da atualidade, coletivamente falando, não acha? O assunto exige muito tempo e muita experiência, com a prática generalizada do respeito mútuo e com a educação pessoal indispensável.

P — Dons mediúnicos pronunciados, como por exemplo o da vidência espiritual, que tantas pessoas anseiam e se esforçam por possuir, sob certas circunstâncias de ordem material, não significariam uma desvantagem ou, pelo menos, um transcendente compromisso para essas pessoas?

R — Dons mediúnicos não representam desvantagens mas envolvem os compromissos e as responsabilidades que lhes são conseqüentes. Os candidatos ao trabalho mediúnico, junto das criaturas humanas, precisam refletir com segurança e discernimento, antes de abraçá-lo, conscientes de que se encontram diante de um dos mais sérios compromissos espirituais da vida.

P — É viável uma comunicação entre médium e Espírito Comunicante se entre os dois não existir simpatia ou conjugação natural de ondas mentais?

R — Em meu caso pessoal tenho observado que, sem simpatia ou afinidade, entre o médium e a entidade comunicante, o intercâmbio é sempre muito deficiente ou quase impraticável.

P — Certa feita você me disse que por vezes sente-se qual um basalto habitado por estranhos animais. Em nosso Espírito há campo para diversas moradas?

R — Não posso dizer que em nosso espírito haja espaço ou campo para muitas moradas, mas é indubitável que todos trazemos, em nós mesmos, a lembrança inconsciente ou provisoriamente obliterada de todas as existências que já vivemos através dos séculos. É compreensível, desse modo, que nos sintamos, por vezes, na condição de alguém que carrega consigo personalidades diversas, embora este assunto nos ofereça motivação para longos estudos, em torno do tema *espírito-encarnação-personalidade e tempo*, que permite mais ampla abordagem.

P — Já participou de alguma experiência no campo da psicometria?

R — Por enquanto, desde 1927, quando me entreguei à mediunidade, segundo a Doutrina Espírita, as dificuldades e provações, sofrimentos e problemas dos nossos irmãos em Humanidade não me permitiram entrar em observações no campo da psicometria. No meu setor mediúnico, decerto pela escassez de meus recursos, os Amigos Espirituais sempre me situaram na parte evangélica, declarando que as investigações de ordem científica encontram estudiosos e observadores com facilidade, sem que o mesmo aconteça no campo religioso, em que se nos faz quase que obrigatório o contato com irmãos em sofrimentos e provas, tribulações e obstáculos, às vezes muito maiores do que os nossos.

P — Pode um espírito obsessivo dominar a mente de uma pessoa encarnada e então aliená-la (como faz um hipnotizador com o seu *sujet*) a ponto de mudar o destino da criatura obsedada?

R — Emmanuel esclarece-nos sempre que a obsessão é uma ocorrência partilhada. A vontade é uma alavanca de alto poder e não pode ser totalmente manejada, em nós, por outrem, seja por algum amigo encarnado ou desencarnado, sem o nosso consentimento.

P — No preciso tempo em que completas meio século de tarefas mediúnicas, como sentes tua saúde após os abalos físicos sofridos?

R — Estou melhorando, mas lentamente. Ainda não posso permanecer em reuniões públicas senão das quatro horas da tarde às nove e meia da noite. Devo usar vários medicamentos com muita pontualidade e não consigo muito esforço ou algum esforço maior. Sem atender a esses requisitos do corpo físico, a dor aparece, à feição de alguém que veio morar comigo, por dentro do peito, e então essa dor é uma espécie de enfermeira invisível que me obriga a deitar-me. Mas estou observando a mim mesmo com muito otimismo e paz e creio que, com os medicamentos em pauta e com as inevitáveis reduções de trabalho, ainda poderei usar minha máquina física da atualidade, se Jesus permitir, por muito tempo.

“Podes entender comigo esta história: neste ano completei os 50 janeiros de mediunidade e tendo passado por outros 40 em atividade profissional, não posso ser ingrato com o corpo que me serve de moradia há 67 anos. Louvado seja Deus! Tudo está seguindo da melhor maneira possível. E eu, continuando sem a dor que é semelhante a uma campainha no tórax, tudo vai bem. Não tenho dúvidas quanto ao ‘processo anginoso’ ou à ‘insuficiência coronariana’ de que sou portador, mas estou, graças a Deus, em paz e com muita alegria”.

P — Chico, houve quem afirmasse que você seria inconstante com seus amigos diletos.

R — Na verdade sou como há 50 anos, quando nos iniciávamos na mediunidade. Muitas pessoas desejariam que eu fosse diferente, talvez mais evoluído, e vendo que não sou quem sabe se afastam decepcionados comigo. Sou um animal atrelado aos varais da carroça. Não posso ser constante com aqueles que não me

acompanharam nesta minha condição. Se um dia sair destes varris, só me restará pastar no campo.

P — Supomos que deva existir justo júbilo no Mundo Maior, assim como entre nós na terra, por ter sido possível, da maneira como tem decorrido, este meio século de tarefas mediúnicas ininterruptas, sempre com evidente respaldo espiritual, em favor de todos nós. Um júbilo compartilhado por muitos amigos e Benfeitores Espirituais, diríamos que não seria justo silenciar sobre Emmanuel.

R — De minha parte, sinto-me apenas na condição do trabalhador imperfeito, procurando cumprir o dever que lhe cabe, sempre com erros e faltas a corrigir em mim mesmo, rendendo graças a Deus pela tolerância e paciência com que tenho sido tratado pelos Espíritos Amigos e pelos Amigos Espíritos. De nosso caro Emmanuel, tenho ouvido sempre a advertência de que devo rogar forças e diretrizes à Misericórdia Divina, em oração, para que eu aprenda a cumprir meu dever.

P — Como você pensa agradecer, principalmente a Emmanuel, o que ele representou e representa em sua atual existência?

R — Agradeço a Emmanuel, em todos os dias de minha atual existência, a caridade e a tolerância que sempre me dispensa, à feição do necessitado que constantemente recebe proteção e assistência do Benfeitor, sem meios quaisquer de retribuir.

P — Após este meio século de trabalho incessante, que é que você mais deseja e pede a Deus?

R — Se Jesus permitir, estimarei trabalhar na mediunidade, tal como de 1927 aos dias atuais, até a extinção das forças do meu atual corpo físico. O dono da usina é o Senhor Jesus e, enquanto não se resolver a queimar essa tomada de ligação entre forças, com um curto-circuito, não posso deixar de trabalhar.

P — E sobre o Esperanto, que é que poderia dizer-nos com vistas ao futuro da Humanidade?

R — Penso com os Benfeitores da Vida Maior que o Esperanto será o idioma universal do futuro para o entendimento mais claro entre as Nações da Terra, sem que se perca, em cada povo, o tesouro lingüístico no qual se lhe preserva a união.

P — Peço-te enfim, palavras de vida a crentes e incréus; aos que possuem a suprema graça da fé e aos que se debatem no nevoeiro de não se aperceberem dela; aos que sobrevivem na força da crença em Deus e aos que, por infortúnios diversos, se tresmalham no nevoeiro da desesperança. Aos que por graça Divina compreenderam o significado da sua vida no seio da Humanidade e aos que ainda não tomaram conhecimento da sua vida e obra neste mundo.

R — Caro Fernando, sou muito grato a todos os companheiros que me amparam e sempre me ampararam no desempenho das minhas obrigações mediúnicas e, através de você, prezado irmão e querido amigo, rogaria a todos não me esquecerem em suas orações. Tenho atualmente a saúde física dentro de justo e compreensível desgaste, passando por rigoroso tratamento médico a que estou obedecendo religiosamente, não só em me referindo às instruções de nossos Benfeitores Espirituais; como também às orientações dos dedicados médicos que muito me ampararam com assistência generosa e oportuna. Estou tranqüilo e acatarei o que o Senhor determinar a meu respeito, compreendendo que tenho sido conservado em trabalho exclusivamente pela Misericórdia d'Ele, Nosso Senhor Jesus Cristo, e não por méritos que ainda estou muito longe de possuir. Quanto a qualquer mensagem especial aos nossos irmãos, creio, meu caro amigo, que a maior mensagem de todos os tempos na Terra, ainda e sempre, é o Evangelho de Jesus, mormente nas interpretações de Allan Kardec, sem desprezar, de modo algum, o permanente valor da mensagem cristã em todos os setores do Cristianismo, sejam eles quais forem.

“Por isso mesmo, penso que será oportuno para nós todos meditar sempre e aplicar, tanto quanto nos seja possível, aquela suprema lição de Jesus em que Ele, o Senhor e Mestre, nos pede amar-nos uns aos outros, tal como Ele nos amou e ama sempre.

“Muito grato a você pela visita e pelas questões que me apresentou com tanta gentileza e bondade. E que Deus, caro Fernando, a todos nos ampare e nos abençoe.”

Francisco Cândido Xavier
Uberaba, maio e julho — 1977

Mais de uma vez, ao longo das pobres linhas deste livro, recorrentemente nos conscientizamos da estreiteza da linguagem humana, mau grado todos os valiosos recursos da comunicação terrestre, para traduzir, conforme desejaríamos, tudo aquilo que nosso Espírito muito imperfeitamente consegue vislumbrar em termos de Mundo Maior.

Qual se estivéssemos num santuário, com a alma em prece pelas faltas cometidas ante a Misericórdia de Deus, o que nos ocorre são unicamente palavras de venerado agradecimento pela raríssima oportunidade que tivemos de conviver e de reconhecer este Espírito Amigo e guia, mediano de Deus para renovadas esperanças de todos nós.

Acima do alqueire, a chama divina que brilhou intensamente, erguida pelas mãos abençoadas de Francisco Cândido Xavier, sob os céus do Cruzeiro do Sul para todo o Orbe Terrestre, diluindo cada vez mais as trevas do materialismo e da ignorância, em benefício de toda a humanidade, há de continuar iluminando eternidade afora os caminhos do porvir, rumo a Deus.

BODAS DE LUZ

*Embora seja preciso que desças, para falarmos
Eu que mal soletro a lição da Esperança
Posso sentir na nívea bondade que te ilumina a face
A certeza de que conheces o elixir das nossas dores
Que sabes dos milenares caprichos e vaidades
Determinantes da nossa recorrente presença neste mundo.*

*As leis que regem o Universo são invariáveis
Desde o despertar das eras perseguimos a contradita
Recaindo nas mesmas carências milenares
Atraídos embora pela visão do Mais Alto
Não sabemos escalar a encosta da montanha.*

*De alguma Fonte de Misericórdia é que vieste
Acompanhar-nos por veredas tão bravias
Ébrios meninos da infância humana
Incapazes de ver no Divino Mestre
O fanal que nos há de guiar na subida
Sob o amparo do Mundo Maior.*

*Tu oras e psicografas um tempo longo
Velando pela longa noite da humanidade
Dentro de um mundo que apenas pressinto.
Graças dou à complacência do Pai
Por esta memorável luz de reencontro.*

*Já não tenho bordão, minha roupa encharcou
Cobre minhas sandálias o pó dos caminhos
Minhas esperanças no mundo uma a uma arruinaram
Enquanto tecias teu refúgio de meio século.*

A CASA AURORA

*Em Uberaba há uma casa
Nessa casa uma janela
Pela qual a luz se infiltra
Com incessante cintilação.*

*Dentro da casa alguém
Espia a noite lá fora
Há uma presença volitante
Guardando luz cintilante
Velando a noite do mundo
O homem doente, a casa de luzes apagadas
Brilhando intensamente na escuridão.*

*Pelas três da madrugada
O galo torna a cantar
No silêncio outras presenças
Formam assembléia de fulgores
Ouvem-se cânticos, louvores
Entoados desde o Mundo Maior
Do tempo além, imensurável.*

*A noite aluiu-se no amanhecer
O céu fulgurou-se de luz
E todo o esplendor dessa aurora
brilhou menos que a casa de Uberaba.*

Se algo te aflige a vida,
Não desesperes. Pensa.

Olha a terra alagada
Prometendo a colheita.

Fita as nuvens imensas
Desfazendo-se em chuva.

Quanto mal de outro tempo
Fez-se a bênção de hoje?

Se alguma dor te fere,
Faze silêncio e ora.

Na sombra que te cerca,
Deus fará nova luz.

EMMANUEL

